Ao Fernando Pessoa,
grande das letras portuguesas,
alto espírito de minha
maior admiração,
ofereço este P. B. X.
no intuito de mais
facilmente poder render
a alta influência do
seu talento, que ajude
a elevar um pouco
o humilde humorista,
pobre aprendiz de letras
que é o

Augusto Cunha

22/7/935

P. B. X.

P. B. X.

por

AUGUSTO CUNHA

1934
LISBOA

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

P. B. X.

por

AUGUSTO CUNHA

1934
LISBOA

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

DO AUTOR

LIVROS PUBLICADOS

1913 — Missal de Trovas (de colaboração com António Ferro) — exgotado.
1930 — Quasi de graça — exgotado.
1930 — O Exame do Meu Menino (2.º milhar).
1931 — Mais Um (3.º milhar).
1932 — Mais Outro (2.º milhar).
1932 — O Processo de Mário Damaso (2.º milhar).

NO PRELO

Direito por linhas tortas (revista do curso jurídico de 1913-1918)

EM PREPARAÇÃO

Contos sem cotação.
Notas meúdas.
A todo o pano (teatro de trazer por casa).
Manual do perfeito desportista.
Da arte de atraír (conferência).
Uma passagem pelo passado (memórias).
O grande sonho (uma viagem pelo futuro).
É preciso mentir (romance).

TELEFÒNICAMENTE...

(MEMÓRIAS DUM ASSINANTE)

AVISO PRÉVIO

TRATANDO-SE de telefones, não ficava bem neste livro um prefácio qualquer.

Isto não é portanto um prefácio.

É uma espécie de aviso aos senhores assinantes; um aviso aos leitores, antes de estabelecerem ligação com êste livro.

É mesmo mais do que um aviso ou explicação das razões que o motivaram, é também uma apologia do telefone.

E de facto merecida.

Na verdade, de entre as mil e uma invenções e descobertas, que facilitaram a vida moderna e contribuíram para o bem-estar e para o confôrto da humanidade, avulta o telefone.

Há quem diga que não.

São precisamente aqueles que por se terem utilizado dêle constantemente, já o não podem ver nem ouvir, esquecendo com a mais revoltante das ingratidões, todos os serviços que o telefone lhes prestou.

Efectivamente, êsse pequenino aparelho negro e luzidio, tão madrugador que nem chega a dormir e tão jovial que nos atende sempre, com o melhor sorriso do seu bocal francamente aberto a tôdas as nossas confidências, êsse grande animador, êsse grande auxiliar da civilização, por tôdas as facilidades que nos dá e por todos os serviços que nos presta, merece justamente a nossa gratidão.

Só pelos passos que nos poupa, pelas massadas que nos evita e portanto pelos cabelos brancos que nos retarda, merecia o nosso reconhecimento mais sincero.

Mas êle vai mais longe, porque não descansa no seu afan de nos ser útil, prestável e proveitoso.

Verdadeiramente infatigável, é mais do que um secretário ideal, porque é também o companheiro vigilante que nos atende a tôda a hora; que não dorme, que vela por nós, que fica mesmo de guarda à cabeceira da nossa cama, como um cachorro fiel que espera as ordens do seu dono.

Perfeitamente integrado na agitação febril da vida actual, para cuja intensificação êle concorre poderosamente, a sua actividade é extraordinária, porque colabora em todos os negócios, é chamado em todos os casos de sensação, transmite tôdas as notícias, intervém nos actos mais graves da nossa vida, toma parte na preparação de tôdas as solenidades, de todos os conflitos, de todos os grandes factos da vida internacional; e tanto se preocupa com os grandes, como com os pequenos feitos; tanto os que hão-de passar à posteridade, como aqueles de que não reza a história.

Duma paciência evangélica e duma caridade rara no nosso tempo, êle escuta os mais rabugentos e enfadonhos, não se exalta com os mais impacientes, ajuda os aflitos, socorre os fracos, auxilia os namorados, suporta todos os massadores, não se perturba com os mais grosseiros e atura tôdas as impertinências e tôdas as más-criações.

Tão perfeito, que numa santa compreensão da igualdade, tanto escuta as mais altas individualidades, como os mais humildes sêres, dando a todos ouvidos, sem distinções revoltantes ou injustas preferências.

E não pára no seu anseio de se tornar cada vez mais útil, mais proveitoso.

Poderosa alavanca da vida moderna, êle não conhece distâncias, abismos, obstáculos, por mais intransponíveis que possam parecer. Altas montanhas, profundos oceanos, tudo êle galga e transpõe como um novo gigante de maravilhosas botas de tragar léguas. E como um titânico polvo, vai estendendo sempre os seus tentáculos metálicos por êsse mundo fora.

A sua voz potente cruza os mares e os continentes sem fraquezas nem desfalecimentos, qual Romão Gonçalves de grandes proporções.

▲

Isto bastaria já para o recomendar como um dos principais factores do progresso e do confôrto sociais e para o considerarmos como elemento imprescindível da nossa felicidade.

Se na outra vida existe a bem-aventurança e no céu podemos gozar duma felicidade perfeita, é porque no céu deve haver, pelo menos, um telefone por chamadas.

Se tem surgido há quarenta séculos no Egipto, o telefone tinha sido adorado como um Deus.

A mágua que nos faz, o pensarmos em quantas guerras, quantas catástrofes e calamidades êle poderia ter evitado, se tivesse surgido ao menos uns séculos antes, se a sua influência se pudesse ter feito sentir noutras idades, noutras eras.

Que diferente seria hoje a história, se Nero, por exemplo, pudesse ter tido à sua disposição um P. B. X., se Robespierre pudesse ter usufruido um automático, se Cleópatra pudesse ter instalado no seu *boudoir* uma tomada de corrente.

Se Adão no paraíso pudesse ter gozado já desta facilidade de comunicações, quantos dissabores nos teria poupado, quantas misérias, quantos infortúnios.

Ter-se-ia decerto aconselhado com o Padre Eterno, antes de trincar o saboroso fruto proïbido, ou talvez nem o tivesse tentado sequer.

Pelo menos não o teria feito de modo a engasgar-se, porque poderia ter chamado alguém que lhe batesse nas costas ou que o curasse a tempo.

Não um clínico decerto, porque entre o mal de ficar engasgado com a maçã ou com a conta, não hesitaria; teria optado pelo mal menor, pelo primeiro; mas qualquer entidade celeste, que o libertasse a êle e nos tivesse libertado a nós, de ficarmos também engasgados pelos séculos fora.

Por tudo isto e o mais que o leitor inteligente suprirá, o telefone era digno não só dêste livro mas de muito mais.

De resto os milhares de frases, os variadíssimos diálogos, as confusões, os mal entendidos, os enganos; as mais diversas lutas de interêsses, de ambições e de sentimentos; as mais palpitantes notícias, intrigas e revelações que constantemente cruzam os fios duma grande rêde telefónica, poderiam ser a fonte inesgotável, não apenas dum livro, mas duma biblioteca inteira.

Êste livro não traz mais que uns pálidos reflexos dêsse palpitar constante e febril da vida moderna, alguns dos muitos casos que diàriamente se desenrolam nessa teia gigantesca de comunicações.

E nele foi escolhida de preferência a nota alegre, ligeira e pitoresca da vida intensa que se repercute nesse grande emaranhado e complexo labirinto dos fios telefónicos.

Também para que êste livro possa agradar a todos, tanto aos alegres, como aos tristes, tanto aos que gostam de rir, como aos que ainda preferem chorar, vão nele espalhados, de onde em onde, uns fiositos de sentimento e de tristeza, que fazendo uns curtos parêntesis na alegria dominante, poderão contribuir para avolumar um pouco êste vale de lágrimas.

Depois para que todos pudessem perfeitamente apreciar a comodidade actual do telefone, era pre-

ciso também pô-lo em confronto com as várias fases porque passou, até atingir a perfeição que hoje possui.

Por isso se intercalam alguns contos, que fazem por assim dizer um pouco da sua história, para que todos possam avaliar pelo que foi, aquilo que hoje é; o que hoje vale.

Desde os tempos em que o telefone era quási apenas um instrumento de tortura e de martírio, até que, de progresso em progresso, atingiu a precisão automática que actualmente nos oferece, vai um abismo.

Podermos estar hoje em comunicação verbal com os mais afastados países, podermos até descompor de viva voz, um patife qualquer que se raspou, por exemplo, para o Brazil, sem nos dizer água vai ou por êste barco me sirvo, obrigando-o a escutar, a-pesar disso, as nossas justas recriminações, e a ouvi-las das boas, que nos estavam atravessadas no pensamento, é um prazer só próprio ou digno de Deuses e neste caso — pelo preço das chamadas — de milionários.

Neste crescendo de perfeições, são mesmo de prever as qualidades que pode alcançar ainda, as facilidades maiores que ainda nos pode dar.

Porque é lícito supôr, que num futuro pouco distante, a sua automática perfeição irá ao ponto de nos poupar mesmo o suplício de atender um maçador ou de tratar qualquer negócio, bastando comunicá-lo ao bocal do aparelho, para que êle nos resolva o assunto por si próprio e se encarregue de aturar o importuno e de nos descartar dêle, automàticamente também.

Nada já nos surpreende e nada nos pode hoje parecer inatingível, habituados como estamos a tantas maravilhas.

▲

Mas poderão dizer-me:

— Porque só trata êste livro de telefones e de assuntos que com êles se prendem ou com êles têm ligação?

— É afinal uma obra literária ou apenas um rèclame?

Nem uma coisa, nem outra.

Apenas uma obra ligeira, de boa disposição e de bom humor, apenas um assunto como qualquer outro e o desejo de contribuir para a utilidade geral.

Pôr desinteressadamente em fóco tudo aquilo que nos é útil na vida, é um dever de todos que não conhecem a gratidão apenas do dicionário e não se deixam dominar só pelo egoismo, nas coisas que lhes dão prazer e comodidade, não as recomendando ou revelando aos outros.

Mesmo porque neste caso, quanto maior fôr o número dos que se convençam da utilidade do telefone, maior valor social êle terá também, para cada um de nós.

Já a Companhia o fez sentir a propósito do aniversário do seu meio século de existência, pondo em confronto a sua primeira lista de duas dúzias de subscritores, com os trinta mil assinantes que hoje possui e que dão portanto a cada telefone, um valor trinta mil vezes superior ao primitivo.

Nessa lista aconselhava mesmo todos os assinantes no seu próprio interêsse, a concorrerem para a

valorização dos seus respectivos telefones, ajudando-a a convencer os teimosos e os rotineiros.

Pois pela nossa parte cá estamos, nessa cruzada civilizadora, convencidos também, como os pescadores, de que quanto maior fôr a rêde, mais peixe se pode apanhar; neste caso, maior número dos nossos semelhantes podemos ter ao nosso alcance, dentro do âmbito cada vez maior das nossas chamadas e das nossas rápidas comunicações.

Há quinze anos que o meu telefone, que já tem cabelos brancos, vê anualmente aumentar o seu raio de acção; e é por isso que vem assim reconhecido e pela voz do seu dono, contribuir para que o seu âmbito seja ainda maior, possa ir até ao infinito.

Simplesmente, como antigo assinante que sou, cumpre-me lembrar à Companhia, que esta sincera e veemente apologia do telefone, não justifica de modo algum, qualquer aumento de preço das suas assinaturas.

E a-pesar-de não ter procuração de todos os assinantes que me lerem, faço-o absolutamente convencido, de que neste ponto também, todos estão comigo de bôlsa e coração.

Êsse aumento só iria diminuir o nosso entusiasmo e esfriar o calor das nossas apreciações.

É mesmo êsse o melhor de todos os processos de resfriamento conhecidos.

Porque com aumentos excessivos nas despesas, ficamos sempre abaixo de zero... nas receitas.

Mas seja como fôr, se quem me lê é uma senhora interessante e se não tem ainda um telefone, instále-o imediatamente, porque assim, além de concorrer para a intensificação das comunicações e de ficar mais integrada na vida social, fica na rêde e — sabe-se lá — se eu um dia por ventura lhe quizer fazer a côrte, fica assim também mais ao alcance das minhas frases madrigalescas.

MANUAL DO BOM ASSINANTE

PARA que cada um de nós o seja por uma forma perfeita, precisa de ter sempre bem presentes as seguintes regras:

Em primeiro lugar deve um assinante que se preza de o ser, pagar a sua assinatura ou renovar as chamadas, quando elas por ventura, ou melhor por desventura, se esgotarem.

Depois para falar bem ao telefone devemos tirar o auscultador do descanso, mesmo que seja em dia de descanso semanal.

Isto para o auscultador é na verdade uma violência, porque todos têm o direito de descansar; mas não há outro remédio.

Ao mesmo tempo devemos aproximar bem a bôca do bocal do aparelho, como se o fôssemos oscular carinhosamente.

Quem não esteja muito habituado a semelhantes rasgos de ternura, só o consegue depois de ver meia dúzia de filmes sortidos, daqueles em que as estrêlas e os estrêlos ràpidamente e por tôdas as formas os

poderão elucidar, àcêrca de tôda a possível ginástica osculatória.

Convém no entanto ao telefone, não exagerar essas expansões e não seguir tanto ao vivo os exemplos das estrêlas, a-fim de evitar que o senhor que fôr falar a seguir, vá encontrar o aparelho a suar em bica e tenha de fazer escorregar as suas frases, por entre o produto caudaloso das glândulas salivares do senhor que o precedeu.

Depois, se é telefone manual, só tem que esperar que a voz, sempre maviosa, de qualquer das meninas da estação, lhe pregunte curiosamente: «número»?

Nesta altura se quem está ao telefone é estudante ou polícia ou guarda republicano, convém não estar distraído e não responder por engano o número que tem na sua turma ou na sua companhia ou corporação.

Á pregunta «número»? não responder, por exemplo, o 34 da 5.ª, ou o 57 da 1.ª, mas sim prontamente o número que tiver encontrado na lista.

Parecendo que não, todos êstes detalhes são necessários, porque são vulgaríssimos os casos dos que debutam ao telefone e pretendem, por exemplo, ouvir pelo bocal e falar pelo auscultador, ficando com o aspecto de que vão tocar a recolher ou fazer um solo de cornetim; e creio mesmo que se tem dado vários casos lamentáveis de debutantes, que ao saberem que têm primeiro de consultar a lista, vão lêr a lista da Santa Casa.

Se porém o telefone é automático, o caso é mais complicado.

Para não correr o risco de ficar indefinidamente

indeciso e pendurado do auscultador, é preciso conhecer bem todos os sinais.

Ora para isso não é necessário consultar um sinaleiro, como à primeira vista pode parecer ou ter o sinal aberto em qualquer tabelião.

Basta ter um bocadinho de ouvido e saber distinguir os vários sons com que êsses aparelhos nos podem deliciar.

Para quem fôr músico e souber um pouco de harmonia, torna-se então facílima a distinção.

Logo que o aparelho nos transmita um som parecido com o duma panela de água a ferver, que é o sinal de marcar, a gente mete nos vários orifícios do disco numerado, até formar o número que se deseja, a ponta do dedo indicador; quem tenha as unhas compridas, basta-lhe quási meter a unha, que é uma coisa em que todos nós hoje somos peritos.

É portanto uma operação que se faz ràpidamente, que se faz assim a bem dizer, na ponta da unha.

Isto feito, temos então que distinguir os vários ruídos, os vários zumbidos mais ou menos sonoros e prolongados que nos podem surgir e de que só com a prática podemos fazer uma distinção rápida e infalível.

Se porém depois de fazer girar o disco não ouvimos o mais ligeiro zumbido, nem sequer o de um mosquito, é porque estão a decorrer alguns minutos de silêncio e devemos desistir. Se pelo contrário ouvimos um ruído maior, um grande estrondo, então o melhor é fugir porque deve ser alguma bomba.

O telefone dá-nos também a faculdade esplêndida de falarmos para fora de Lisboa e mesmo para o es-

trangeiro, para os mais distantes países, fazendo até com que a nossa voz, como a voz de titans ou de gigantes, atravesse os mares, nunca dantes navegados, por esta forma tão rápida e fulminante.

E coisa rara, para os mais distantes pontos do estrangeiro nem sequer é preciso falar alto. O que é preciso é estar alto de massas. É êste mesmo o caso mais evidente em que o silêncio é de oiro.

Mas quem o quiser quebrar, não tem mais que dizer no telefone manual esta palavra mágica: *Inter-urbanas*. E imediatamente nos transportam em espírito e de viva voz às mais remotas paragens.

A quem parecer estranha esta frase *Inter-urbanas*, convém explicar que se refere às linhas do Estado.

Parece que seria mais simples dizer apenas «Estado» em vez de *Inter-urbanas*. Era, pelo menos, mais rápido.

Mas é que dava lugar a confusões. Podia qualquer de nós dizer «Estado» e a menina que nos atendesse estar distraída e responder naturalmente: casada, solteira, viúva.

Como se vê, tudo tem a sua explicação.

▲

Mas para que êste manual seja completo e útil a todos os que pretendam usar êste meio rápido de comunicação, há que fazer também a explicação dos vários termos, aparelhos e modalidades que o serviço telefónico nos pode apresentar.

Temos assim por exemplo o telefone simples, manual ou automático, sem mais nada; e temos o telefone magnético, o telefone de várias côres, o telefone

com lagarto, com Time Saver, com ficha ou tomada de corrente, com P. B. X., com asseptofone e outras complicações.

▲

Os telefones coloridos, são, é claro, muito aconselhados para pessoas que não gostam de desmanchar o conjunto dos seus interiores, mantendo a harmonia dos tons, sem a mais ligeira nota que os possa ferir.

Devem apenas para isso dispor também de muitas notas.

Certa milionária, levou mesmo o seu cuidado ao ponto, de ter um telefone para cada *toilette* que vestia e nunca se fazia vermelha quando estava, por exemplo, a falar a um telefone verde.

Por fim o marido é que se viu azul com tantas exigências e teve de se contentar com um telefone vulgar, todo negro e de luto pesado em sinal de sentimento.

Mas com o progresso que estas coisas vão tomando, não me custa acreditar no aparecimento de telefones de várias formas e feitios, disfarçados por exemplo em jarras e bouquets de flores, por forma a que uma senhora possa estar discretamente no seu *boudoir*, dando a impressão de que aspira o perfume dum lindo ramo de cravos, quando afinal está falando a um telefone silencioso. E depois, além dos telefones de côres, aparecerão os telefones às riscas, os telefones de vários estilos e mesmo os telefones que mudem de côr, de aposento para aposento, em estilo camalião.

▲

Outra espécie, é o telefone com lagarto de parede. Êste, além da vantagem de ser mais cómodo, porque não nos cansa o braço e estende e encolhe à medida dos nossos desejos, é muito recomendável aos supersticiosos.

Todo aquele que possua um dêsses aparelhos, ao ver entrar no seu escritório um cavalheiro que o encaliste ou com quem tenha um certo azar, em vez de o dizer alto e de lho fazer sentir malcriadamente, estende e encolhe três vezes o aparelho na direcção do recêm-chegado e sente um alívio igual ao que sentiria se dissesse: *Lagarto, lagarto, lagarto...*

▲

Há também o telefone com Time Saver (Telephone index) que é uma espécie de store ou de tabuínhas de correr, onde se podem escrever os vários números com que habitualmente temos de falar.

É por assim dizer o telefone com babete, muito útil principalmente para pessoas que ao falar deitam muitos perdigotos, que sem essa protecção iriam sujar o aparelho.

▲

Os telefones com ficha são aqueles que não estão sempre fixes no mesmo sítio. São os telefones vádios, ambulantes de compartimento em compartimento, que nos seguem por tôda a casa como gatos de estimação.

São os chamados telefones com tomadas de corrente.

Ao facto de um sujeito distraído estar falando a um telefone e alguém lhe subtrair o relójio e a corrente, pode também chamar-se com propriedade uma tomada de corrente.

▲

O telefone com P. B. X. é sempre um telefone de X. P. T. O., porque quem tem a maçada tôda é quem faz as ligações. A gente só tem que atender os maçadores que nos vêm subscritados directamente.

▲

Existe ainda o telefone magnético, das estações extra-urbanas, que além de ser um aparelho muito decorativo e de lindos e harmoniosos sons, é muito simples de manejar, principalmente para quem tenha uma certa prática de manivela de realejo. E não se presta muito a confusões entre o bocal e o auscultador que estão num pé só, perfeitamente adaptáveis aos sítios a que se destinam, dando até a quem os utiliza — já pela forma do bocal, já pela sonoridade das suas campaínhas — a impressão de que toca saxofone num ruidoso jazz-band.

▲

Para os que ainda acreditam em micróbios e levam os cuidados pela sua pessoa, ao ponto de se acautelarem e lutarem contra êsses sêres invizíveis, com emoção e violência igual à que empregariam numa caçada às feras, fornece também o telefone um aparelho capaz

de dar tranqüilidade de espírito aos mais desconfiados e exigentes: É o *asseptofone.*

À primeira vista, pelo nome, pode parecer que se trata de um novo naipe de orquestra ou componente de filarmónica, destinado a fazer as ligações por música e a compasso... pelo menos de espera.

Mas não; trata-se simplesmente duma verdadeira armadilha contra tôda a espécie de micróbios, não apenas para os micróbios incautos, desprevenidos e inocentes, mas até para os mais hábeis e sabedores.

O aparelho que se adapta ao bocal do telefone, tem um dispositivo antiséptico de grande poder esterilizante e tem todo o ar de um passador de leite, agarrado ao bico de qualquer recipiente dêsse líquido.

E assim, qualquer micróbio, por mais corajoso ou virulento que seja, ao chegar junto do passador, perante aquele cheiro a cânfora ou naftalina com que não contava, fica passado e já não passa dali. Começa aos vómitos, leva as mãos à cabeça e cai, irremediàvelmente perdido, dentro do bocal do aparelho.

▲

Êste instrumento é, além disso, esplêndido no inverno em certos casos.

Um chá de limão ao deitar, bebido pelo bocal do asseptofone com aquele sabor a cânfora, é ótimo para assinantes muito dados a constipações.

É também de muito bons resultados em telefones freqüentados por namoros muito verbosos, que demoram as ligações por muito tempo. Com aquele cheiro a naftalina, não há nenhum apaixonado por mais entu-

siasmado que esteja, que se agüente em «flirt» ou êxtase sentimental por muito tempo, sob pena de cair tambem redondo como qualquer micróbio.

▲

Utimamente apareceu ainda o *aptofone*, um aparelho telefónico elegante, cómodo, portátil e decorativo, que custa apenas cem escudos.

À primeira vista lembra um enchido de *fois-gras* colocado na montra de um salchicheiro.

Ao utilizá-lo, à hora do lunch, a gente pode mesmo dar a impressão de que foi deliciar-se com um saboroso chouriço de sangue de Castelo de Vide.

É mais prático do que os outros porque se pode ouvir e falar pelo mesmo canudo sem mais complicações; e chama-se *aptofone*, porque só pode falar por êle quem estiver *apto* a dar os cem escudos para a sua aquisição, o que é também um grande canudo para quem não os tiver.

▲

Mas o serviço telefónico atinge cada vez maior desenvolvimento e as comodidades que fornece tomam cada vez maiores e mais acentuadas proporções.

Êste serviço tomou um tal incremento que até já tem um código, o código das estações.

E como última palavra da comodidade, foram criados os locutórios públicos, assim chamados porque os mais loquazes podem ali dar à língua à sua vontade sem incomodar ninguém.

São uns quiosques, espécie de confissionários na via pública, onde cada um, mediante uma pequena moéda, pode confessar a quem quiser o seu amor, as suas dívidas, a sua gratidão, sem que ninguém dê por isso e sem que ninguém o perturbe nas suas expansões.

Êstes aparelhos de cabine envidraçada, estão mesmo destinados a fazer uma profunda revolução nos nossos velhos hábitos e costumes.

Vão ocasionar a morte pura e simples, o desaparecimento rápido e fatal dos antigos namoros de gargarejo, dos pitorescos namoros de quinto andar, de frases ternas ditas aos berros para poderem chegar ao seu destino.

Agora não; tôda a numerosa ala dos namorados nacionais, com as cabines envidraçadas, cómodas, resguardadas do vento e da chuva, sem frio, sem golpes de ar, está garantida contra as gripes e as pneumonias que muitas vezes os ceifavam antes de alcançarem o registo civil.

É certo que muitas vezes iam para o céu, em vez de caírem num inferno; mas quantos também deixavam de subir ao paraíso, a qualquer sétimo céu de águas furtadas.

Desta forma o namôro nacional toma um aspecto mais civilizado, mais distinto, mais europeu.

Sòmente êstes locutórios, têm para nós ainda — povo de analfabetos — uma certa dificuldade.

Em cada uma dessas cabines, para estabelecer a ligação ou para rehaver a moéda quando se não possa falar, é preciso carregar numa série de botões, A. B. e C.

Ora é preciso portanto, para quem os utilize, conhecer pelo menos as primeiras letras ou o abcedário.

Porém, quási podemos garantir que a Companhia, sempre no seu incontestado desejo de bem servir o público, brevemente o irá remediar, colocando junto de cada locutório público, um professor de instrução primária.

1.ª PARTE

OS OSSOS DO OFÍCIO DE BOATEIRO

— Está lá? É o João?

— Sou, quem fala?

— O Forjaz; não me conheceu a voz?

— Ah! Está bom? Então como tem passado?

— Bem; e Você?

— Ótimo. Então o que há de novo?

— Então não sabe?

— O quê? Houve alguma coisa?

— Pois não sabe? Fala-se num movimento; está tudo de prevenção. Parece que há divergências no Govêrno. Consta mesmo que estão algumas fôrças no campo entrincheirado.

— Ah! Sim?

— Sim; a aviação também parece descontente. Fala-se num golpe de Estado.

— Pois não sabia! Muito obrigado pelas suas informações.

— Não tem de quê, João.

— Então adeus, Forjaz.

— Adeus João.

— Olhe ó Forjaz, você sempre vai logo à festa das Maldonados?

— Hum! não sei, não sei; vamos a ver no que isto dá. Adeus João.

— Adeus Forjaz.

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá? O Manuel está?

— Sou eu mesmo.

— Ah! é você. Daqui o Forjaz; como passou? Não lhe conhecia a voz agora.

— É que estava ainda a mastigar; tinha acabado o pequeno almôço...

— Então vim em má ocasião...

— Não, já tinha acabado, diga lá...

— É para lhe contar uma com piada. Acabo de telefonar ao João e de lhe pregar uma partida. Como sabe, êle anda a fazer-me sombra junto da Luísa... a Luísa dos Maldonados. Ora logo temos lá uma festa, como você sabe, e eu precisava de ter o campo livre, sem concorrentes.

— Sim, êle faz-lhe uma côrte muito assídua.

— Pois por isso mesmo eu acabo de o alarmar, com um boato revolucionário. Disse-lhe que se esperam coisas, prevenções, etc.; e como êle a respeito de coragem é o que nós sabemos, está a ver que logo não põe lá os pés.

— Nem mesmo já põe os pés fora de casa. Foi uma excelente idea. Você é danado, ó Forjaz. É um adversário temível.

— Não acha que foi bem pensado?

— Essa é genial, homem. E logo tem o campo livre com certeza e pode manobrar à vontade...

— À vontadinha...

— E o susto e a arrelia em que o João vai estar o dia todo. É boa; é muito boa mesmo.

— Foi um desarrincanço. Até logo, Manuel.

— Até logo. Você é danado para as forjar, ó Forjaz; marque lá dois tentos que essa é de mestre.

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá? Está?

— Quem fala?

— Daqui o João. É a Julinha?

— Sou, como está você?

— Menos mal. Então sempre vai logo à festa dos Maldonados?

— Claro que vou.

— Mas você não ouviu dizer nada?

— A que respeito?

— De movimentos na rua; parece que há umas divergências...

— O quê, por causa da festa?...

— Não, por causa do Govêrno. Umas prevenções...

— Sim? Olha que maçada.

— Parece que há grandes movimentos no campo entrincheirado...

— No campo... então é na província.

— Não, o campo entrincheirado é em volta da cidade.

— Ah! sim, mas que sensaboria. Nunca mais acabam estas coisas.

— Fala-se mesmo num golpe...

— O quê, já há feridos?...

— Num golpe de Estado...

— Oh! que impressão!

— A aviação parece que também entra no movimento; uma maçada...

— Que arrelia! E logo hoje! Nunca mais deixamos de andar em sustos...

— Mas a Julinha não tinha ouvido dizer nada?

— Eu não. Mas não admira, levantei-me agora; ainda nem li os jornais.

— Bom, então adeus, Julinha...

— Adeus, João; adeus e obrigada.

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá? Está? Está?... É a Ester? Está lá?...

— Estou, estou, quem fala?

— É a Ester?

— Sou, sim, é a Julinha? Mas que aflição é essa? Alguma novidade?

— O quê, também não sabes nada?

— Mas de quê, filha?

— Da revolução; não sabes nada?

— Eu não, filha, mas diz lá; temos outra vez dança?

— Dança deviamos ter à noite, mas estou a ver que fica tudo transtornado.

— É verdade, era hoje a festa das Maldonados. Mas então o que há?

— Vai por aí o diabo outra vez. Parece que as tropas já estão tôdas entrincheiradas em volta da cidade.

— Valha-me Deus! E nós muito descansadas.

— A aviação parece que vai entrar tôda no movimento...

— Calcula! Onde é que a gente se há de meter?...

— Tu não tens cave?

— Tenho só a da porteira, mas ela é muito malcriada.

— Ó filha, nestas alturas não se olha à boa educação.

— Sim, antes uma grosseria, que uma bomba.

— Enfim, isto é uma trapalhada, o Govêrno parece que não se entende. Fala-se em golpes terríveis...

— Então já há feridos?

— Parece que sim, filha, um pavor...

— Bom, adeus, filha, e obrigada pela prevenção.

— Adeus, Ester, não saias, tem cuidado.

— Isso sim; o que vou é mandar já uns bôlos ao pequeno da porteira.

. . . . . .

. . . . . .

— Quem fala é a Margarida?

— Sim.

— Daqui a Ester.

— Estás boa?

— Estou, então já sabes o que há?

— Onde, filha?

— O que se prepara para logo.

— Em casa das Maldonados...

— Não, filha, o movimento revolucionário.

— Que me dizes!!

— Sim, filha, estão as tropas tôdas na rua; a cidade está completamente cercada; já abriram trincheiras e a aviação vai bombardear tudo.

— Então e o Govêrno?

— O Govêrno não se entende, parece mesmo que já se demitiu. Há já imensos feridos...

— É extraordinário! Mas eu não ouvi nada...

— É que estavas a dormir com certeza.

— Sim levantei-me agora mesmo.

— Estás como eu; só agora é que me disseram. Adeus, filha...

— Ora não há! Uma destas!! Assim sem ninguém esperar...

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá?

— Está, está, quem fala?

— É o Luís? Daqui a Margarida.

— Oh! como passou? Está boazinha? Ainda bem que lhe passou aquela teimosia sem fundamento. Sempre telefonou. Eu já esperava que antes da festa desta noite...

— Pois é por isso mesmo. É que naturalmente não posso ir...

— Mau, continuamos na mesma...

— Não, escute; e você também não vai, peço-lho eu...

— Essa agora! Porquê?

— Sim, não faça imprudências, não saia de casa, não me vá dar algum desgôsto...

— Ó filha, mas não percebo...

— Pois você também não sabe, o que por aí vai de tropas em movimento!...

— Palavra!!

— Ó homem, você anda na lua? Tôda a gente o

sabe. Está tudo cercado, já ninguém pode sair da cidade.

— Nesse caso tropas da província, um movimento que veio de fora?

— Eu não sei se veio de fora; o que sei é que está cá dentro e que já liquidaram o Govêrno; sei que a aviação se prepara para bombardear a cidade, que já abriram trincheiras em vários sítios e há feridos por tôda a parte... que mais quere? Ainda acha pouco?

— Feridos?

— E alguns mortos também...

— Mas espere, mas nesse caso deve ser o movimento que se esperava, da artilharia que estava concentrada em Tancos, ou talvez da Guarnição do Sul...

— Pois sim, ou do Norte ou do Sul, o que é certo é que nós estamos no centro e sofremos de qualquer forma...

— E não será coisa vermelha?

— Lá a côr não lhe vi; eu é que já estou branca de susto por mim e por si, que é sempre um imprudente nestas coisas...

— Não, que idea, vou agora sair com uma destas. Mas não foi nada que eu não esperasse. Eu sempre disse. Isso afinal não me surpreende...

—Ora ainda bem; então não saia, veja lá.

— Não, filha, esteja descansada...

— Adeus, Luís.

— Adeus, Margarida, e ao menos pense em mim, já que hoje não me pode ver...

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá? É o Lopes?

— Sou, quem fala?

— O Luís...

— Ah! viva, então como vai isso?

— Então por êsses lados o que há? Como está isso por lá?

— Por cá tudo bem, obrigado. O António é que está com a gripe, mas nada de cuidado...

— Mas na rua...

— Não, está em casa, ainda não sai...

— Não é isso... na rua o que há?... O movimento...

— O movimento é sempre enorme; aqui na baixa é sempre assim... Mas que interêsse tem você em saber isso?

— Mau, não é isso, falo de movimento de tropas...

— O quê, há parada?

— Qual parada! Da bordoada é que eu falo. Você ainda não sabe nada?

— Pois você ainda não me contou coisa nenhuma.

— Ó homem, pois vai por aí o diabo, ninguém se entende. O Govêrno já está demitido e ninguém sabe dêle; as tropas do Sul cercaram a cidade; já bombardearam vários pontos onde abriram trincheiras; há imensas baixas de parte a parte...

— Que me diz! Baixas aqui na baixa!

— Não, estas por emquanto são na alta e são de alto lá com elas...

— Então é coisa séria...

— Pois claro, não foi nada que eu não tivesse previsto. Você com os seus otimismos não acreditava; agora aí tem...

— Homem, então conte lá, conte lá isso?

— Eu nestas coisas nunca me engano. Deve ser aquele movimento envolvente de que eu lhe falei. Eu apanho-as no ar. Eu sempre disse que aquela visita do Comando da 1.ª Divisão ao Sul, levava água no bico.

— Mas oiça lá, mas a Guarda Republicana?

— Não sei, parece que não se entende; nem se ouve falar dela. A aviação é que já anda em evoluções e já lançou algumas bombas...

— Oh! Com os diabos. É pior do que eu supunha! Eu efectivamente há bocado... parece-me que ouvi uns tiros.

— Então aí tem! Eu p'ra êste lado ainda não ouvi. Mas por aí já se vai sentindo; então aí está... Não há dúvida nenhuma. Bom, adeus, vou telefonar ao Chico a saber novidades. E você tenha cautela, vá tomando já as suas precauções...

— Já se vê, já se vê. Adeus, Luís, e obrigado. Vou telefonar ao Martins e à Rosa.

— Adeus ó Lopes, e vá avisando do que souber.

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá? Está lá? É o Forjaz?

— Sou, quem fala?

— Daqui o Júlio.

— Olá, viva. Então como vai isso?

— Menos mal...

— Você telefonou em má altura, estou com a cara meia ensaboada.

— Essa agora! P'ra quê?

— Estou a fazer a barba...

— A esta hora!

— Então. Estou a arranjar-me para ir à festa das Maldonados. E são sete e meia, já não tenho muito tempo.

— À festa! Mas você não está bom. Você levantou-se agora?

— Sim, dormi um bocado durante o dia, para me agüentar até de madrugada.

— Eu logo vi, que você ou tinha estado a dormir ou tinha estado na lua...

— Mas porquê?

— Pois você ainda pensa em sair hoje?

— O quê, você já não sai, não vai à festa?

— Já não saio, nem cheguei a sair mesmo de casa hoje. Você pelo que vejo está perfeitamente em branco...

— Estou a pôr-me de ponto em branco para ir ao baile...

— É o que eu digo, está muito contente e nem suspeita do que por aí vai...

— Mas aonde?

— Homem, está a revolução na rua, está tudo sitiado, estamos sôbre um vulcão. À noite é que vão ser elas...

— Isso sim. Isso deve ser boato...

— Chame-lhe nomes. Pois fique sabendo que está tôda a Guarnição do Sul...

— Do Sul e Sueste se calhar...

— Ah! Você leva o caso de brincadeira e depois vai ver como elas lhe mordem.

— Homem, mas você já tinha idade para não acreditar em boatos...

— Ó Forjaz, mas você que tem estado a dormir todo o dia, vem agora com essas fumaças de scéptico

para mim, que tenho levado todo o dia a telefonar para vários lados, a colher informações de pessoas amigas e estou portanto bem ao par do que se tem passado...

— Mas palavra? Isso é a sério? Mas então o que há?

— O que há! Ainda você me pregunta. O que não há daqui a pouco é que você deve dizer; porque isto vai tudo razo. Os hospitais estão a abarrotar de feridos, abrem-se trincheiras por tôda a parte...

— Mas nesse caso já começou?

— Há que tempos. Homem, ainda há pouco se ouviram os tiros distintamente, ali para os lados da rua Morais Soares...

— Mas espere, havia hoje o entêrro dum general, naturalmente eram as salvas...

— Eu estou a ver é que ninguém se salva desta meu amigo. Ainda há pouco ouvi uma, rebentar bem perto.

— Talvez alguma câmara d'ar...

— De dar para baixo é que elas são...

— Homem, mas nesse caso, será verdade?

— Não tenha dúvida, está tudo a concentrar-se; tenho informações seguras... Há já imensos mortos...

— Esta agora!! Nem você imagina como isso me surpreende. E eu que estava para ir à festa das Maldonados.

— Não caia daí a baixo.

— Pois não, está claro. Mas olhe que é extraordinário; há coisas que parecem pressentimentos...

— Você tinha sonhado com isto...

— Não, é cá por outra coisa. Bom, até àmanhã, ó Júlio, e obrigado pelo aviso.

— Adeus, Forjaz, não tem de quê; era o meu dever

avisar os amigos. Não tenho feito outra coisa todo o o dia. Boa noite, durma bem...

— Que remédio; vou acabar de fazer a barba e vou já p'rá cama.

— Nem vale a pena, faça o resto da barba àmanhã; talvez assim as granadas não o reconheçam.

— Adeus, Júlio, nem você imagina como isto me aborrece.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

— Está lá? É o Forjaz?

— Quem fala?

— Daqui o João.

— Ah! Está bom? Dormiu bem?

— Isso devo eu preguntar-lhe a si. Então você não apareceu na festa das Maldonados?...

— Na festa! Mas como!

— Teve mêdo dos boatos...

— O quê, mas você foi?!

— Pois já se vê. E afinal não houve nada. Aquilo que você me disse de manhã era boato com certeza.

— Palavra? Mas então não houve nada...

— O quê? Em casa das Maldonados?

— Não, na rua.

— Isso sim. Tudo sossegadíssimo. Mas o que é extraordinário é que não foi quási ninguém à festa.

— Foi uma sensaboria!...

— P'ra mim não. Estive tôda a noite a conversar com a Luísa...

— O quê! Ela sempre foi?!!

— Pois está claro; e estivemos tôda a noite a troçar dos medrosos que se assustam ao primeiro boato que aparece...

— Ah! sim! Tem muita graça...

— Bom, adeus, Forjaz.

— Viva, amigo... passe bem.

O PERIGO DAS PRECIPITAÇÕES

— Quem fala?

— Maria...

— Ah! és tu, Maria. Ainda bem que falaste, Maria Amélia. Vinha agora mesmo telefonar-te. Já hoje tentei ligar para lá duas vezes e nada.

— Mas...

— Era para trocar impressões contigo àcêrca do baile de ontem em casa da Maria Luísa. Do baile é favor, daquela borracheira...

— Ah!

— Parece impossível que se tenha o desplante de convidar alguém para uma estopada daquela ordem. Eu não sei porquê, já o previa. E se fui, foi apenas para fazer a vontade ao Carlos, que é amigo do marido da Maria Luísa. Eu mal a conheço; falei apenas com ela uma vez, de fugida. Quando recebi o convite ainda quis recusar; mas o Carlos teimou e não tive outro remédio.

— Ah! sim!

— Tu é que andaste bem não pondo lá os pés. Mas

tive pena; sempre nos teriamos rido um pouco com aquilo tudo. Ah! mas não imaginas o Pirismo! Certos convidados dum cómico irresistível. No fundo afinal diverti-me. E estava ansiosa por contar-te as minhas impressões. O que eu me lembrei de ti! Então em certos momentos! Por exemplo, ao chá, filha; não imaginas. Disse comigo: ai a Maria Amélia se aqui estivesse, com o feitio trocista que ela tem! Não podes fazer idea. Os convidados eram muitos e o apetite dalguns era de três dias seguramente; mas os bôlos é que eram poucos, e alguns parece que eram de três dias também. Ai o que eu ri depois com o Carlos.

— Sim?

— Não imaginas; também foi o que valeu. O mais foi uma sensaboria. Uma das pequenas da casa que aprende canto, pregou-nos uma daquelas injecções de fífias, que era de arrepiar os cabelos do mais calvo. Olha, eu parece-me que o próprio capachinho do Gustavo, tinha os cabelos em pé. E depois a pretensão da pequena. E as *toiletes*, menina! Ai as *toiletes*. Alguns tipos perfeitos de comédia burlesca. Estás ouvindo?

— Estou, estou...

— O teu aparelho não está hoje muito bom, não se ouve bem a tua voz. E tu ouves-me bem?

— Oiço, oiço...

— Ah! mas não calculas. Depois no baile é que foi o bonito. A Maria Luísa, para se dar ares, convidou imensa gente; mas as salas são uns cochichos e aquilo era como sardinha em tigela. Também não admira; tratava-se dum salsifré de meia tigela. Ai que bem apanhados! Que pena não teres ido. E a música! O

jazz-band! Com certeza contratado nalgum café manhoso. Muito desafinado, músicas já muito batidas; um horror. Ai filha, acho que quem não pode fazer uma coisa em termos, não dá festas. Principalmente quem não tem casa capaz para isso. E aquela, além de acanhada, é dum mau gôsto em tudo, pavoroso.

Por fim, no quarto muito estreito onde puzeram os abafos das senhoras, foi uma confusão, uma trapalhada, ninguém se entendia; um inferno. Até lá me ficou aquela caixita de prata dos cigarros, que o Carlos me tinha dado.

Tinha-a no bôlso do casaco com certeza. Mas quando o fui vestir tinha desaparecido. Disseram-me que naturalmente estaria caída, que depois se procurava. Eu sei lá. Se calhar, alguém lhe deitou a mão. Era uma tal gentinha...

— Pois minha senhora, foi precisamente por causa dessa caixita que eu agora lhe telefonei...

— O quê?

— Sempre se encontrou e vinha participar-lho.

— O quê? Mas então, quem fala? Não é a Maria Amélia?...

— Não, minha senhora... é a Maria Luísa...

— ?!!!...

COMO COMEÇA

— É a Madalena?

— Sou; quem fala?

— Veja se adivinha.

— Não sou forte em adivinhações.

— Veja se descobre. Gostava de experimentar se a minha voz lhe tinha ficado no ouvido.

— Não tenho ouvido nenhum.

— Nem para a música? Mas você canta tão bem!

— Sim, para a música talvez. Mas naturalmente não me falou por música como nas óperas.

— Nunca tive queda para as óperas. Desejo apenas ter queda para as operações quando terminar o curso.

— Parece-me que já sei de quem se trata.

— Agora já não é dificil adivinhar.

— É o Luís...

— Exactamente...

— O que me quere?

— Se não a importunasse desejava conversar um pouco.

— Que desejo tão inesperado!

— Tem razão para estranhar. Mas preciso falar-lhe.

— Mas o que aconteceu?

— Nada de extraordinário; isto é, acontecer, aconteceu...

— Assusta-me! Mas o que foi?

— Não, não é caso para sustos; não é nada de gravidade; isto é...

— Mas explique-se...

— O que aconteceu foi a mim próprio...

— O quê, caíu? Feriu-se?

— Não, não; isto é, na verdade, feri-me...

— Ora, coitado! Então como arranjou isso?

— Não arranjei, arranjaram-me.

— Agrediram-no?

— Não; isto é, efectivamente...

— Oh! senhores, mas que hesitações! Conte por uma vez como foi isso...

— Pois bem, seja.

— Ora até que enfim. Onde é então o ferimento?

— O ferimento... é... no coração.

— Oh! coitado, alguma facada?

— Não.

— Um tiro? Mas ainda fala; não é então de gravidade...

— Quanto mais me dói, mais vontade tenho de falar, de dizer tudo, de lhe dizer tudo...

— Ah! compreendo, deve ser da febre.

— É certo, estou num estado de agitação febril indescritível.

— E o agressor, não o prenderam?

— Não; eu é que estou prêso.

— Essa agora! Foi você que o agrediu primeiro nesse caso...

— Não, foi ela que me vibrou o primeiro golpe...

— Ela! Foi então alguma cena de ciúmes...

— Não. Uma cena de amor.

— Vem tudo a dar no mesmo. Quem foi então essa... agressora?

— Foi... você...

— Eu!!!?

— Sim, que me feriu com o seu olhar, com as suas palavras, com a música da sua voz.

— Ora, ora. E eu a julgar que era outra coisa. Bom, adeus, vou desligar.

— Não...

— Pois se a minha voz lhe faz tanto mal, não quero feri-lo... agredi-lo mais. Já podia ter dito. Ora você! Mas para o que lhe havia de dar hoje!

— Escute. Não seja cruel. Desculpe o que vou dizer-lhe. Creia que hesitei muito...

— Muitíssimo... chegou mesmo a assustar-me.

— Hesitei muito, antes de lhe fazer esta confissão.

— Tem tenção de comungar?

— Há muito já que eu queria confessar-lhe...

— Olhe que eu para confidente, sou perigosa. Não sei guardar um segrêdo.

— Oiça, escute. Deixe-me dizer-lhe tudo o que sinto; os males, os tormentos que me afligem.

— Mas você não tem médico assistente?

— Dêste mal só a Madalena poderá curar-me...

— Não, isso para enfermeira não sou capaz...

— É sim. O veneno e o remédio estão ambos no seu olhar.

— Mas para que bebeu o veneno? Escusava de pedir agora o remédio. Vê, foi imprudente.

— É um veneno a que não se pode resistir; o seu olhar tem um tal poder magnético de fascinação, tem um tal brilho, uma tal intensidade...

— O que me diz! Olhe que não tinha dado por isso! Mas é um perigo para os que me rodeiam. De futuro vou andar só de olhos no chão...

— Não brinque.

— Ou compro uns óculos fumados. Foi bom avisar-me, creia.

— Eu falo sério, Madalena.

— Eu também tinha vontade de o fazer, mas, bem vê, perante êsse seu imprevisto procedimento, essa mania que lhe deu hoje, todo êsse arrazoado madrigalesco, não é fácil conseguir.

— Oiça...

— Não tenho feito outra coisa. E, francamente, os telefones fizeram-se para pressas e não para cavacos demorados. Já vejo que o seu telefone não deve ser por chamadas.

— Isso não tem importância...

— Tem pelo menos a que você terá de pagar. Olhe que vai ficar arruinado.

— Madalena, escute, eu amo-a apaixonadamente...

— Olhe que vai esgotar as chamadas.

— Amo-a loucamente.

— É certo, loucamente; já devem ser algumas 9 ou 10 contando comigo; eu devo ser a décima...

— Madalena...

— Calcule, seria a décima. Olhe que desagradável seria! Ser a décima; lembra assim uma contribuïção.

— E estava bem; seria a sua contribuïção, a forma de contribuir para a minha felicidade. Sim, Madalena, diga que me ama...

— Lá dizer posso; se lhe basta isso...

— Queria que o sentisse também.

— Isso é que já será pedir demais. Compreende que é difícil, assim dum momento para o outro.

— Diga pelo menos que não lhe sou de todo indiferente; que um pouco de simpatia, de afecto, que mais tarde poderá talvez transformar-se num outro sentimento...

— Não insista. Bem vê que é impossível. Bom, adeus, vou desligar.

— Não desligue...

— Pois bem, mais dois minutos de ligação; mas creia que não pode haver entre nós, outra espécie de ligação a não ser esta.

— Pode, sim. A ligação que se estabelece entre duas almas que se compreendem, que se querem, que fôrça estranha impele ao encontro uma da outra...

— Isso é muito perigoso; e eu nunca gostei de choques nem de abalroamentos...

— A ligação sentimental que se estabelece entre duas pessoas que se amam e que sem falar, quási que sem se olharem, se compreendem, numa perfeita comunhão de sentimentos, desejos, aspirações...

— Então, Luís, você delira...

— É que a Madalena não pode avaliar a intensidade do meu amor.

— Assim de longe é difícil. E de resto não estou prática em tais avaliações.

— Permita-me nesse caso que lhe prove a intensidade do meu amor.

— É melhor não entrarmos em provas. Assim, tudo por acabar, fica talvez melhor.

— Não seja cruel. Se me despreza eu faço um disparate.

— Você tem feito tantos. É mais um.

— Creia que se arrependerá; vai ter remorsos.

— Que trágico está hoje! Viu ontem algum drama?

— No estado de excitação a que cheguei, não poderei suportar mais a sua inditerença, o seu desprêzo, as suas ironias...

— E então como vai resolver isso?

— Um tiro resolve tudo.

— Um tiro! Em quem? Está hoje com mau génio!

— Pois bem, vejo que as minhas palavras só lhe provocam o riso, que a sinceridade do meu afecto nada vale para si...

— Pois na sinceridade é que está a minha dúvida. Receio que para evitar que você faça um disparate, vá eu fazer um disparate maior: o de lhe dar ouvidos, de o acreditar.

— Vejo que nunca poderá querer-me como eu lhe quero e por isso não a tornarei a importunar, creia...

— Mas escute... oiça, Luís... o que foi isso?! Luís... Luís... está lá?... está?

— Estou, ainda estou.

— O que foi êsse barulho?

— Foi o auscultador que me caíu da mão sôbre o aparelho...

— Julguei que era já o tal tiro. Que susto me pre-

gou outra vez! Julguei que já tinha disparado, que já tinha feito êsse disparate.

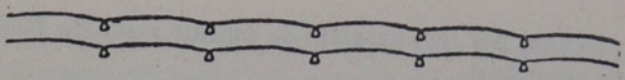
— Ainda não. Só me resta pedir-lhe que me perdõe o que lhe disse.

— Bom, está perdoado. E vou pensar nisso; vamos a ver se me habituo a essa idea, se me habituo a gostar de si.

— Dá-me então uma esperança, Madalena?

— Como está ouvindo. E depois lhe darei conta do resultado das tentativas que nesse sentido vou fazer a mim mesma, ao meu próprio coração; enfim, cá vou procurar ser caridosa e tentar curá-lo; o pior é se o curo completamente, depois de eu própria ter adquirido essa doença; porque isso é contagioso. Enfim, sossegue; é já uma esperança que lhe dou, é qualquer coisa já.

— Obrigado, Madalena, obrigado.



COMO ACABA

— Ouve Luís, porque não tornaste a ligar para cá?

— Ó filha decerto porque já não te ligo nenhuma.

— Mas será possível que assim tenha acabado tudo entre nós?

— Eu nem tenho bem a certeza se começou.

— És cruel! Como depressa me esqueceste!

— Acredita que nunca me lembrei muito.

— Oh! Mas não é possível. Depois de tudo o que me disseste, dos teus juramentos, dos teus protestos...

— Então filha, agora é a tua vez de protestar...

— Quantas vezes me disseste que se eu te quizesse, o teu amor seria eterno...

— É que não me deixavas nunca acabar a frase, que tinha a sua condicional. Seria eterno... se não acabasses antes disso.

— Não; eu via bem que eras sincero nesses momentos.

— Sim, talvez que eu também estivesse enganado, iludido. É que afinal não era eterno; era apenas interno e veio depois à superfície.

— Sim, por isso passaste de repente a ser tão fútil, tão superficial.

— Estava enganado comigo mesmo. Mas afinal a verdade vem sempre ao de cima como vês.

— Não estavas enganado, não. Agora é que mudaste Eu via bem nos teus olhos, na tua voz, nos teus gestos, nas tuas palavras, que era verdadeiro o teu amor. Ainda no último encontro que tivemos, deves lembrar-te como me olhaste, como apertavas a minha mão...

— Apertei a mão, naturalmente para me despedir.

— Vocês são todos os mesmos! Os vossos corações são verdadeiras pedras...

— Que pena não serem preciosas. Ainda renderiam alguma coisa. Assim só nos dão maçadas.

— Todos os mesmos! Todos os mesmos! Cínicos, cruéis, indiferentes ao que nos fazem sofrer, aos golpes que nos vibram e que para sempre nos dilaceram o coração.

— Isso passa.

— Não, que o meu amôr não era igual ao teu. Acredita que não tornarei a ter mais alegria, não poderei esquecer, afogar esta mágua imensa.

— Talvez uns duches...

— Ainda por cima zombas!

— Mas com bôa intenção. Estou a ver se te auxilio, se te ajudo a curar os males que te afligem. Tudo tem remédio, tudo tem cura.

— Já estás habituado a curar destas doenças. Costumas fornecer o antídoto, depois de teres fornecido o veneno.

— Sim, tenho várias receitas. Olha, toma por exemplo uns comprimidos de cinêma tôdas as noites, antes

de te deitares. Convém, para serem bem comprimidos, procurares um cinêma com a lotação quási esgotada.

— Com que alegria tu olhas a minha dor!

— Depois um pouco de exercício todos os dias pelo Chiado, pela Rua do Ouro. Um ótimo exercício; principalmente depois das cinco horas. Desenvolve imenso os braços, pelos vários encontrões que é preciso dar, para romper por entre a turba. Depois uma infusão de chá tôdas as tardes na Marques ou na Benard. E se isto ainda não der resultados satisfatórios, podes tomar um xarope de *flirt* às colheres, duas vezes ao dia, sendo conveniente ser bem agitado antes de usar; e para completar, uns gargarejos na janela tôdas as noites, durante duas horas; e garanto-te que em menos de 8 dias estás curada completamente.

— Imaginas então que tenho ânimo para ir a cinêmas e a chás!

— Porque não! Deves até preferir os chás-concêrto. É a melhor forma de concertar os teus nervos destrambelhados com tais ideas.

— Como estás longe de poder avaliar êste meu mal! Como estás longe de poder avaliar tudo o que sinto! Como te iludes sôbre as minhas intenções, sôbre os meus propósitos!

— Não serão antes despropósitos?

— É possível. Mas que queres, isto é superior às minhas fôrças. Só quero pôr um termo a êste sofrimento, um ponto final.

— Não te precipites, põe antes uma vírgula. Não vás logo às primeiras impressões.

— As tuas frases, a tua ironia afinal, apenas me radicam mais na minha deliberação.

— Olha que é uma ironia sensata. Nunca devemos optar pelos pontos finais, sem ver bem se o período está completo. Olha que às vezes se o tornamos a reler com atenção, acabamos por arredar para mais longe o ponto final e dizemos: isso vírgula; e o período continua com mais algumas orações.

— No meu caso, nem as orações me poderão valer...

— Sempre é bom experimentar.

— Tenho experimentado tudo. Agora só me resta a última experiência, o último remédio, o único infalível.

— Estás folhetinesca! Com frases de heroína de romance a fascículos.

— É certo. Estou no último fascículo, no último capítulo, no epílogo.

— Olha que isso já passou de moda.

— Para o amor verdadeiro não há modas. É sempre igual nas suas manifestações, nos seus resultados, nos seus efeitos. O epílogo vai ser talvez prosaico, banal, vulgaríssimo; tão vulgar como o amôr que o provocou, tão vulgar como a tua própria ironia, como a tua própria indiferença.

— Qual é então o final que escolheste para a novela?

— Acredita que hesitei muito, antes de me decidir. Queria um final rápido, decisivo, infalível.

— Tínhamos então um final pelo suicídio! Mas estás dramática. Palavra que nunca te supuz com tão grande imaginação.

— E olha que me senti embaraçada na escôlha. Será talvez estúpido dizer-te, dar novo alento às tuas ironias, mas acredita que tive grandes indecisões.

— Querias é claro, achar qualquer coisa moderna, original, que désse notícia interessante nos jornais?

— Não; queria simplesmente encontrar uma forma rápida, ainda que brutal, que me desse o fim que eu pretendia. Pensei no lançamento rápido para a frente dum automóvel.

— Ias complicar a vida ao pobre do chauffeur...

— Depois lembrei-me do mar.

— Isso agora no inverno é um pouco desagradável.

— Não brinques. Não queiras avolumar os teus remorsos.

— Pois tu querias que eu te tomasse a sério! Isso só para rir. Sim, essas coisas, hoje, só para folhetins ou para fitas de cinêma.

— Como és cruel!

— Mas continua. Isso tem graça. O que tu fôste buscar! Continua o relato das várias ideas que tiveste para o teu epílogo romântico.

— Sim quero ainda divertir-te um pouco mais. Imagina que até cheguei a pensar num veneno, que em tempos andou muito em moda nos dramas passionais do dia a dia, o velho processo dos fósforos.

— Ó filha, por amor de Deus! Fósforos! Uma rapariga chic, só emprega hoje uma coisa dessas para acender os Abdulas!

— Basta, basta de crueldade, de ironia. Vejo que não mudarás, que serás sempre o mesmo. Pois bem, tranqüilisa-te, que o romance não acabará em farça. Que não adoptarei um final de que te possas rir; que adoptarei um final que não terás vontade de lembrar, que nem sequer terás ânimo de contar aos teus amigos; de que não poderás zombar, fazer espírito; que só te

dará tristeza pela vida fora. Sim descansa que não adoptarei nenhum dêsses cómicos finais... porque arranjei sim... arranjei melhor...

O quê!... O que foi isso!?... Madalena... Madalena... está lá?... Madalena ouve... está?... está?...

. . . . . .

. . . . . .

— Já falou?

— Ó menina estava ligado, estava a falar, faça favor não interrompa...

— Está ligado ainda com o mesmo número. Não cortei a ligação...

— Ó menina então faça favor de tocar para lá... estava a falar com êsse número, mas não sei... o que foi... o que se deu... ouvi um estrondo... parece que uma detonação... como de um tiro... toque para lá... por favor... foi talvez algum fio que rebentou... ah! talvez o auscultador que caiu, que se partiu, que se quebrou ou qualquer ruido do aparelho... talvez aí da estação.

— Estou tocando para lá... mas parece-me que deixaram o auscultador fora do descanço.

— Então dê qualquer sinal... por favor... é uma coisa urgente.

— Estou tocando... mas... olhe já estão a responder...

— Está? Está? Quem fala?...

— Diga, a senhora está? Teve alguma coisa?

— A senhora! Que desgraça! A senhora estava a falar ao telefone... de repente ouvimos um tiro e viemos encontrá-la aqui caída... cheia de sangue!... Foi um tiro na cabeça... Ai que desgraça... e está morta... meu senhor... está morta.

SÓSISMO TELEFÓNICO

— Donde fala?
— 2,9,9,5.
— Ah! mas é o Rufino?
— Não... não... deve ser engano.
— Ah! mas é com certeza...
— Deve ser engano de telefone.
— Do telefone é possível, agora da voz é que não é...
— Está enganada com certeza minha senhora...
— Isso é que não estou...
— Pois eu é que não estou com certeza minha senhora; não estou ainda em estado de não me conhecer a mim mesmo...
— Ah! mas é o Rufino..., é a sua voz...
— É a minha voz não há dúvida... mas não é a do Rufino...
— Ah! mas não pode ser... é extraordinário! É exactamente o tom de voz... a maneira de falar...
— Mas não sou quem V. Ex.ª pensa.
— Ah! isso é qué é, não pode deixar de ser...

— Mas perdão...

— Olhe aí está... exactamente como êle diz... essa frase... êsse «mas perdão...» é o dêle não há que ver.

— Não, perdão minha senhora, êste é o meu...

— Ai não diga que não é...

— Bom, se V. Ex.ª faz muito empenho...

— É que não é possível haver uma semelhança tão grande em tudo, no tom de voz, na maneira de falar, de construir a frase...

— Mas perdão, mas agora estou também a reparar, V. Ex.ª não é a Mariana?...

— Não... não... deve ser engano...

— Ah! isso é que é, eu estava de facto há bocado a achar qualquer semelhança, a lembrar-me dessa voz...

— Ah! mas não sou...

— Não diga isso, é exactamente; eu estava a reconhecer; agora é que me lembrei.

— Está enganado, pode crer.

— Então o seu telefone não é Norte, mil novecentos e...

— Não... não... é telefone automático...

— Bom, mas é que está a falar doutro sítio, mas é a Mariana...

— Não sou tal... nem conheço ninguém com êsse nome...

— Mas cada vez tenho mais a certeza de que é... não há dúvida nenhuma...

— Essa agora!... Já lhe disse que não sou...

— Olhe aí está... exactamente essa maneira de dizer... essa frase «Essa agora» é precisamente... é ela...

— Ó senhores mas que teimosia!

— Mas não se deve admirar; não está também convencida de que eu sou o Rufino?

— Isso é verdade. Cada vez me parece mais.

— Ora aí está. Não vale portanto a pena discutirmos. Pelo menos a minha voz é para si a do Rufino, a sua para mim é a da Mariana.

— De facto a semelhança da sua é perfeita...

— E da sua também. Portanto escusamos de nos zangar e de ter mais discussões. E vamos aproveitar, já agora, êste estranho caso de sósia verbal, por assim dizer. Já sabe o número do meu telefone, dê-me o número do seu e quando eu tiver saüdades da Mariana e V. Ex.ª saüdades do Rufino, não temos mais nada do que pôrmo-nos em comunicação.

— Saüdades só da voz bem entendido.

— Já se vê...

— Já se vê, não, já se ouve.

— Tem razão por enquanto. Podemos apenas matar as saüdades da voz do Rufino e da Mariana; mas quem sabe, pode ser que ainda esqueçamos o Rufino e a Mariana e acabemos um dia por ter saüdades um do outro...

UM NAMORO ORIGINAL

— Não Manuel; é muito imprudente falarmos assim por êste meio. A mamã já anda um pouco desconfiada.

— Parece-me que o meu pai também já estranhou esta demora ao telefone.

— Já vês que não convém. É melhor não falarmos.

— Isso também não. Não posso conformar-me com essa idea. O que podemos é escolher melhor as ocasiões... Olha, por exemplo, quando todos estiverem deitados, como agora. São duas horas, já ninguém utiliza o telefone.

— Mas depois reparam que me vou deitar mais tarde.

— Espera, parece-me que descobri a solução. Tens, como eu, tomadas de corrente em tôdas as casas...

— Em quási tôdas...

— Podes portanto mudar o telefone fàcilmente...

— Pois posso...

— Então aí está; temos tudo resolvido. Levas o telefone para o teu quarto. Eu faço o mesmo. E continuamos assim na cama a nossa conversa, sem que ninguém suspeite. Despe-te, deita-te e põe o telefone

ao teu lado; e assim debaixo da roupa, ninguém dará por coisa alguma.

— Isso é na verdade original!

— Então está combinado. Cinco minutos bastam para nos metermos na cama. Até já...

. . . . . .

— Pronto Luísa eu já cá estou.

— Tem graça, eu acabei agora mesmo.

— Já vês que quando nos casarmos, não teremos de esperar um pelo outro.

— O que é pena, é termos de esperar ainda tanto tempo, primeiro que isso possa acontecer.

— Talvez não. Tenho esperança que tudo se há-de arranjar ràpidamente.

— Eu sei lá, com tantas dificuldades...

— Mas espera, é interessante, já reparaste? Por esta forma, dá a impressão que já casámos, que já nos deitamos juntos.

— Ó Manuel, que ideia!

— Ó filha, é uma impressão como qualquer outra. Confessa que também a tens. O que não queres é dizer...

— Efectivamente...

— Não é verdade? Não dá a impressão nítida de que estamos muito perto, muito juntinhos?

— Sim de facto, dá-me a impressão nítida, palpável!...

— Isso, papável... é que não acho...

— Quero dizer perfeita.

— Olha Luísa, não apagaste a luz?

— O quê, faz-te impressão à vista!

— Não, que disparate.

— Então como sabes que não apaguei!

— Pois não sabia. Estava a preguntar. Mas deves apagar; é mais prudente; não dá tanto nas vistas.

— Tens razão. Pronto. Já estamos às escuras. Olha, agora ainda me dá mais a impressão de que estou ao pé de ti.

— A ilusão é perfeita na verdade. Sinto a tua voz, como se estivesses aqui mesmo, muito perto. E abstraindo do telefone, esquecendo por completo a distância que nos separa, parece-me que estás deitada aqui ao lado...

— Ó Manuel!...

— Parece que a tua bôca está quási colada ao meu ouvido; que a tua cabeça está quási encostada à minha.

— Naturalmente depois de casarmos, já não me queres tão perto.

— Que ideia! Hás-de ver.

— Ver não, ouvir, se estivermos às escuras como agora.

— Sim, hás-de ouvir e hás-de sentir bem perto o calor da minha bôca. Que pena não termos adoptado há mais tempo êste processo. Tenho quási a sensação do calor do teu corpo; de que bastará estender os braços para te poder estreitar a mim, apertar muito contra o peito...

— Ó Manuel, vê lá o que fazes!

— Infelizmente, não posso fazer nada. Não deves ter receio.

— Pelo menos do que dizes.

— Olha Maria, vamos agora pensar que já casámos; e como se a distância entre nós não existisse, pensar que se não nos aproximamos mais, se não nos abra-

çamos, se não nos beijamos, é simplesmente porque não queremos.

— Quem sabe se depois isso não acontecerá.

— Pela minha parte não.

— Pois olha, pela minha é que não há-de ser.

— Mas vamos lá Maria.

— Pois sim, vamos pensar que se não nos beijamos, é porque não podemos...

— Tens razão, de facto assim é que está certo. Vamos então pensar...

— Ó filho vamos mas é dormir; já é tão tarde!

— Vês! Já estás aborrecida! E falavas tu de mim.

— Aborrecida não, mas enervada. Compreendes que nessa tal abstração sôbre tudo o que nos separa e deixando ao mesmo tempo voar a nossa fantasia, a nossa imaginação, sôbre tudo o que poderíamos dizer...

— E fazer...

— Sim, se estivessemos juntos, ficamos depois mais tristes, mais desalentados, por estarmos ainda tão longe da realidade.

— É certo; para que havemos de nos excitar, de nos enervar, de perder a serenidade. Tens razão; vamos dormir; vamos continuar em sonhos êste diálogo; deixemos à vontade a nossa imaginação levar-nos durante o sono para onde ela quizer. E quem sabe se não irá mais longe, do que nós próprios podíamos ter ido agora.

— Pois sim, mas nesse caso a culpa já não será nossa. Vamos então dormir.

— Mas com uma condição, Maria; deixa ficar ao teu lado o telefone, como se fôsse eu próprio. Fica a

representar-me. O meu fica também comigo muito perto de mim, como se fôsses tu que aqui estivesses.

— Então bôa noite, Manuel.

— Bôa noite, Maria. Mas não me dás um beijo antes de adormecer?

— Mas que idea! Bem vês que é impossível.

— Diz ao menos que me dás um beijo ou pelo pelo menos que mo darias se aqui estivesses...

— Se aí estivesse, bem sabes que não ficaria por aí; não dava um só; mas bem, podes contar com o que cá fica reservado, que fica em dívida desta noite.

— Então adeus Maria, bôa noite.

— Adeus, vamos então pensar.

. . . . . .

. . . . . .

— És tu Maria? Como passaste a noite?

— Deliciosamente; mas temos de abandonar o nosso processo telefónico.

— O quê, também te deu mau resultado?

— Dizes também? Queres dizer que também na tua casa descobriram o sistema?

— Pois era de prever. Na verdade não pensei bem. Tinha sido preferível não dormirmos com os aparelhos. E estou a ver que te aconteceu a ti, o mesmo que se deu comigo.

— Naturalmente...

— Depois da nossa conversa, de tudo o que imaginámos, adormeci; mas em sonhos, na verdade deliciosos, continuei, como tinha previsto, a fantasiar—como que a viver—tôdas as venturas que a nossa aproximação podia dar-nos.

— Exactamente... exactamente como eu...

— Continuámos portanto em sonhos, o nosso diálogo; continuámos a imaginar — talvez duma forma bem mais arrojada — tôdas as carícias, todos aqueles amorosos arrebatamentos de duas pessoas que se querem...

— Exactamente...

— Mas o pior foi o final. De manhã fiquei perplexo, confuso, diante de meu pai que me acordou, sem saber como explicar-lhe porque razão estava deitado com o telefone... e beijando apaixonadamente o bocal do aparelho...

— Tem graça, também comigo aconteceu o mesmo. Fiquei perfeitamente desnorteada, aflita, quando a mamã me preguntou porque motivo estava tão terna, tão carinhosamente, acariciando o auscultador...

SONHO DESFEITO

(POR UM FIO)

. . . . . .

— Está lá?... Está?... É a Maria?

— Sou. Quem fala?

— Já não conhece a minha voz!

— Ah! é Você! É que estava tão longe de supôr que tivesse coragem de falar outra vez, depois da longa conversa desta tarde.

— Tinha prometido acompanhá-la, desta forma, o mais possível; custa-me sabê-la assim tão só, tão triste.

— Mas não esperava vê-lo, isto é, ouvi-lo cumprir assim o prometido.

— Só me dá prazer. Na verdade sinto-me assim muito mais perto de si. Depois a sua ótima idea de ter o telefone em tôdas as casas, facilita-me a realização dêste meu propósito.

— Diga antes dêste despropósito. São duas horas da madrugada!

— Bem sei que não são horas próprias de visitas; mas pelo telefone — pelo menos enquanto não houver

televisão — pode ser-se recebido a qualquer hora e de qualquer forma. O delicioso progresso! Poder acompanhá-la por tôda a parte. Assistir, como esta tarde, ao seu jantar; ouvir um pouco da sua música; ir mesmo para o seu quarto...

— Salvo seja!...

— Onde estamos agora? Diga-me; guie o infeliz, que como um pobre cèguinho, está ouvindo a música da sua voz, mas não a pode ver.

— Estou de facto agora no meu quarto. Quando V. chegou, melhor, quando a sua voz chegou, quando tocou o telefone, estava a deitar-me...

— Delicioso. Estamos então no seu quarto. Ia meter-se na cama?

— Estava quási.

— Bom, mas nesse caso continue. Eu espero. Eu não sou de cerimónias. Pode... acabar... de se... despir. Sim, eu não reparo, já se vê; infelizmente não posso reparar.

— Então, com licença. É só um instante, sim? Falta-me só...

— Despir... o quê? o quê?

— A... combinação e...

— Bom, bom... está combinado... eu espero...

. . . . . .

— Pronto. Estou deitada. Mas podemos continuar a nossa conversa. Deitei ao meu lado o telefone.

— Há certos aparelhos bem felizes!

— Não o inveje. Olhe que também sofre. O que me atura! As impertinências, o nervoso; longas conversas que decerto o não interessam...

— Mas o que é tudo isso, perante a glória, a ven-

tura que lhe está dando agora? É certo; eu já tinha pensado na felicidade de certos telefones, quási beijados por tão lindas bôcas, que os acariciam, que os animam reconhecendo neles os seus melhores, os seus mais fiéis auxiliares. Mas nunca sonhára na ventura reservada para o seu.

— Não é costume. Bem vê que normalmente venho para a cama para dormir, para descançar. Isto hoje é uma excepção. Em sua homenagem.

— Quanto lhe agradeço.

— Não tem de quê. Também me sinto assim melhor. Sinto-me mais acompanhada; tenho aqui a sua voz.

— Sim a minha voz também é feliz, também chega até junto de si. Pode acariciar os seus ouvidos, ir ao encontro da sua voz, do seu pensamento. Sim, afinal eu entrei em parte no seu quarto, estou consigo, na sua cama...

— Exagera...

— Sim, está a minha voz, o meu pensamento. Estou em espírito enfim. O resto nada é, nada vale. O espírito é tudo...

— Quantas vezes, êsse nada, é que é tudo para nós...

— Tem razão. E afinal pensando bem, êste prazer que o progresso nos dá, tem o seu reverso medonho, enervante. O suplício de estar longe e perto ao mesmo tempo. De estar a ouvi-la, sabê-la deliciosamente recostada no seu leito, ouvir a carícia das suas palavras, sentir a sua respiração, como que sentir mesmo— sentir sim — o seu peito arfar; sentir quási o roçar macio e leve das rendas dos seus lençóis acariciarem-lhe o setim da sua pele, sentir enfim quási tudo...

— E afinal não sentir nada...

— Sim, afinal é medonho, é terrível. Mas ao menos para que melhor a sinta, para suavizar êste martírio, para que melhor a possa fantasiar, dê uma idea do ambiente: sim diga-me, descreva-me a côr, o tom dêsse ambiente onde eu quero transportar-me em espírito; a côr dos tecidos que envolvem a divina alvura dos seus braços, do seu colo; que a podem cingir, afagar, sentir o calor do seu corpo...

— Mas para que aumentar êste suplício...

— Diga...

— Tem pouco que dizer. São bem poucos os tecidos. Hoje para o não fazer esperar, reduzi ao mínimo a minha toilette nocturna... não vesti nada...

— Que bem deve estar assim! Como deve estar bela! Como invejo a minha voz, as minhas palavras que podem voar com o meu pensamento até junto de si; que bom seria voar com êsse mesmo destino! Que pena a vida não poder seguir sempre o caminho percorrido pelas nossas palavras! O telefone é muito imperfeito ainda. Que lento é o progresso. Que atrazados estamos afinal.

— E você onde está?

— No escritório. Vim acabar um trabalho urgente; mas não pude resistir sem a ouvir ainda, sem ter mais uma vez a sensação de que a tenho perto de mim, ao alcance dos meus braços, da minha bôca...

— Então, cale-se. Está-me a fazer mal. Veja as horas, não esqueça o tempo. Depois não tem carro para casa!

— Tenho o meu carro lá em baixo. Que pena não podermos utilizar sempre todos os meios que nos po-

dem aproximar. O automóvel! Êsse sim, pode encurtar, devorar completamente as distâncias, transpôr todos os espaços que nos separam, levar-me para junto da minha voz...

— Há um meio mais rápido e decisivo, o avião...

— É certo. Ah! não ter asas senão no pensamento, é triste. Mas escute; que ao menos a sua bôca se cole bem ao vidro do bocal do aparelho, para eu ter a sensação de que sinto na minha a sua bôca; aperte bem a si o telefone como se a mim próprio me abraçasse, terna, carinhosamente...

— Assim?

— Mais perto ainda. Que as suas palavras sejam apenas um murmúrio, um sôpro delicioso e brando, que me roce o ouvido quási colado assim à sua bôca; à sua bôca ligeiramente cerrada para a voragem dos meus beijos...

— Perturba-me, cale-se... está-me a fazer muito mal...

— Assim parece que sinto o bater apressado do seu próprio coração; e tenho, sim, tenho quási a sensação de que estou aí junto de si, que vou apertá-la meigamente nos meus braços, que a sua bôca entreaberta aguarda as minhas carícias...

—...Sim... sim...

—...Que a distância que nos separa desapareceu, que cada vez nos aproximamos, nos estreitamos mais e sinto que vou beijá-la...

—...Sim... o automóvel...

—...Sim... vou... o automóvel...

— És tu Luísa?

— Tu Maria! Tão cêdo! Madrugaste hoje?

— Ai minha querida, que noite horrível, não imaginas o estado de nervos em que estou...

— Mas o que foi?

— Quero que me auxilies, que me aconselhes; não sei o que hei-de fazer.

— Mas o que é? Assustas-me...

— Imagina que o Carlos, tornou a telefonar esta noite. Eram duas horas. Eu estava já deitada. Falámos muito; êle conseguiu perturbar-me. Nunca me senti assim. Perdi o domínio de mim mesma...

— Mas onde estava êle?

— No escritório. Mas por fim perdemos a cabeça; fantasiámo-nos junto um do outro. E não pudémos resistir: êle saiu... para vir no automóvel...

— Que loucura! E já te arrependeste é claro...

— Não...

— Não?

— Escuta, não me aflijas mais. Deviam ser 3 horas quando saiu e do escritório aqui não podia gastar mais de 15 minutos; mas são 10 horas da manhã e não apareceu ainda...

— Ah! pois nem aparece. Reconsiderou que era uma tolice, uma loucura. Ainda bem...

— Não Luísa, não; não sei o que pressinto. No estado de perturbação a que chegou, não reconsiderava. Tinha voado se pudesse... eu sei. Mas não compreendo...

— Telefona para casa e verás...

— Tenho telefonado. O criado diz que êle ficou fora. Ai Luísa, Luísa, que noite tenho passado, que ansiedade. Já telefonei para vários sítios onde costuma ir; para o clube, para tôda a parte e nada. Que noite! Em todos os ruidos, me parecia ouvir os seus passos...

— Ó filha endoideceste. Voltou de novo para o escritório, teve juizo.

— Também não. De lá ninguém respondia...

— Telefona agora, já lá deve estar o empregado...

— Tens razão, adeus... desculpa.

▲

— Sou eu sou. Diga-me: o seu patrão ainda não veio?...

— Ó minha senhora, que desgraça!...

— O quê? mas o que foi?...

— Só agora soube. Que calamidade! Disseram-me agora de casa. Esta noite tinha vindo trabalhar para o escritório... depois saiu no carro...

— Sim... Sim...

— Dizem que o viram passar na Baixa... numa velocidade louca;... parece que um polícia, que o viu passar e queria tirar-lhe o número do carro, e teve por isso de o seguir... assistiu a tudo...

— Assistiu... mas a quê?

— Ao passar no Campo Grande numa loucura... ao fazer uma viragem brusca... levou o carro contra uma árvore...

— E está ferido?!... Diga depressa...

— Que desgraça... pior minha senhora... muito pior... morto.

— Ah!... o quê... o...

— Sim! o choque foi medonho. O carro ficou desfeito. Mas que loucura... Parece um suicídio. V. Ex.ª não sabia?... Está?... Está lá?... Cortaram a ligação!!!...

LIGAÇÃO... QUE DESLIGA!

D. Bernarda era destas que o ciume transforma em sogras milicianas.

Estava sempre, como vulgarmente se diz, com a pedra no sapato.

Nela o excesso de desconfiança, dava mesmo a esta pedra, as proporções dum verdadeiro calhau.

Ao mais ligeiro indício, ao mais vago e problemático vestígio ou boato sem confirmação, a sua cólera explodia com o fragor das grandes calamidades.

Então, a vítima dêste temperamento — o marido — sentia todo o peso do nome da sua cara metade, que nesses momentos, pelo estrago feito na baixela, se lhe tornava caríssima.

Êle que nunca fôra à guerra e que assistira a tôdas as revoluções internas, impàvidamente instalado debaixo da sua ampla cama de casados, tinha nesses momentos, a sensação dos horrores da 1.ª linha. E, por isso, perdia-a sempre.

Convém dizer, que se não freqüentara a guerra e as revoluções nacionais, não fôra porque o medo o

impedisse. Não; coragem tinha êle. E a prova é que casára, sujeitando-se a ter em casa uma Bernarda permanente.

Mas, por isso mesmo, por ter em casa uma Bernarda, para que havia de ir à rua meter-se noutra?

▲

Ora a-pesar dos perigos que em tal ambiente conjugal tinham as suas escorregadelas, êle não podia chamar-se um esposo exemplar, um marido modêlo. A não ser um modêlo dos maus.

As próprias dificuldades o excitavam a procurar constantemente novas aventuras.

Mas fazia-o com o maior cuidado, a-fim-de não perturbar a paz-armada do lar conjugal.

E, coisa curiosa, D. Bernarda nunca se zangava quando o procedimento, se bem que clandestino, do marido, o podia explicar.

Geralmente zangava-se quando não tinha motivo algum que o justificasse.

De resto, zangava-se já por um hábito; as questões eram já para ela uma distracção, um passatempo imprescindível.

Armava questões, como quem constrói paciências, para matar o tempo.

Muitas vezes mesmo, não tendo motivos próprios, irritava-se com os alheios.

Casos relatados pelas pessoas conhecidas, factos condenáveis praticados pelos maridos das amigas, era suficiente rastilho para explosões do seu génio tempestuoso.

E, perante êsses escândalos alheios, o seu ódio generalizava-se contra todo o sexo oposto, incluindo por fim o marido, que se via obrigado a tomar a defeza da classe, e a justificar-se, como se se tratasse dum caso pessoal.

Foi neste ambiente vulcânico que se desenrolou o caso que abaixo se transcreve.

▲

D. Bernarda amanhecera calma e sorridente.

Todos a estranhavam. Tinha, nesse dia, — insultado apenas 4 vezes o marido e partido só três pratos de sobremêsa e duas cadeiras de palhinha.

Por um assômo de ternura, muito raro em si, deliberou saber de uma amiga de infância que não via há muito. E dirigiu-se para o telefone. Pediu o número e esperou.

De repente encontrou-se em pleno idílio de 2 desconhecidos. Percebeu que havia cruzamento de linha ou ligação mal feita, mas não se deu por achada.

Por uma indiscreta curiosidade, muito própria do seu sexo, não desfez o engano e numa crescente irritação, escutou aquele diálogo sentimental.

Dizia uma voz feminina:

— Ó filho, mas isto assim não tem geito nenhum. Intruja-a de qualquer maneira.

— Mas como filha? Já gastei todos os pretextos.

— Que tens serão, por exemplo.

— Se eu passo o dia a fazer cera, como há-de ela comer o serão?

— Que tens de ir velar o cadáver de um amigo, dum conhecido.

— Impossível, ela sabe que não conheço nenhum cadáver.

— Então espera; uma reünião política do teu partido.

— Isso ainda menos; ela sabe perfeitamente que, desde que numa dessas reüniões me partiram a cabeça, eu nunca mais tive partido.

— Desculpas; afinal o que tu estás é a esquivar-te. O que não tens é vontade de vir ter comigo.

— Bem vês que é difícil; se tivesse uma justificação, um motivo razoável...

— Todos os motivos são razoáveis.

— Parece-te, mas com uma mulher assim...

— Olha, sabes o que te digo: quem tem uma mulher assim, rifa-a, põe-a no prego, mas não a atura.

Neste momento D. Bernarda não se podendo conter, exclamou inadvertidamente.

— Grande desavergonhada, grande indecente!!

— O quê? Achas-me indecente? — Interrogou indignada a voz feminina.

— Eu não, que idea!

— Ora essa, eu bem ouvi.

— Ó filhinha já te disse, que não disse tal coisa.

— Pois sim, agora metes os pés pelas mãos: disse que não disse; tu é que já não sabes o que dizes; sabes que mais? Já estou farta disto.

— Ó queridinha não te zangues! juro-te que não disse nada; era incapaz disso bem sabes...

— Grande palerma! — exclamou mais indignada D. Bernarda

— Também não é caso para me insultares!—gemeu a voz masculina. — Censuravas a má criação da minha mulher e afinal fazes o mesmo.

— Essa agora! Insultei-te?

— Sim, eu felizmente ouço bem.

— Pois se assim foi ainda bem; ficamos pagos. E afinal vens ou não vens?

— Mas que desculpa hei-de dar?

— Olha, tu é que não tens desculpa nenhuma. Que falta de imaginação!

— Mas é que não imaginas, as coisas que eu já tenho imaginado para a intrujar e a-pesar disso ela imagina sempre que é mentira.

— Olha não lhe dês satisfações; não lhe digas nada que ainda é o melhor. Raspa-te sem dar cavaco...

— Impossível, ficava encavacada de tal forma, que me escavacava a mobília tôda...

— Mas saindo sem dizer nada, ela nem dá por isso...

— Isso sim! É mais fácil um elefante saír pelo fundo duma agulha, do que eu saír de casa sem dizer para onde vou...

— Mas uma vez era a primeira.

— Era a primeira e a última, porque com certeza não saía de lá com vida e figura humana...

— Isso é exagêro.

— Já te disse; aos bocados, a prestações, ainda talvez consiga vir cá para fora.

— Mas isso então não é mulher, é uma fera doméstica.

— Doméstica é favor, menina; indomesticável, é que é. Sabes lá quantas grosas de pratos, de chávenas, de terrinas eu tenho de comprar tôdas as semanas...

— Abençoada! É cá das minhas! — aprovou sem se conter D. Bernarda.

— Não vejo então porque a censuras! —fez numa admiração a voz masculina!

— Ó filho, não fui eu que falei; parece-me que não estamos sós.

— Essa agora! Então é brincadeira das meninas da estação...

— São umas atrevidas. O melhor é acabarmos com isto, para acabar a brincadeira. Então em que ficamos? Gostava que viesses para ver o vestido novo. Ficou lindo, não imaginas. Todo enfeitado a contas...

— Calculo. Eu também já vou estando todo enfeitado a contas...

— O quê?

— Sim a contas... de modista, de sapateiro, de chapeleiro...

— E então, não é preferível do que gastar em louça para a fera da tua mulher fazer em pedaços?...

D. Bernarda então não se conteve, e exclamou fora de si:

— É demais! Grande pouca vergonha! Havia de ser comigo, e vocês haviam de ver seus descarados!

E desligando o telefone:

— Não conhecer eu a mulher, que havia de pôr tudo em pratos limpos.

E na impossibilidade de pôr tudo em pratos limpos, precisando de acalmar os nervos excitados, transformou em cacos todos os pratos que encontrou ali à mão.

Enfim, não poz tudo em pratos limpos, mas ficou tudo limpo de pratos.

▲

À hora do jantar, ainda irritada com a cena a que assistira, D. Bernarda não se pôde conter sem contar tudo o que ouvira.

— Calculem que pouca vergonha! — e descrevia numa perfeita e fiel reprodução tôda a conversa.

E já no auge da narrativa encarando ferozmente o marido:

— Por fim não me pude conter e disse-lhes:

— É demais! Grande pouca vergonha! Havia de ser comigo e Vocês haviam de ver seus descarados!

Então, o marido que a escutára numa palidez crescente, num visível desfalecimento, de olhos esgazeados, exclamou como que apavorado, inconsciente, ajoelhando-se e pondo as mãos, numa súplica:

—Ó Bernardazinha, desculpa, mas acredita que foi a primeira vez... e bem vês que me esquivei o mais que pude...

D. Bernarda olhou-o transfigurada, louca; as suas mãos crisparam-se; e num rictus satânico terrível, a sua voz estridente trovejou:

— O quê???!! Pois eras tu!! Ah! seu grandecíssimo...

▲

O resto que o avaliem os leitores.

Prosseguir esta narrativa, era pretender descrever o indescriptível. O terramoto de 1755, o dilúvio, o juízo final, o fim do mundo, não se lhe poderiam comparar.

SURPRÊSAS TELEFÓNICAS

(Pedi a ligação seguramente há 3 minutos e não há forma. Estas meninas! Já é de mais. É irritante esta demora. E então agora que me faz tanta diferença. Parece de propósito. Já lá vão 5 minutos, com certeza. E nada.

Finalmente, parece que vai desta. Mau, temos novo contratempo.

Ligação mal feita. Mas parece que é também para lá que estão falando. O melhor é deixar-me ficar na bicha, para saber quando terminam. Tenho que ouvir esta conversa. Oxalá que não demorem.)

— Mas hoje não saiste?

— Está um tempo péssimo. Quando chove ressinto-me logo. Ontem é que fui ao calista e à perfumaria.

— Sempre experimentaste aquele depilatório?...

— Não dá resultado nenhum.

— Eu logo vi.

— Pelo contrário; deviam chamar-lhe antes elixir para o cabelo...

— Pois eu deixei de usar a loção que te aconselhei, porque dá cabo do cabelo todo. Se não compraste ainda...

— Não. Mas nesse caso vou comprar e emprego-a com o depilatório, trocando-lhes os fins a que se destinam.

— Sim, também é bôa idea...

(E nunca mais acabam! No que estas senhoras se entretêm!)

— Já viste aquela fita de que há dias te falei?...

— Vi ontem. Aquele rapaz é interessante. E que linha! Que «aplomb»! E depois que naturalidade!

— É um verdadeiro atleta...

— Esplêndido. Corpo apolíneo, bem musculado.

— Não viste a outra fita americana? Aquela cena do crime é perfeita.

— Sim, comecei a ver mas não cheguei ao fim.

— Muito impressionante! Um horror!

— Ai, eu não posso, por causa dos meus nervos.

— Tens razão, acabamos por vir num estado de excitação tremenda...

— Insuportável. E olha lá, afinal o teu médico, o que te achou?

— Diz que não é nada de importância. Nervos. Neurastenia. Que devo tomar uns tónicos.

— Era, afinal, impressão tua; eu sempre disse. Todos os órgãos se ressentem naturalmente dêsse estado de espírito; e daí êsse mau estar geral.

(Bem se vê que não têm nada que fazer. Pois a mim nem me sobra o tempo para me lembrar

que tenho órgãos. E estou a ver que o assunto não se esgota tão depressa.)

— E tu, depois do cinêma onde fôste ontem?

— À Benard, tomar o chá; depois fui comprar uns sabonetes e aquele pó de arroz que me indicaste. Efectivamente não é mau.

— E os cigarros?

— Os abdulas, silk-typped, bem apresentados. Mas têm muito ópio.

— Eu também não posso, fico com a garganta irritada.

— A mim deu-me outro resultado. Uma rouquidão. Deve notar-se até ao telefone...

— Sim, já tinha reparado.

(E a-pesar disso não se calam; falar muito também não deve fazer bem. E esta então tem uma voz tão aflautada.)

— E deves ter cuidado. Essas coisas de garganta são terríveis. Se fôsse a ti deixava de fumar.

— Quem fuma desabaladamente é a mulher do Montalegre, a Aninhas. Parece um homem.

— Já a tenho visto a fumar cachimbo. É de mais, não achas?

— Ela, também, é exagerada em tudo. Reparaste naquele vestido, era um decote completo.

— Sim, nem era bem um vestido, era um despido.

— E depois, que presunção.

— Ela sempre foi muito tolinha.

(Isto é que elas são umas para as outras. E agora começaram a falar de trapos, nunca mais param.)

— Tôla e intriguista. Não sabes o que ela fez êste ano em Sintra, com as Gameiros?

— Não, o que foi?

— Supunha que já sabias. Ai! foi um escândalo. Não se falou doutra coisa. Lembras-te daquele rapaz que andou a fazer-lhe a côrte muito tempo?

— Sim, tenho uma idea.

— Pois êste ano, como êle fizesse a côrte a uma das Gameiros, não lhe ligando nenhuma a ela, foi fazer uma tremenda intriga com o pai da rapariga, dizendo mal do rapaz, inventando coisas, enfim, colocando-o mal.

— Ela sempre foi dessas coisas. Mas deixa que as Gameiros não são melhores.

(Bem, temos sessão de má língua. Agora é que nunca mais acabam. Estou capaz de desligar. Isto pelo visto, ou melhor, pelo ouvido, estou a ver que nunca mais tem fim.)

— Sim, também tiveram aquela cêna com a família do Noronha.

— Já reparaste que êsses agora andam na grande? Automóvel, grandes festas. O que seria aquilo?

— Êle tinha uns negócios de carvão.

— Sim, cheira-me a negócio escuro.

— Agora por carvão. Sabes que já mandei fazer o meu crayon. Ficou um explêndido retrato. Então os

olhos, não imaginas! Que expressão! Está perfeito. O rapaz vai expôr.

— Pois eu ainda não tenho um retrato que me agrade. Fico sempre triste. Numa atitude pouco interessante. Depois, o meu cabelo é rebelde, não cai bem na testa.

— E mandaste arranjar o feltro? Como ficou?

— A côr é que não me agrada muito. É escuro de mais. Como sabes, com a minha côr de pele dizem melhor os tons claros.

— Sim, também acho. A mim é o contrário.

(Bem se vê que estas senhoras não têm nada que fazer. Afinal estou aqui a perder o meu tempo precioso e nunca mais desligam. Decididamente daqui a pouco intervenho e protesto. Não há direito de gastar um telefone em tais diálogos.

— E afinal, hoje o que fazes?

— Olha, à noite tenho a première do Avenida.

— Vê lá se é peça que se possa ver.

— Creio que sim.

— Mas de tarde que tencionas fazer?

— Olha; vou ao sapateiro, ver se me alarga aqueles sapatos claros que me apertam muito.

— E depois?

— Depois vou à manicure.

— Eu também estava a precisar, mas estou com receio de saír hoje.

— E o que fazes em casa? É um aborrecimento.

— Olha, tenho estado a ler, toquei um pouco e talvez durma um bocado.

— Pois eu, se tiver tempo, ainda vou cortar o cabelo...

— Não costumas ondular?

— Sim, quási sempre...

(Mas no que elas se entretêm! No que elas gastam o tempo! Eu é que decididamente não estou disposto a esperar mais.)

— Bem, então até àmanhã.

(Ora, finalmente. Também já tinham razão para estar fartas de dar à língua.)

— Ou até logo; talvez ainda me disponha a ir também hoje à première.

— Se fores, avisa.

(Que grandes maçadoras. Primeiro que decidam.)

— Então está combinado... E olha é verdade, Manuel, não te esqueças que é àmanhã às 5 aquele célebre chá em casa das primas Silvas.

— Ó filho, eu esquecia-me lá duma coisa dessas...

(O quê? E esta? Ora que pena eu não ter adivinhado que se não tratava de senhoras. Que final de acto! É caso para caír o pano; pelo menos para deixar caír das mãos o auscultador.)

UMA ASPIRAÇÃO NATURAL

— Está, lá? Está? É de casa de madame...

— Escusa de disfarçar a voz, porque já o reconheci. Temos a gracinha do costume.

— Perdão minha senhora, mas...

— Já o esperava...

— Mas...

— Sim, já esperava esta sua partidasinha hoje, depois do que ontem se passou.

— Ontem! Não me recordo?!...

— Sim faça-se de novas. Vai naturalmente dizer-me que não é.

— Não sou não minha senhora!!

— E escusa de continuar com êsse vozeirão, porque já o descobri. Assim vai ficar rouco...

— Mas dá-me licença, minha senhora...

— Mas não com uma voz tão grossa.

— Nunca tive outra, minha senhora...

— Ah! Usa êsse vozeirão desde que nasceu. Mas que engraçado que Você está hoje.

— Pode crêr minha senhora...

— Tem graça. Quere-me convencer que desde o bêrço tem usado sempre essa voz de alto falante...

— De alto falante?

— Sim, de alto lá com ela. E Você está hoje com ela tôda. Bem, mas para graça já basta.

— Mas eu ainda não disse...

— Ó homem, já lhe disse que não me engana. Imagina que eu não percebi logo que era o Chico...

— O Chico?

— Quere dizer que não é o Chico...

— Nem por isso...

— Nem por isso?

— Eu chamo-me Francisco.

— Pois é claro, o Franc.

— Francamente não entendo minha senhora...

— Sim, o Franc, como lhe chamam em sua casa. Agora faça-se Lucas.

— Não é preciso minha senhora, porque já sou...

— Que gracinha que êle tem. Ora aí está como Você vinha buscar lã e vai tosquiado. Eu já calculava que Você hoje havia de vir com uma das suas. Já percebi tudo; Você ia fingir que era aquele meu apaixonado de quem estava com ciúmes.

— Não, minha senhora.

— E êle a dar-lhe com a voz de baixo profundo...

— De baixo?

— A tal voz de alto falante.

— De alto?

— Sim de altos e baixos se prefere. Você está hoje bem disposto...

— Nem por isso, minha senhora.

— Vamos lá que a ciumeira de ontem não lhe deu para amarrar o burro.

— O burro?

— E fez bem; sabe que eu só gosto de si. É claro que às vezes gosto de o fazer arreliar, fazer-lhe ciumes.

— Mas...

— Mas creia que é apenas com intenção de o experimentar, de pôr à prova o seu amor. Você já o sabe muito bem.

— Mas...

— Mas compreendo sim, compreendo que não goste. Não é agradável quando se gosta a valer.

— Mas minha senhora...

— Para que continua a cançar-se; a mascarar a voz. Êsse esfôrço faz-lhe mal. Tire a máscara. Agora que estamos sós, escusa de estar com disfarces. Era melhor que tivesse mais cuidado, noutras ocasiões.

— Mais cuidado?

— Você às vezes é imprudente. Ainda ontem na janela, depois do chá. Eu estava a ver que todos percebiam.

— Na janela?

— Que memória! Já se não lembra. Não lhe convém. Pois para a outra vez tenha mais cautela. O que Você me pediu ontem, poderá ser, sim, mas é preciso escolher bem a oportunidade...

— Mas eu não quero...

— Pois sim faça-se forte. Você não quere outra coisa. É uma aspiração natural.

— Ora é exactamente...

— Eu não disse! Já confessa. Estava a fingir que já não queria, mas não aspira a outra coisa...

— Pois é exactamente por aspirar...

— Ora aí está. Mas é preciso combinarmos isso muito bem...

— Pois é exactamente para isso, minha senhora...

— Que Você me falou hoje. Mas ainda é cedo.

— Mas pode ser a qualquer hora minha senhora.

— Isso não é tanto assim. Bem vê que nem sempre as ocasiões se proporcionam. Compreendo a sua ansiedade, o seu nervosismo. Não imagina como eu também o desejo.

— Então podemos combinar.

— Mais devagar, mais devagar. Não seja precipitado. Talvez eu ainda o deseje mais do que Você. Depois daquele primeiro beijo, naquela noite...

— Mas minha senhora...

— Mau... Acho que já é tempo de mudar de voz agora. Neste ponto da nossa conversa acho de mau gôsto continuar na brincadeira.

— Mas perdão, minha senhora, eu não sou quem V. Exc.ª imagina...

— Lá está Você outra vez na mesma. Acabo por me zangar. Outra vez a fazer-se Lucas...

— Mas é que não preciso minha senhora, já tinha dito.

— Não precisa de quê?

— De fazer-me Lucas, porque já sou.

— Já é?

— Pois é o meu nome, Francisco Lucas.

— Vamos, acabe com a brincadeira. Tudo o que é demais acaba por não ter graça... Como lhe disse que não era o momento de satisfazer aquele pedido seu, aquela sua aspiração de ontem, quere voltar à mesma...!

— Mas minha senhora é precisamente por causa da aspiração...

— Ora aí está: Já sabe que não lhe levo a mal essas aspirações...

— Ora ainda bem minha senhora. Pois eu sou da casa espanhola Electro Higiene e Limpeza, L.da e venho pedir a V. Exc.ª para experimentar os nossos aspiradores do último modêlo...

— O quê? O quê?

— Os aspiradores e as máquinas para encerar, silenciosas e automáticas, marca 3 PPP de New York, o que há de melhor no mercado...

— Essa agora!!! Mas que estúpido!... Já podia ter dito isso...

— Pois V. Exc.ª não me deixou...

S. O. S. TELEFÓNICO

— Quem fala? Mas quem fala, não percebo bem?

— Eu... Eu...

— Mas quem? Não se ouve quási nada. Está lá?... Está lá?...

— Sou eu... eu... Jo...sé...

— O José? Mas és tu?!... Oh! Meu Deus! Mas, onde estás?... O que tens? Não podes falar?

— Escuta... espera...

— Mas dize... dize depressa... o que foi?

— Espera... ouve...

— Oh! Meu Deus... mas o que aconteceu? Mas o que tens?... Mas não fôste para fora?

— Assaltaram-me... no caminho... prenderam-me... trouxeram-me para aqui...

— Mas para onde? Para onde?

— Não sei... amarraram-me... amordaçaram-me... e trouxeram-me para aqui...

— Valha-me Deus! Mas onde estás?

— Não sei... não pude ver...

— Mas agora como há-de ser?... Tenta fugir... estás fechado?...

— Não sei...

— Não podes ver?...

— Estou amarrado...

— Mas como podes então falar?

— Ouve... espera... consegui a pouco e pouco libertar-me do lenço que me tapava a bôca... mas as mãos e os pés... é que não consigo desamarrar...

— E então?... E então?

— Felizmente descobri no chão êste telefone... a um canto, ligado a uma tomada de corrente;... procurei arrastar-me até junto dêle...

— Mas como conseguiste falar?

— Depois de muitos esforços... consegui tirar com a bôca o auscultador... do descanço... mas espera... tenho receio que me oiçam...

— Mas onde estás? Onde estás?

— Por palavras que ouvi... aos que me trouxeram... creio que estou numa casa rica... que êles estão roubando... e decerto aproveitam o meu carro... depois... para fugir...

— Meu Deus... Mas se te ouvem...

— Espera... vou falar mais baixo; depois procurei um objecto qualquer que me pudesse servir... para dar as voltas ao marcador... porque é telefone automático...

— Mas como podes ver?...

— Tem-me valido a claridade que vem da rua... creio que de qualquer candieiro que fica perto...

— Mas depois?

— Vi por fim no chão, caído, um lápis; arrastei-me

até lá e apanhei-o com os dentes;... depois, com a cabeça, fiz caír o telefone de forma a poder aproximar a bôca do bocal do aparelho... tendo ao mesmo tempo o ouvido junto do auscultador que está no chão... Mas estou extenuado... com a bôca dorida... da fôrça que fiz com o lápis... para fazer girar o disco... e só agora depois de várias tentativas sem resultado... consegui fazer a ligação para casa...

— E agora meu Deus... o que hei-de fazer? Não podes calcular ao menos onde estás?

— Não... não sei...

— Oh! mas que aflição!... mas em que sítio da estrada te assaltaram? Não te lembras?

— Mas não pode indicar nada... porque com certeza para me desnortearem... deram imensas voltas antes de chegar aqui...

— Mas nesse caso... o melhor... é chamar a polícia...

— Mas para quê se não sabes onde estou?

— Mas o que vamos fazer então? Não podes ficar assim; eu não posso deixar-te ficar assim...

— Também não vejo outra solução... telefonei só para te dizer o que aconteceu... para não estranhares... a falta de notícias... o telegrama do costume...

— Oh! meu Deus, mas eu não posso ficar assim...

— Tem paciência... espera... êles decerto vão saír depois... e alguém há-de vir;... a não ser que a casa esteja deshabitada...

— Decerto está... podem estar para fora... não se dar por isso logo... tu não podes... não podes ficar assim...

— É possível que êles não me deixem ficar... que pelo menos me desamarrem.

— Isso sim... e podem fazer-te mal antes de saír... podem recear que mais tarde os denuncies;... não, não; é preciso fazer já qualquer coisa...

— Mas o quê?

— Dar providências...

— Mas quais, filha?

— Eu não sei... eu não sei... mas isso assim é um perigo...

— Olha Maria, ao menos não desligues o telefone... se eu tiver alguma indicação... se ouvir alguma coisa que possa orientar-nos digo logo; êles devem estar tranquïlos; não suspeitam que eu tenha telefonado...

— Mas eu posso lá estar nesta ansiedade!...

— Espera... parece-me que sinto passos...

— Valha-me Deus...

— Sinto vozes... mais perto...

— Cautela... não te oiçam falar...

— Parece que estão agora... em qualquer sala aqui mais próxima...

— Isto é superior às minhas fôrças...

— Espera... espera... parece que sobem... para qualquer andar superior;... vão naturalmente demorar-se...

— Valha-me Deus! O que vai ser de ti... o que vai ser de nós... Ah! espera... Deus ouviu-me... não nos tínhamos lembrado... vê o número do telefone...

— É verdade,... é verdade, nem me tinha ocorrido.

— Deve estar no marcador, porque felizmente é automático.

— Espera... espera... não vejo bem...

— Vê se consegues depressa... pelo amor de Deus... deve começar por dois...

— Sim... dois... depois cinco... é cinco é;... mas vê-se muito mal... os números são mais pequenos que os do disco... e estão um pouco sumidos... e a luz é pouca... mas espera... vou ver se posso virar o aparelho mais para a claridade...

— Mas tem cuidado... não desligues...

— Espera... agora vejo melhor... cinco... sete...

— Cinco... sete...

— Nove... quatro...

— Dois cinco sete nove quatro...

— Sim... mas de tôda a maneira... afinal... para que serve essa indicação?... Como vais encontrar na lista?

— Pregunto para a estação... informações.

— Não dizem, naturalmente;... nem sei se podem ver só com essa indicação...

— Mas experimenta-se...

— Mas para isso tens de desligar.

— É verdade;... mas que tortura!

— E se depois ligas para cá outra vez... descobrem tudo... ouve-se a campainha...

— Oh! que martírio!...

— Espera... podes ir a outro telefone... deixa êste ligado...

— É verdade... há uma cabine aqui perto... vou já meu amor...

. . . . . .

— Informações...

— Olhe minha senhora... por favor... depressa...

diga-me onde está instalado o telefone número dois cinco sete nove quatro? Mas depressa, porque é uma coisa muito urgente, de muita gravidade...

— Não posso informar minha senhora...

— Mas é um caso especial, um caso muito grave, uma pessoa que está em perigo...

— Mas não é possível minha senhora...

— Veja lá;... trata-se de uma pessoa que me é muito querida... e que corre um grave risco;... da mais pequena demora nesta informação pode resultar a sua morte...

— Tenho muita pena minha senhora, creia, mas assim só pelo número...

— Mas veja lá; juro-lhe que não é para brincar, que não é com qualquer outro intuito...

— É que não temos maneira de informar só com essa indicação; só temos aqui registo de nomes e de moradas...

— Trata-se do meu marido... calcule como estarei... foi assaltado, não sabe onde está, para onde o levaram; só conseguiu ver o número dêsse telefone automático e é preciso dar providências urgentes, avisar a polícia imediatamente...

— Mas minha senhora não perca tempo, aqui não temos maneira; só nos escritórios da Companhia é que podiam informar...

— Bem, então vou já telefonar para lá.

— Mas a esta hora estão fechados, são 5 horas da manhã...

— Oh! meu Deus, então a que horas posso?...

— Só abrem às 9...

— Valha-me Deus! E agora como hei-de saber?

— Só procurando na lista... pelos números... mas é difícil... vai levar muito tempo...

— Na lista?... vou já ver...

— Sim, só percorrendo os números, peça a alguém que a auxilie, eu vou procurando também...

— Ah!... que felicidade... parece milagre: é êste... é êste... foi logo na primeira fôlha em que abri...

— Ainda bem, coitada...

— Muito obrigada, muito obrigada...

. . . . . .

— Está? Está! É da polícia?

— Sim, minha senhora...

— Então por favor, trata-se dum caso muito urgente, muito grave; na Avenida B, estão roubando o palacete do Senhor Gavernador do Banco do Oriente; é preciso ir já... evitar uma desgraça... há uma pessoa amordaçada, em perigo . . . . . .

. . . . . .

— Está?... Está?... Oh! meu Deus, já não vão a tempo... Estás José?

— És tu?...

— Oh! ainda bem... És tu José?

— Sou, já soubeste?

— Já... já telefonei... a polícia vai já.

— Mas chegará a tempo?... Parece-me que se preparam para descer...

— Pedi a maior urgência... devem estar a chegar...

— Mas é perto a casa onde estou?

— É sim, na Avenida B...

— Espera... parece que descem... já não chegam a tempo se calhar...

— Valha-me Deus... não te mexas... talvez se tenham esquecido de ti... que ao menos te deixem assim...

— Espera... sinto um grande ruido... parece que se dirigem para êste lado.

— Oh! meu Deus... que pelo menos não percebam que falaste... que pediste socorro...

— É melhor... vou afastar-me do telefone...

— Valha-me Deus! Nosso Senhor permita que cheguem a tempo... Meu Deus!... parece-me que ouvi um tiro!... vozes!... o que serão estes ruidos?... Coisas a cair, decerto! Ah!... mais tiros!!... Oh! meu pobre José!... Meu pobre José!...

. . . . . .

. . . . . .

▲

. . . . . .

— Oh! filha, mas que romance!!! Ainda a gente se admira do que vê nas fitas. O José coitado é que devia ter passado um mau bocado. E tu também; que aflição!

— Ah! Não imaginas; depois dele se afastar do telefone... a ouvir aqueles tiros, aqueles ruidos todos, indistintos, sem saber o que se estava passando...

— Felizmente a polícia foi depressa...

— Foi logo; foram diligentíssimos; mas creio que ainda lhes deu trabalho, porque era uma quadrilha numerosa.

— Mas que aflições em que vocês estiveram... e o perigo porque o José passou!

— E os esforços que fez; — vinha perfeitamente extenuado; — a comoção, a tenção nervosa em que esteve...

— Se não fôsse o telefone...

— É verdade, foi o nosso salvador; foi verdadeiramente um Deus, um anjo da guarda... Ah! não imaginas, quando depois lá fômos de manhã com a polícia ao palacete, a primeira coisa que fiz, foi dirigir-me ao sítio onde o José passou aquele mau bocado, para ver e poder avaliar bem o que êle tinha sofrido; e ao ver o telefone não me pude conter: agarrei-o, abracei-o, beijei-o — parecia uma criança — e por fim trouxe-o comigo.

— O quê! Tiraste o telefone?! Mas para quê?

— Pois eu devo-lhe tanto, minha filha; aquele aparelho é para mim tão precioso, quero-lhe tanto, tenho por êle uma gratidão tão grande, que nunca mais o largo, nem me separo dele; quero-o ter sempre junto de mim; nunca mais o restituo.

— Oh! filha, mas nesse caso paga o justo pelo pecador. Depois de tudo isso, quem fica sem êle e quem sofre afinal é a Companhia!

— E os esforços que fez; — vinha perfeitamente extenuado; — a comoção, a tensão nervosa em que esteve...

— Se não fôsse o telefone...

— É verdade, foi o nosso salvador; foi verdadeiramente um Deus, um anjo da guarda... Ah! não imaginas, quando depois lá fômos de manhã com a polícia ao palacete, a primeira coisa que fiz, foi dirigir-me ao sítio onde o José passou aquele mau bocado, para ver e poder avaliar bem o que ele tinha sofrido; e ao ver o telefone não me pude conter: agarrei-o, abracei-o, beijei-o — parecia uma criança — e por fim tronxe-o comigo.

— O que! Tiraste o telefone?! Mas para quê?

— Pois eu devo-lhe tanto, minha filha; aquele aparelho é para mim tão precioso, quero-lhe tanto, tenho por êle uma gratidão tão grande, que nunca mais o largo, nem me separo dêle; quero-o ter sempre junto de mim; nunca mais o restituo.

— Oh! filha, mas nesse caso paga o justo pelo pecador. Depois de tudo isso, quem fica sem êle é quem sofre afinal é a Companhia!

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

— Está lá? Quem fala?

— Eu... eu...

— Eu quem?

— O Manuel.

— O quê, já chegaste? Já estás em Santarém!

— Não, assaltaram-me, amordaçaram-me... nem sei onde estou...

— O quê? O quê? Valha-me Deus... o mesmo que aconteceu ao José no outro dia... mas deve ser a mesma quadrilha...

— Pois deve...

— Mas a polícia tinha-os prendido...

— Alguns que escaparam com certeza...

— Mas então vê se te arrastas até à porta, se podes fugir...

— Não posso, estou amarrado de pés e mãos...

— Tal qual, como a Júlia nos contou no outro dia. Deve ser a mesma quadrilha, os processos são os mesmos.

— Pois são, exactamente os mesmos...

— Mas vê se fazes um esfôrço qualquer...

— Não posso, estou fechado à chave, fecharam-me na dispensa...

— Na dispensa! Mas havia telefone na dispensa! Deve ser então uma casa muito rica!...

— Espera... não é dispensa... é a copa... fecharam-me na copa...

— Mas então como há-de ser?... Ah! espera, vê o número... vê o número do telefone...

— O número! Não tem... não tem número...

— Mas não é automático...

— Pois não...

— Mas não tinhas dito que era automático?

— ...Ah! tinha... é que me enganei se calhar... mas sabes é que não vejo nada... isto aqui é muito escuro...

— Tens razão, o telefone de que o José no outro dia se serviu é que era automático. Tu ainda não me tinhas dito nada... A aflição em que estou, transtorna-me por completo...

— Ah! Pois claro... pois não tinha dito... êste não é automático...

— Então já sabemos ao menos que é do Norte...

— Pois é... mas mesmo assim... não se pode descobrir nada... o melhor é esperarmos...

— Mas eu posso lá estar nesta aflição...

— Ó filha, e eu não estou nesta... e que havemos de fazer?...

— Vou ligar para a estação do Norte, talvez me possam dar qualquer indicação...

— E quem nos diz se é Norte... quem sabe lá se é Benfica... ou Lumiar... ou Belém...

— Mas são capazes de te matar, de te fazer mal, não podes ficar assim...

— Eu fecho-me por dentro e êles não entram cá...

— Mas como, se estás fechado por fora!!...

— Mas é que... a porta tem um ferrôlho que eu vou correr...

— Mas com as mãos atadas!!...

— Já desatei... já desatei uma delas...

— Então vê lá... talvez possas fugir...

— Isso sim; era um perigo... a casa está cercada... pela quadrilha... ia-me meter na boca do lobo...

— Mas que vou eu fazer, meu Deus...

— Nada... não faças nada... e não estejas em cuidado... porque êles não entram aqui;... aqui estou garantido;... e assim que apanhar uma aberta...

— Uma aberta!... mas tens a porta fechada!...

— Mas arrombo-a, assim que vir que é a melhor ocasião...

— Mas tens as pernas amarradas...

— Arrombo-a com as duas... ainda é mais fácil...

— Mas eu hei-de ficar assim tôda a noite nesta aflição... e nesta inacção?...

— Pois que havemos de fazer, não há outro remédio...

— Vou rezar aos meus santos...

— Isso mesmo, vai rezar aos teus santinhos... e desliga, não estejas em cuidado... que eu hei-de arranjar uma solução qualquer...

— Desligo e depois... fico sem saber mais nada...

— É melhor;... e se eu precisar torno a ligar... mesmo porque me parece que sinto passos e não me convém que êles desconfiem que falei... adeus... vou desligar... adeus...

. . . . . .

. . . . . .

(DOIS DIAS DEPOIS)

— Ah! És tu finalmente; só agora é que chegas!

— E venho extenuado, não imaginas...

— E nem tornaste a telefonar, nem nada...

— Ainda tentei mas foi impossível...

— A aflição em que tenho estado, estes dois dias;... dois dias consecutivos;... se não chegas agora, eu parece que não agüentava mais...

— Mas devias calcular que se eu não telefonava, é porque não tinha havido novidade...

— Eu sabia lá;... podiam ter conseguido entrar onde estavas... podias estar ferido... mesmo morto... e eu sem saber... sem poder fazer nada, sem poder valer-te. Eu sei lá o que tenho feito; tenho telefonado para tôda a parte, para os Hospitais, para a Morgue...

— Felizmente não houve nada...

— Mas dois dias, deves concordar que é superior às nossas fôrças; e como pudeste estar êste tempo todo nessa aflição, sem comer, sem nada...

— Lá isso comi, filha, pois se até estava na dispensa,... na copa;... lá isso felizmente...

— Mas tiveste ânimo, coragem para comer...

— Coragem e apetite...

— O que é preciso é dar já parte à polícia, evitar novas proezas dêsses bandidos; vou já telefonar...

— Mas para quê, não vale a pena...

— Essa agora!

— É que eu já dei providências. Sim, porque já fo-

ram presos uma grande parte deles; não vês que eu afinal lembrei-me de telefonar directamente para a polícia! Foi uma coisa que não ocorreu ao José no outro dia. E do Govêrno Civil foram à estação e como eu tinha deixado o telefone ligado, êles invocando a sua autoridade e o fim que pretendiam, souberam qual era o telefone que estava ligado com a Polícia...

— Mais um telefone salvador...

— Sim, se não fôsse êle, não sei o que seria...

— Esta noite já os jornais devem trazer...

— Não, que eu pedi para não se dizer nada. Não me convém. Mesmo porque assim punha de sobreaviso o resto dos bandidos que conseguiram escapar-se e era muito mais difícil apanhá-los depois...

— Ó filho, mas eu acho que era melhor, porque se dava até a conhecer a todos a maneira mais prática de pedir socorro num caso dêsses, ligando directamente para a Polícia!!...

— Qual história! E os bandidos ficavam também conhecendo o processo e tomavam logo as suas precauções em assaltos futuros. Tinham mais cuidado em não pôr as suas vítimas perto de telefones ou cortavam os fios...

— Isso também é verdade...

— Sim, supõe tu que êles me tinham cortado os fios; lá tinha eu que estar uns poucos de dias, até que alguém viesse; felizmente desta vez, não se lembraram disso.

— Desta vez, e espero que seja a última filho, que horror!

— Eu sei lá. A gatunagem anda por aí tão desen-

freada. Mas ó filha, vê se me arranjas a cama, que eu preciso de descançar um pouco, venho extenuado...

— Pois não admira, e que olheiras que tu trazes!

— Se te parece ela não me largava.

— Ela!

— Sim... a quadrilha... não me largou... não deixou de preocupar-me constantemente até que consegui libertar-me...

— E tenho estado a notar que trazes um perfume diferente... tão activo...

— Ah!... sim... talvez;... sabes, é que foi um pouco de perfume, que se entornou no meio da confusão...

— Mas havia perfumes na copa?

— Na copa não, na dispensa!

— Mas tu estavas na copa...

— Bom, mas é que isto, já foi num quarto de toilette, depois de ter saído da copa,... depois de chegar a polícia; quando se estabeleceu a confusão da chegada da polícia, tu podes lá fazer idea do que aquilo foi; nem se descreve...

— É melhor filho, é melhor que eu já não estou em mim...

. . . . . .

. . . . . .

(15 DIAS DEPOIS)

— Está lá? Quem fala?

— Sou eu... eu... o Manuel...

— Ah! és tu, já chegaste?

— Não, isso sim, assaltaram-me no caminho.

— Outra vez!

— Sim deve ser o resto da tal quadrilha, alguns que ainda andavam à sôlta...

— Ah! Sim!

— Mas parece-me que desta vez a coisa vai ser pior!

— Ah! vai! Mas porquê?

— É que me parece que êles estão aqui muito perto e se calhar nem posso ligar para a polícia; parece-me que isto vai demorar mais desta vez...

— Mas puzeram-te outra vez na dispensa?...

— Não... nem sei... está tudo muito escuro... e nem faço mesmo a mais pequena idea do sítio para onde me trouxeram; fartaram-se de dar voltas pelo caminho...

— Então não sabes onde estás?

— Pois não.

— Pois talvez eu possa informar-te desta vez...

— Informar-me! Mas como?

— Sim, não estejas em cuidado, não te assustes, estás no terceiro andar, do n.º 140 da Avenida B...

— O quê! Mas como soubeste!!

— Sabes, é que eu agora já estou sempre com imenso cuidado quando tu vais para fora; e por isso logo que saiste fui atrás de ti e vi perfeitamenta para onde fôste, para onde entraste e qual era a espécie de quadrilha... de saias, que te acompanhava... qual a espécie de assalto que fazem à tua bôlsa e qual a orígem das olheiras e dos perfumes e por isso... e portanto... a-pesar do telefone salvador... desta vez filho, não te salvas . . . . . .

. . . . . .

OS CRIMES DA QUADRILHA NEGRA

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

— Depois, na curva da estrada, ao passar o automóvel, os três embuçados saírão, cada um do seu lado, de pistola em punho, intimando a paragem imediata.

— E como ela vai só...

— Claro, deve vê-los a distâncla e não tem outro remédio senão parar, tanto mais que êles devem ter colocado um tronco de pinheiro atravessado no caminho, a-fim de que ela não tenha a veleidade de lhes desobedecer...

— Nessa altura amordaçam-na...

— Não, sobem para o carro e obrigam-na a retroceder até ao palacete do Conde.

— Não será melhor guiar um deles?

— Não; é melhor assim; vai um deles sentado

junto dela, obrigando-a, sob pena de disparar, a conduzir o carro para o sítio combinado.

— E como entram no parque?

— Homem, isso é tudo o que há de mais simples...

— Mas se o portão ficou fechado!

— É que entretanto os outros três já têm subjugado o porteiro e quando êles chegarem está o portão aberto. Depois páram junto da porta principal e é nesse momento que a devem amordaçar arrastando-a logo... Está lá?... Está!

— Estou... estou...

— Estás ouvindo bem?

— Estou... diz... diz...

— E junto da porta obrigam-na a entregar a chave, forçando-a depois a indicar-lhes o sítio onde estão guardados os documentos...

— Mas não te esqueças da criança...

— Está tudo previsto; o miúdo é levado para o automóvel, sob a ameaça de que o farão desaparecer, se a mãe não indicar onde é que estão os papéis.

— E assim que ela os entregue devem saír logo?

— Não, primeiro preparam tudo para o incêndio. Vão à garage, trazem as latas de gasolina e distribuem-na pelos compartimentos do primeiro andar; principalmente no aposento onde estavam os documentos devem regar bem as carpetes, os reposteiros e tôdas as coisas mais fàcilmente inflamáveis...

— Bom e deixam-na ficar amordaçada...

— Sim, mas antes vão buscar o miúdo que deitam junto dela, amordaçado também.

— Depois é só lançar fogo...

— Claro! Ah! E não se esqueçam de cortar o telefone...

— Já se vê, é o que estava combinado.

— Bem, depois aguardam que o incêndio alastre um pouco e metem-se no automóvel seguindo logo pela estrada em frente, até à ponte.

— Aí paramos...

— Sim, simulando uma pane colocam o carro por forma a cortar a passagem pela ponte e logo que chegue a irmã da condessa, que se terá chamado pelo telefone, estabelecem a discussão com o chauffeur para o obrigar a sair do carro; e logo que o tenham amarrado às guardas da ponte e fusilado, levam a irmã da condessa para o tal barracão...

— É lá que lhe damos o lenço com clorofórmio...

— Pode ser mesmo no caminho até lá, por forma a que chegue já desmaiada. Depois despem-na e fazem tudo o que está combinado.

— É demais...

— É demais o quê?

— Nada, eu não disse nada...

— Então é alguém que também está ligado...

— Foi cruzamento de linhas...

— Bom, isto quanto à condessa, a irmã e o miúdo. Quanto ao marido já sabes; depois da explosão na fábrica, a seguir ao roubo dos planos e dos contratos, será lançado ao rio junto ao açude das oficinas, com todos aqueles cuidados que combinámos para que o seu corpo não torne a aparecer...

— Exacto, só nessa altura é que vamos a casa da velhota.

— Isso mesmo; levam então os documentos a casa

da Viscondessa, da mãe dele; os criados estão comprados e a um sinal será morto o velho mordomo; com a Viscondessa é que é preciso não esquecerem nenhum dos pormenores que se combinaram.

— Já sei, de forma a conseguir que a sua razão fraca e abalada...

— Se perca por completo. Ora para isso, é preciso que tudo lhe seja contado com a maior crueldade, não esquecendo o mínimo detalhe àcêrca do fim que teve cada um dos seus; a morte do filho no açude, com a descrição de todos aqueles preparativos e o relato dos horrores que devem preceder o seu desaparecimento no rio...

— A morte das mulheres...

— A morte da neta, tudo enfim com a maior exactidão e tôdas as minúcias, até as mais aflitivas, por forma a conseguir a sua loucura, a sua inconsciência que tornem fácil e possível a assinatura dos contratos pela sua parte...

— Bem, bem, está tudo percebido. O resto já eu sei.

— O que é preciso é que êles àmanhã apareçam todos à hora marcada...

— Mas...

— Mas quê?

— Mas nada, eu não disse nada...

— Outra vez alguma ligação mal feita.

— Eu falo então àmanhã para tua casa antes de saír...

— Sim, mas olha que o número mudou; agora é Norte 9834...

— Ora ainda bem que o disse.

— Ainda bem porquê!?

— Eu não disse nada...

— Mau, temos terceiro na conversa.

— Pois têm sim senhor; tenho estado a ouvir tudo o que os cavalheiros têm para aí estado a tramar, a combinar e num crescendo de indignação e de revolta, contive-me para ver se descobria uma indicação qualquer, uma pista, um pormenor que me permitisse evitar todos êsses hediondos crimes que os senhores projectam e premeditam...

— Mas dá-me licença...

— Agora tem que me ouvir. Felizmente revelaram um número de telefone e agora sou eu que os intimo a confessarem-me o resto, a dizerem-me tudo; fiquem sabendo que já não os largo, porque hei-de fazer todo o possível para não consentir, para não permitir que tanta maldade se ponha em prática...

— Mas perdão...

— Qual perdão; isso não tem perdão possível. Até onde pode chegar a crueldade humana! Pelo que ouvi percebo que estou tratando com facínoras da pior espécie, capazes de tudo. Mas também os aviso de que não tenho mêdo da vossa vingança, nem das vossas ciladas e hei-de defender êsses inocentes até à última, custe o que custar. Tenho um número de telefone e tenho-os portanto na mão.

— Ó Senhor, mas dá-me licença...

— Não percamos tempo em explicações; já disse; nada de subterfúgios, nem de evasivas... O número do telefone já aqui está apontado e agora preciso de saber imediatamente os nomes dessas pessoas que os Senhores pretendem assaltar e assassinar, para os poder avisar e pôr a salvo...

— Mas perdão...

— Bem sei que não lhes convém e que lhes vou transtornar todos os planos, mas agora tenho-os filados e têm que me obedecer, senão...

— Ó Senhor, mas escute...

— Nada de palavras inúteis; intimo-os mais uma vez a que me digam os nomes das suas vítimas, imediatamente.

— Mas o cavalheiro, faz favor...

— Vamos, indiquem já o local onde pretendiam levar a cabo tão bárbaros crimes, tão repugnantes atentados?

— Mas escute...

— Não escuto nada. Quero apenas saber onde ia desenrolar-se essa tragédia?

— Ó meu caro senhor mas esta tragédia vai desenrolar-se no S. Luís logo que a fita esteja pronta...

— A fita?!!

— Sim. «Os crimes da quadrilha negra», uma charge áqueles filmes americanos Granguinholescos, cujo entrecho estávamos a repetir...

— O quê! O Senhor estava...

— Claro. Estava apenas a combinar aqui com o Leitão de Barros mais êste fonofilme da Tobis...

AO OUVIDO DE MADAME X... P. T. O.

(IR BUSCAR LÃ...)

— Está? É a Sr.ª D. Luísa de Vasconcelos e Sande?

— Sou, quem fala?

— Depois lhe digo.

— É melhor dizer já, que eu tenho mais que fazer.

— Depois o saberá, não tenha pressa.

— Ah! sim. Mas previno-o de que não estou para brincadeiras. Mesmo porque o Carnaval ainda vem longe e eu detesto os engraçados anónimos ao telefone.

— Não que idea. Como vê eu conheço-a bem, disse o seu nome...

— Isso não admira, vem na lista.

— Sou um dos seus admiradores...

— Também não me admira nada. Já eu não posso dizer o mesmo. Não tenho admiração nenhuma pelos incógnitos.

— Não lhe posso ainda dizer o meu nome. É um mistério, que não posso ainda revelar.

— Tem medo da polícia...

— Não, que idea; é uma surprêsa.

— E parece-me que desagradável.

— Sabe, eu conheço-a muito bem...

— Sim já mo disse; se não passa daí o melhor é desligar...

— Ainda aqui há tempos a vi entrar no teatro...

— Ah! Estava talvez a abrir as portas dos automóveis...

— Não, que idea!...

— Sempre tenho mais ideas que o Senhor, pelo que estou ouvindo. Se o seu físico é no género do seu espírito, já vejo que não tem nada de recomendável...

— Perdão, eu vi-a depois lá dentro no teatro.

— Era algum dos arrumadores? Não reparei decerto. E depois que concluiu de tudo isso?

— Perdão, escute.

— Não tenho feito outra coisa. Mas ainda não ouvi nada de geito.

— Pois creia que fiquei logo preso dos seus encantos.

— Se tivesse ficado apenas preso era preferível. Não estava eu agora aqui, a aturá-lo.

— E pensei logo em fazer-lhe a côrte...

— Ah! Sim! mas em que papel? No de mordomo ou no de criado de mêsa?

— Eu sei lá; por si era capaz de tudo...

— Mas o meu pessoal menor está completo, tem que desistir...

— De qualquer forma eu não desisto de me atirar...

— Veja lá se cai.

— Tem resposta para tudo...

— Já eu não posso dizer o mesmo de si.

— Está hoje com tão mau génio!

— Estou sempre assim quando me maçam.

— Pois eu vinha exactamente distraí-la.

— Olhe que com o seu espírito parece-me que há-de ser difícil...

— Pois olhe que se engana; sou muito capaz disso; é que não conhece ainda as minhas qualidades...

— Duas pelo menos já descobri: a vaidade e o desconhecimento completo de si mesmo.

— Pois olhe que assim ao telefone, tenho conseguido divertir muitas senhoras...

— Naturalmente senhoras, da fôrça do senhor.

— Ora, ora, confesse que no fundo está a achar uma certa graça.

— Nem mesmo à superfície. Para engraçado, convença-se de que não tem piada nenhuma.

— É a primeira pessoa que mo diz!

— Era bom que fôsse a última...

— Mas tem de concordar que está um bocadinho intrigada...

— Está completamente iludido. O senhor faz-me lembrar aquelas máscaras muito divertidas, que não conseguem intrigar ninguém...

— Mas se não sabe quem eu sou!...

— Isso é o que lhe parece.

— Essa agora! Quere talvez convencer-me de que já me reconheceu, que sabe quem eu sou!

— Reconheci-o logo às primeiras palavras. É um sensaborão qualquer, que não tem nada que fazer

e julga que tem muito espírito. Ora vê como advinhei.

— Isso também já é demais. Parece-me que não a ofendi. Uma simples brincadeira, não é caso para me tratar assim!...

— Não! era caso para muito mais. Porque o Sr. não tem o direito de incomodar os outros e de pretender fazer espírito com as pessoas que não conhece.

— Pretender fazer espírito!

— Sim, porque isto de fazer graça ao telefone ou seja lá onde fôr, não é tão fácil como lhe parece...

— Mas perdão...

— O seu procedimento não tem perdão possível; era melhor que tratasse da sua vida e fizesse qualquer coisa de útil ou de aproveitável...

— Essa agora! Sabe o que a Sr.ª estava a pedir...

— Ora se sei. Estava a pedir que me dissessem quem o Sr. é, para lhe dar o correctivo que merece...

— Perdão, perdão, sabe o que me dá vontade?

— Também sei; é de se ir embora e de não se meter noutra, porque não tem mais nada que dizer.

— É demais, sabe de que eu agora precisava...

— Perfeitamente; precisava de ter que fazer, para não lhe sobrar o tempo para maçar os outros com as suas parvoíces, com as suas imbecilidades... Precisava de ter um modo de vida, um emprêgo, um ofício qualquer, que lhe evitasse essa vida de ociosidade, que lhe permite decerto andar a pulir as calçadas, a roçar-se pelas esquinas e a servir de estôrvo, a todos os que têm que fazer e a quem o senhor serve apenas de embaraço e de empecilho. Precisava de ter uma

ocupação, para não impedir os telefones, que se fizeram para tratar de coisas úteis e não para brincadeiras; e para não vir tirar o tempo às senhoras que em sua casa também têm muito que fazer. Percebeu?... Ouviu? Então já não brinca?... Já não diz mais nada?... Já não protesta?... Está?... Está lá?... Ah! Já desligou; ora ainda bem.

SALADA TELEFÓNICA

— Mas afinal o que me quere Você?

— Oiça Margarida, eu queria dizer-lhe uma coisa, mas há-de prometer-me não revelar a ninguém o que lhe vou dizer.

— Ah! Então é coisa importante! Algum segrêdo de Estado?

— Não, mas é precisamente sôbre o meu estado actual...

— Então como está você?

— Não brinque. É que penso de facto em mudar de estado...

— Vai nesse caso para o estrangeiro?

— Não; refiro-me ao meu estado cívil...

— Já vejo que o seu estado não é bom.

— Sim, estou num estado de excitação terrível...

— Logo vi que estava em estado... comatoso.

— Oiça Margarida, não brinque, deixe-me acabar...

— Mas se ainda nem começou...

— Pois você não me deixa!... escute; eu sempre tive por si uma grande estima, um grande afecto. Ora

êsse afecto aumentou ùltimamente, tem ido num crescendo...

— Percebo, o afecto já vai estando crescidinho.

— Mas espere, deixe-me confessar-lhe tudo o que sinto por si...

— Tudo! Não será muito!

— Oiça, a grande amizade que lhe tinha, transformou-se num afecto maior, que pouco a pouco se foi modificando, até se transformar por fim num grande amor...

— Tantas mutações! Isso é pior do que nas mágicas!...

— Creia, Margarida, eu amo-a loucamente...

— Tão loucamente que o diz assim mesmo ao telefone, sem receio de me comprometer. Olhe que os telefones por vezes são indiscretos; são como certas paredes, têm ouvidos.

— Não sabem de quem se trata; há tantas Margaridas.

— Mas se há tantas Margaridas, porque razão é que a sua fantasia só esta escolhe...

— Já vejo que não posso falar a sério...

— Pois a culpa é sua, João; como quere que o tome a sério, com êsse ar que tomou de D. João Tenório. Ora tenha juízo.

— Serei o que quizer; mas creia que lhe falo sinceramente.

— Mas bem sabe que sou inacessível a semelhantes declarações. Sabe que sempre tenho respondido negativamente a expansões dessa natureza, tanto ao Luís, como ao Alfredo e mesmo ao Carlos, ainda há bem pouco tempo.

— Nesse caso, já não sou, nem o segundo, nem o terceiro que se arvora perante você em D. João...

— Pois bem será o D. João 4.º se prefere; e pelo ar madrigalesco, está hoje todo em estilo D. João 5.º; mas o que você está é muito ratão, muito João Ratão, aí tem; a querer tentar esta carochinha. Para o que lhe havia de dar hoje!

— Pois creia, Margarida, que o meu amor é sincero. Talvez o suponha igual ao dos outros que citou e por isso me quere responder da mesma forma. Mas se eu lhe disser, se eu lhe pedir que recorde qual foi a origem, a fonte dêste sentimento, a Margarida vai com certeza...

— À fonte?

— Oiça, vai com certeza acreditar-me...

— Mesmo indo à fonte como V. quere, há-de ser difícil. Eu já não estou em idade de acreditar nessas coisas fàcilmente João...

— *É o João? Está lá? É do armazém?*

— Ó senhor, faça favor de desligar que não é para aqui...

— Vê, lá estamos ligados com um terceiro. Eu não lhe digo que os telefones são indiscretos. O melhor é desligar...

— Foi um engano. Não desligue, temos tão poucas ocasiões de conversar; V. está quási sempre fora...

— Mas parece-me que não é esta, também, a melhor oportunidade...

— Oiça, Margarida...

— *Margarina não temos, deve vir esta semana, facturada a 18 escudos cif. Tejo...*

— Ó Senhor, desligue, já lhe disse, não faça confusões...

— Eu não lhe digo João, o melhor é desistirmos. Bem vê, ou melhor bem ouve, que não há maneira de nos entendermos.

— Não; espere; foi ligação mal feita ou fios que se tocaram com o temporal. Não quero perder esta ocasião; tenho tanto que lhe dizer...

— Pois por isso mesmo, tanto para dizer com tanta interrupção, nunca mais saímos daqui.

— Isto passa. Foi dos fios. Estão talvez a querer ligar para aí, para Colares...

— *Colares tinto ou branco?*

— Ó Senhor desligue, não interrompa quem está falando, tenha consideração.

— *Pode ser à consignação, mas com os fretes pagos na origem...*

— O Sr. é que está dando origem a esta trapalhada tôda; faz favor de desligar...

— Vê, João, que é impossível; é uma maçada, não consegue assim falar de amor.

— *Pomada amor só temos vinte grosas, caixas pequenas...*

— Eu não lhe digo, João...

— Olhe, Margarida, deixe-o falar; façamos de conta que não é comnosco; de resto o assunto é bem diferente...

— Pois por isso mesmo...

— *Se é urgente, é melhor fazer já a encomenda, para se fazer a remessa...*

— Olhe, Margarida, não imagina como eu tenho pensado em si...

— A Margarina também deve estar a chegar, mas é melhor dizer as quantidades de pomada para fazer a factura...

— Tenho pensado em si e tenho sonhado constantemente com o momento em que possa pertencer-me...

— A não ser que lhe mande da Margarina Vaqueiro que também é boa.

— Vê, João, não consegue dizer nada.

— Está ouvindo Sôr Sousa e não se esqueça também do Colares Ramisco.

— O seu sorriso, o seu olhar, tenho-os sempre presentes...

— Sim Sr.; o presente é no fim do ano, já sabe, meia caixa de Pôrto...

— Está ouvindo Margarida?...

— Estou ouvindo até demais... isto de amor e negócios misturados... coisas de coração e géneros alimentícios...

— Mas abstraia dos outros, oiça-me só a mim...

— Então está firme Sôr Sousa?... Posso então fazer a encomenda?...

— Sim Sr. João, tenho tentado ligar do armazém e nada...

— Vê, Margarida, agora já se encontraram os outros, podemos continuar...

— Sempre vai o verde Gatão?

— Podemos continuar João, mas continuamos a não dizer nada com geito.

— Vem o Gatão e o Viuva Gomes, vinte cascos...

— Ó filha mas a conversa dêles é noutro mundo tão diferente...

— E a batata serviu?

— *Mal pesada seu Sousa, muito mal pesada...*

— Creia, João, que neste ambiente não me apetece falar de amor...

— *Já não vai a Pomada?*

— *Mas qual pomada!*

— Oiça, Margarida, basta apenas não pensar senão em mim.

— *Ó homem então V. não tinha feito já a encomenda? A Margarina é que ainda não veiu, mas tem da Vaqueiro.*

— E creia, minha filha, que quando a gente só pensa em alguém, que põe êsse alguém acima de tudo, nada mais ouve, nem vê, por nada mais se interessa.

— *O que eu quero é que V. me mande os três fardos de bacalhau que ontem encomendei; o mais e conversa...*

— Mas diga também, Margarida, que me ama.

— *E a batata não lhe convém?*

— *Está quási tôda pôdre!*

— Oiça Margarida... diga também, diga que me quere.

— *Margarina já lhe disse que não chegou. Agora se quere a batata mando já...*

— Ande, Margarida, responda.

— *Já disse que também vai a Margarina...*

— Margarida, não me ouve?

— *Ó Senhor já lhe disse que também vai.*

— Então meu amor,... desligou?

— *Mas a batata? Sempre quere a batata...*

— Qual batata Sr., qual batata? O Sr. telmou que não havia de desligar e estragou-me tudo.

— *Não Sr. a batata era boa, estragou-se no barco, com certeza apanhou água.*

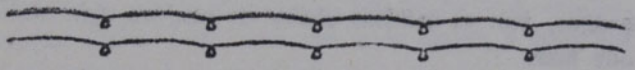
— Pois ainda bem, ainda bem; e que pena que o Sr. não tivesse ido também ao fundo.

— *O quê! O quê! Mas por isso é mais barata, vendo-lha mais barata.*

— Pois que lhe faça muito bom proveito.

— *Ora essa, pelo preço é bom negócio. Não pode dizer que a batata não é negócio.*

— Pois abóbora, meu caro Sr.; abóbora para o negócio.



CENAS DOS NOSSOS DIAS

— És tu, Fifi?

— Sou, o que é que queres?

— Olha, eu... queria ir hoje... depois de saír da Repartição, comprar aquele almanaque que se vende na Travessa de S. Domingos...

— Não senhor, não temos passeios.

— É por causa das charadas...

— Já lhe disse, é saír da Repartição e vir logo direitinho para casa; não queremos maus costumes...

— Ó, filha, é para me entreter ao serão.

— Tem muito com que se entreter. Olhe, côsa as suas peúgas, que andam sempre esburacadas, seu desmazeladão...

— Pois olha, não é por andar muito...

— Já lhe disse, nada de discussões; a modos que se está saíndo muito...

— Pois por não poder saír, é que quero arranjar distracção em casa, para ficar...

— Tem cá muitas distracções, já lhe disse; tem as

peúgas, tem as camisas cheias de rasgões, tem muito que fazer...

— Pois eu não as sei coser; é por isso que os buracos são cada vez maiores...

— Pois então aprenda; ora aí tem. E ainda confessa a sua inaptidão, a sua ignorância! Seu desageitado!

— Mas é que o almanaque não traz só charadas; tem também outras coisas que distraem um bocado...

— E êle a dar-lhe com o almanaque, com as distracções. Já é ser teimoso...

— Tem coisas úteis, tem receitas de bolos, coisas de costura...

— Não precisa; leia a página feminina do jornal e deixe-se de tolices.

— É só às quintas feiras...

— E então! Só tem que esperar dois dias. Mesmo hoje, tem que tomar conta dos pequenos e entretê-los enquanto eu vou à Associação.

— Mas demoras-te?...

— Não sei, hoje há reünião magna da direcção...

— Mas ainda ontem houve!

— Isso foi da Associação de classe; hoje é das Escoteiras. Mesmo isso não é da sua conta. O senhor disso não percebe nada. Podia haver duas reüniões a seguir, podia a mesma durar dois dias, podia ser uma coisa urgente; o senhor disso o que é que sabe, o que é que percebe, o que é que entende?...

— Bem, bem, está bem. Nem quero mesmo perceber. Olha: e não queres que te leve o café do Nicola?

— Não é preciso; eu trato disso; não o quero lá metido por cafés. Traga-me apenas o tabaco, que já está no fim. Mas é daquele para o cachimbo. Do outro

mais fraco, que trouxe ontem, não quero mais. Mesmo, porque assim evito que me ande depois a fazer por aí cigarrinhos às escondidas.

— Podes crer que não fumei, juro.

— Pois sim; imagina que ando a dormir, que não lhe notei o cheiro, a-pesar-dos seus perfumes?

— Ó filha, mas tu também não tens confiança nenhuma...

— Tenho tido até demais. Mas basta de conversas. Não perca tempo ao telefone; cumpra as suas obrigações; senão, depois lá tenho que ir outra vez pedir que o mantenham no emprêgo.

— Ó filha, bem sabes que da outra vez foram intrigas dos colegas; são uns linguareiros...

— Vocês são todos os mesmos: faladores, sempre com ditos e mexericos; bem se vê que não têm outras coisas mais importantes e graves em que pensar. Mas estamos entendidos; tem um quarto de hora para chegar a casa.

— Sim, mais minuto, menos minuto...

— Isso sim. Nem mais, nem menos; um quarto de hora chega muito bem; tem obrigação de chegar a horas certas; foi para isso que lhe comprei o relógio de pulso. E despache-se, porque assim que acabar o artigo que estou a fazer tenho de o levar à redacção; e os pequenos não podem ficar sós.

— Está bem, vou logo, para tratar das crianças.

— E à noite tem muito que fazer; tem uma ruma de fraldas para passar e tem aqueles cueiros que arranjou ontem e que estavam afinal uma vergonha...

— Ó filhinha, mas disso tenho desculpa; é que me

distraí um pouco a ouvir pela telefonia, a conferência que fizeste ontem no C. T. 1. B. A.

— Pois sim, mas como hoje não há... essa desculpa, tenha mais cuidado com a roupa. E para a outra vez, é preferível não se distraír com coisas que não entende. E ponto na conversa e já direitinho para casa.

— Está bem filha... só há uma coisa que me custa...

— Mau, mau... temos novas ideas...

— É que tinha pensado... em ir hoje cortar o cabelo; pelo menos dar-lhe um geito... já vai estando precisado...

— Essa agora! Isso é o cúmulo! Ainda há dias ondulou, ainda há tão pouco tempo que foi ao barbeiro, que tratou disso! É demais!...

— Ó filha, mas bem vês que dura pouco; para ficar bom, só com uma permanente...

— Permanente é a sua teimosia, a sua mania do luxo, das modas, dos coquetismos. É demais! É de perder a paciência! Não quere senão gastar em coisas fúteis, não pensa senão em perfumes, em cremes, em ondulações, em arrebiques...

— Está bem filha... não se fala mais nisso... vou já para casa; não se fala mais em ondulações... não vale a pena zangar... pronto, faço papelotes.

2.ª PARTE

EM TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

DRAMA TELEFÓNICO

A acção decorre, na infância do telefone; naqueles recuados tempos em que o telefone era apenas ainda um instrumento de suplício, numa cidade que então se podia chamar de «Intrujons-burgo», onde existia uma companhia de telefones que podia denominar-se «The Telefone System Espera-Galego Company».

A cena representa o sumptuoso escritório de uma daquelas companhias de Seguros que não ofereciam nenhuma segurança. Fim de ano. O pessoal, atarefado, procede ao balanço, para ver se a Companhia ainda nele se agüenta.

(Quando sobe o pano, ouve-se um côro harmonioso de máquinas Remington).

O director da companhia *(para o empregado)*

— Ligue aí para o Norte 3.9.2.4.

O empregado *(que é da província e ainda ingènuamente incivilizado)*

— Sim, Sr.... *(pegando no auscultador, mas largando-o logo, porque o telefone dá um estalo que o deixa meio surdo).*

— Apre que é bruto...

O director *(levantando-se furibundo).*

— Isso é comigo?...

O empregado *(agarrado a um ouvido)*

— Não Sr., foi o aparelho que deu um estalo...

O director

— Um par dêles anda você a pedir há muito tempo...

O empregado *(ou melhor a vítima, pegando novamente no auscultador)*

— Tá lá?... *(mas o aparelho começa a emitir uns sons raspantes que arrepiam e que chegam à medula do empregado que é um poucochinho nervoso).*

O director *(para o empregado)*

— Então você ainda não ligou?

O empregado *(contorcendo-se para o telefone)*

— Esteja quieto, que me faz impressão...

O Director

— Ó seu malcriado!!

O empregado

— É o telefone que está com a gripe pneumónica; tem um catarro que até faz aflição!!...

O director *(impacientando-se)*

— Mas você afinal liga ou não liga??...

O empregado

— Sim, Sr.... mas não ligam nenhuma... eu bem quero... mas não posso... *(dando um pulo)* ai... ai...

O director *(saltando na cadeira)*

— Mas então que pagode é êste?

O empregado

— É êle... agora está com tosse convulsa *(ouvem-se vários sons estranhos).*

O director *(voltando-se irritado)*

— Você é preciso que seja muito bruto, para estar assim a arrotar diante de mim...

O empregado

— Não Sr.... foi êle...

O director

— Êle quem?

O empregado *(cabeceando)*

— É o telefone... agora parece que está a imitar um vitelo desmamado... tá lá?... tá lá?... ó menina... está... lá... Está... está... boazinha.. *(o zumbido do telefone continua e pouco depois o empregado, embalado por aquele som doloroso e plangente acaba por adormecer. Meia hora depois tem metido o auscultador na algibeira do casaco e resona estrondosamente. O Director, julgando que é o telefone, continua trabalhando sem fazer caso. Por fim o empregado desiquilibra-se e bate com a cabeça no bocal do aparelho; acorda assustado e grita):* Quem fala?... Está lá... *(o telefone nada).*

O Director

— Então?

O empregado *(ainda estremunhado)*

— Então era pastor... não há meio *(O Director furioso pela falta de respeito, põe o empregado na rua; e meia hora depois nas sombras do escritório, outro empregado, arrebatado, louco, procura por todos os meios suasórios ao seu alcance, convencer o telefone a ligar-se com o 3.9.2.7. Tem para êle carinhos de mãi, ternuras de namorado, frases persuasivas, palavras convincentes: chama-lhe seu mais que tudo... e êle nada; acarinha-lhe os fios, dá-lhe palmadinhas no descanço, oscula-lhe o bocal, faz-lhe festas no aviso ao Srs. assinantes, e êle a nada se move).*

(Nisto a voz de uma menina)

— Que deseja?...

O empregado *(radiante)*

— Ora até que enfim...

O director *(com interêsse)*

— Ligaram???...

O empregado *(suspenso)*

— Está quási, está quási... está lá... faz favor... tá-lá...

O director

— Então aproveite esta ocasião única; tenha cuidado.

O empregado

— Tá lá... está lá... *(desanimado)* Já não está lá...

O director

— Pois você não aproveitou a deixa.

O empregado

— Deixá-lo, espero mais um bocadinho.

(Passa outra hora; as sombras do crepúsculo vão já envolvendo os móveis, os imóveis e os semoventes; e os «tá lá»... do empregado são já roucos e abafados; por fim uma síncope muitíssimo cardíaca acomete-o inesperadamente e êle vai caír nos braços de uma cadeira, que o ampara solícita, como era seu dever; o director substitue-o logo por outro empregado).

O 3.º empregado *(para o telefone)*

— Está lá?

(inesperadamente uma voz)

— Donde fala?

O empregado

— Quem fala? quem fala aí? É do Norte 4.6.27.?

O director *(assustado)*

— Não é isso, não é isso homem... 3.9.27, norte, General Santos...

O empregado *(precipitadamente)*

— Três vezes 9 vinte sete, central, general Tansos do norte...

O director

— Donde fala?

O empregado *(sem tomar o fôlego)*

— Companhia de Seguros «O Futuro»...

A voz

— O quê?

O empregado *(esganiçando-se)*

— Daqui fala do Futuro.

A voz

— Ah! é de alguma bruxa, então é engano, desligue, desligue...

O empregado

— Não... não... é da Companhia... tá lá? tá... lá? *(acabrunhado)*, e foi-se... *(o telefone tem outro*

período de catarro, mas desta vez com soluços e toques de campainha; pouco depois o Director vê-se obrigado a substituir o 3.º empregado e assim sucessivamente. Por fim resolve pôr um anúncio por ter o «stock» de empregados quási no fim. Três dias depois, o décimo quinto empregado, de joelhos e com voz lacrimosa, para o telefone).

— Está lá?... está... lá? es... tá... lá?

A voz de uma menina

— Que deseja?... Que deseja?...

O empregado *(já desnorteado)*

— O quê? O que desejo?...

O director *(amparando-o)*

— Então, coragem... aproveite agora... o que é isso?...

O empregado *(quási desfalecido)*

— Ai! é que não se pode falar com esta menina, tem tão mau hálito...

O director

— Ora abóbora... deixe ver o auscultador *(para o telefone)* allô... allô...

O empregado *(scéptico)*

— Pois sim, canta-lhe dessas...

A voz da menina

— Então que deseja?... Despache-se...

O Director

— Norte... 3.9.2.7... norte menina... sim menina... *(o telefone dá três estalos que deixam o Director a zenir)* apre, que até vi as estrêlas...

O empregado *(àparte)*

— Ora toma. É para que saibas.

O Director

— Allô... allô... *(dando o auscultador ao empregado)* tome lá, tome lá, espere que lhe liguem...

O empregado *(trauteando)*

— Ailló... ailló...

O Director *(ainda agarrado a uma orelha)*

— Você está doido?... espere que lhe falem; esteja calado, senão estraga tudo.

(O telefone começa a imitar um bezouro moribundo, e depois um gramofone antediluviano. Passam duas horas; o telefone entretem-se agora a imitar um vapor a

levantar ferro e depois um choque de combóios; o empregado passa o auscultador para o ouvido esquerdo, porque já está completamente surdo do direito; o desgraçado já com vários cabelos brancos, tem o aspecto resignado dum mártir da inquisição).

Inesperadamente uma voz.

— Número?

O empregado *(sem perceber)*

— Número! Qual número?...

A voz

— O carnaval ainda vem longe *(desliga).*

O Director

— Então... então... pregunte se é de casa do general Santos... é por causa dum seguro de vida homem... é urgente... o homem estava muito mal... é um negócio de grandes capitais...

O empregado *(ràpidamente)*

— Pst... ó menina... tá lá? O Sr. General está melhor? tá lá!... olhe que é urgente... temos capitais... tá lá!... está?... já desligou... agora só p'rá semana...

O Director *(sai resignado e o empregado continua firme no seu posto)*

(Três dias depois: Uma voz grossa):

— Quem fala?

O empregado *(distraìdamente)*

— Eu cá não fui... ah... espere aí... é de casa do General?

A voz

— Não Sr.... Daqui é da Companhia de Transportes por grosso... a Destruïdora, Limitada.

O empregado

— Não foi pr'aí que eu mandei ligar.

A voz

— Então desligue depressa...

O empregado

— É o desligas... nessa não caio eu... depois de tanto trabalho...

Outra voz

— Que número deseja?

O empregado

— É da casa do general do norte 3.9.2.7...

A voz

— Está impedido...

O empregado

— Está o impedido? Mas é mesmo com o Sr. General que eu quero falar... o quê... vá ela, ora a malcriada...

Outra voz grossa

— Quem fala?

O empregado *(desorientado, perfilando-se)*

— Pronto, meu general...

A voz

— General era o seu tio sua grandecíssima besta... ora torne a brincar comigo, que talvez o mande p'ró major...

O empregado *(assustado, pondo a mão no bocal do aparelho)*

— Esteja quieto, veja lá...

Outra voz

— O patrão está?

O empregado *(ainda pálido vendo que o Director ainda não voltou)*

— Agora não está aqui, o que deseja?

A voz

—Êle foi p'rá C. G. T.?

O empregado

— Não... não... foi ao W. C... mas não se demora... o quê?... malcriado será êle... que tal está!...

O director *(entrando)*

— Então não respondem?

O empregado

— Só respondem torto...

O director

— Constou-me que o General partiu para o Pôrto, ligue aí para o Pôrto... peça «Troncas»...

Uma voz

— Que deseja?

O empregado

— Trombas, menina... trombas para o Pôrto.

O director

— Troncas homem... troncas...

O empregado

— Trompas menina... Trompas... *(começam a ouvir-se várias vozes, ao mesmo tempo, por ligação mal feita).*

O empregado

— Está... lá?... o que foi? *(para o Director)* está imensa gente no Pôrto... mas não se percebe nada.

Uma voz sumida

— O material está caríssimo...

Outra mais próxima

— Não te esqueças do pó de arroz.

(Várias vozes, de vários tons e vários calibres, simultâneamente).

— Isso também eu queria... — 30 quilos é muito... — ó filha bem sabes que só o teu amor me faz feliz... a mamã saíu... — mas o vapor ainda não chegou,

meu caro senhor... — que dizes minha querida?... mas você afinal não passa de um intrujão!... — Deixá-lo, amo-te sempre... — pois a batata está pôdre... — e eu adoro-te... — isso é uma vigarice.

O empregado *(já fora de si, com os cabelos em pé, como que alucinado, inconscientemente)*

— General... 3...9... norte... Santos,.,. 27... sim menina — a nove nas Trompas... do General... do Pôrto...

Uma voz maviosa

— Sim, filha, e qual era o perfume, de Coty?...

Uma voz grossa

— De bacalhau... três costais...

Várias vozes

— Ó filha não te percebo!... — Àmanhã é que anda a roda?... — Sim senhor... — Não posso, filho... — Requisite um esquadrão de cavalaria... — Mas sabes como eu te amo... — Pois mande a factura e mais 500 quilos... — Então adeus... meu amor... — Devem ficar de prevenção... — Muitos beijos, minha querida.,. — Aonde?... Três arrôbas... só no depósito...

(O empregado com os olhos esgazeados e o fato em desalinho é sùbitamente atacado

de um delírio furioso e depois de ter partido os fios do telefone, começa a comer o auscultador do aparelho e cai estrebuchando.

O Director entra novamente, com uma carta escrita há três dias, em que lhe participam a morte do general Santos ; rasga a carta fatal e cai numa cadeira fulminado.

A Companhia de Seguros o «Futuro», com o rombo que sofreu, fica pertencendo ao passado.

E o pano cai também, depois da Companhia).

UMA TRAGÉDIA DIGITAL

ALGUMAS INCONVENIÊNCIAS DO PROGRESSO

Da T. C. F. à T. S. M. *(Da telefonia com fios à telefonia sem meninas)*

A cena representa uma casa em Lisboa. A acção decorre naquele período calamitoso e felizmente de pouca duração, em que os telefones aspirantes ao sistema automático, desligando-se das meninas, andavam a praticar para se ligarem sósinhos, sem ligarem nenhuma aos assinantes.

(Estão em cena, um empregado dos telefones e um assinante dos mesmos).

O empregado dos telefones

— Venho ensinar como funciona o automático.

O assinante

— Ora mas que incómodo, muito obrigado.

O dos telefones

— Onde está o aparelho?

O assinante

— O aparelho, o aparelho? Ah! parece-me que deve estar aí para dentro de uma dessas gavetas...

O empregado *(surpreendido e tirando o aparelho de uma gaveta)*

— Mas está cheio de pó! Não tem servido?

O assinante

— Isso sim. Para nada. Há que tempos que nem tento servir-me dêle. Já no meu escritório comercial é a mesma coisa; os empregados adormeciam todos à espera que lhes ligassem. Por fim desistimos.

O dos telefones

— Mas V. Ex.ª compreende. É uma coisa transitória. O serviço está deficiente por causa da instalação do automático.

O assinante

— Pois será, mas bem vê, que nós não podiamos ter um empregado ali à espera que se concluíssem as instalações. Adotámos por isso um moço de fretes

que é muito mais rápido e não está sujeito às complicações, às confusões, às ligações mal feitas. O moço liga sempre e liga sempre bem, desde que lhe paguem o recado. E é também automático; anda por seu pé e faz também todo o serviço sem meninas.

O empregado

— Mas nunca pode ser tão rápido como os telefones.

O assinante

— Comparado com os telefones actuais, não é rapido, é expresso, é fulminante.

O empregado *(vai experimentar o aparelho, mas ao chegar o bocal aos lábios engasga-se, espirra, agonia-se, dando mostras de ter engolido qualquer objecto extranho)*

O assinante *(olhando o bocal do aparelho)*

— Algum aranhiço que lhe entrou para as goelas, com certeza. Está cheio de teias de aranha êste bocal.

O empregado *(lançando ainda para todos os lados várias grosas de perdigotos ao natural)*

— Mas nem ao menos têm falado para cá?

O assinante

— Já ninguém cai daí abaixo. Isto é, só dos escritórios da companhia é que ontem recebi comunicação para mandar pagar a assinatura.

O dos telefones

Pois V. Ex.ª vai ver agora, que com o automático tudo vai mudar. O serviço vai ser perfeito.

O assinante *(numa esperança)*

— Sim!? Que Deus o oiça.

O empregado

— Agora vou explicar-lhe como funciona o automático. Se V. Ex.ª quere que outras pessoas da família fiquem elucidadas, é melhor chamar...

O assinante

— Não é preciso. Cá em casa, apenas eu me sirvo dêle. Vivo só com dois criados, que são tão surdos como actualmente os telefones.

O empregado *(destapando o registo do automático)*

— Ora muito bem. Como V. Ex.ª vê, o mecanismo é muito simples e fácil de manejar. Temos aqui o disco numerado, o disco rotativo e o gancho fixo.

O assinante

— Então agora, que as senhoras deixaram de usar ganchos, é que os telefones começam a usá-los!

O empregado

Bem vê, é a lei das compensações. Mas como ia dizendo, isto é muito simples. Convém antes de mais nada saber o que precisa de ter na memória e o que precisa esquecer; esquecer por exemplo, como diz aqui neste folheto, todos os números antigos...

O assinante

— Isso é fácil. Eu até me esqueço dos modernos.

O dos telefones

— Esquecer o hábito de preguntar que horas são...

O assinante

— Essa agora! Então nunca mais posso saber as horas?

O empregado

— Perdão, só não pode preguntar às meninas da estação.

O assinante

— Ah! é verdade, acabam-se as meninas.

O empregado

— E, enfim, esquecer tôdas as coisas que vêm aqui indicadas.

O assinante

— Nêsse caso o melhor é nem as ler; poupo assim o trabalho de as esquecer.

O empregado

— Perdão. Tem de ler para saber... como direi... para saber... o que não deve...

O assinante

— Percebo, para saber o que não devo saber. Bom, mas então como se liga?

O empregado

— Vai ver. Primeiro temos de consultar...

O assinante

— Um médico?

O empregado

— Não, a lista para ver o número.

O assinante

— Isso é velho.

O empregado

— Mas é que os números são todos novos...

O assinante

— Bem e depois?

O empregado

— Depois, mete o dedo indicador no orifício do primeiro número da esquerda, faz girar o disco e logo que encontre o gancho, retira o dedo e larga o disco, deixando-o voltar sósinho à primitiva posição, mas sem lhe tocar.

O assinante

— Êle vai por seu pé...

O empregado

— Claro, vai sósinho. Depois torna a meter o dedo...

O assinante *(curioso)*

— Aonde? Aonde?

O empregado

— No 2.° número, também da esquerda.

O assinante

— É tudo pela esquerda!

O empregado

— Tudo!

O assinante

— É ótimo para canhotos. Mas o trânsito agora é todo pela direita!

O empregado

— Aqui não; aqui ainda vamos pela esquerda. Depois de fazer girar o disco como da 1.ª vez, mete o dedo no 3.º orifício, executando a mesma operação; depois...

O assinante

— O quê, ainda há mais números!

O empregado

— Depois vai para o quarto...

O assinante

— O quê! com o dedo no orificio! Eu posso lá dormir nessa posição!!

O empregado

— Vai para o 4.º número; depois para o 5.º...

O assinante

— Percebo, per omnia secula.

O empregado

— Não; depois não há mais números. Espera-se então um bocado até ouvir o sinal de...

O assinante

— De recolher? De recolher o dedo...

O empregado

— Não Sr: o sinal de tocar.

O assinante

— De tocar o disco?

O empregado

— Não, o sinal de que o outro está a tocar.

O assinante

— O outro! Mas qual?

O empregado

— O outro aparelho, o outro telefone...

O assinante

— É verdade já não me lembrava do outro.

O empregado

— Neste momento é que começa a ser necessário saber distinguir os sons.

O assinante

— Saber um pouco de música?

O empregado

— Refiro-me aos diversos sinais. Ora, quere ouvir? *(chegando o auscultador ao ouvido do assinante)*. O que ouve?

O assinante

— Ouço assim como que uns gemidos. Algum assinante à espera de ligação com certeza.

O empregado

— Isso sim. São uns zumbidos intermitentes.

O assinante

— Zumbidos! Algum mosquito se calhar.

O empregado

— São zumbidos intermitentes de som grave...

O assinante

— Isso é mais grave. Alguma vespa?

O empregado

— Não senhor. É o sinal de tocar. Quere dizer que o outro tem a linha boa e está tocando.

O assinante

— É natural, está satisfeito; tem a linha boa e está tocando em sinal de regosijo.

O empregado

— Mas se ouvir zumbidos intermitentes de som agudo, quere dizer que está impedido, e então desliga e espera dois minutos; se ouvir um som agudo e contínuo...

O assinante

— Já sei, se ouvir um contínuo quere dizer que liguei para alguma repartição.

O empregado

— Não senhor; é porque está inacessível.

O assinante

— Quem, o contínuo?

O empregado

— Não senhor; o telefone para onde se quere falar. Ou então, porque não há telefone com o número marcado, ou porque o número foi alterado, ou a linha está desligada temporàriamente, ou enfim porque o outro deixou de ter telefone...

O assinante *(já desnorteado)*

— Percebo; ou porque nós também já não temos telefone.

O empregado

— Isso não! Mas pode também estar avariado.

O assinante

— Quem o assinante?

O empregado

— Não senhor; o outro telefone.

O assinante

— Oh! Mas que confusão.

O empregado

— E liga-se então para o 92.

O assinante

— O quê! Para a casa dos chapéus de chuva?

O empregado

— Não senhor, para as reclamações. E daí logo dizem se o defeito é da linha...

O assinante

— É caso para perder a linha! Depois de tanto trabalho! Bom, mas afinal quando é que a gente fala?

O empregado

— Nestes casos não se chega a falar.

O assinante

— Olhem que decepção! Então como havemos de fazer?

O empregado

— Só ligando para outro número.

O assinante

— Percebo! Para fazer horas!

O empregado

— Também, se ouvimos o sinal de tocar e o outro não responder dentro de 60 a 90 segundos, o melhor é desligar.

O assinante

— É bom, nesse caso, levar sempre um cronómetro.

O empregado

— Convém também não esquecer que se deve desligar imediatamente, quando se cometa qualquer êrro.

O assinante

— Mas tôda a gente sabe que «errare humanum est» e não é justo...

O empregado

— Bom, mas é que desliga, apenas para ligar novamente.

O assinante

— Enfim, para fazer uma ligação não fazemos senão desligar.

O empregado

— Não senhor; só devemos desligar quando houver, por exemplo, engano no número que se marcou; ou quando tivermos dúvidas sôbre a sua exactidão; ou quando deixamos escapar o dedo antes de atingir o gancho; ou quando se meter o dedo num orifício diferente...

O assinante

— Mas é sempre preciso meter o dedo?

O empregado

— Só o dedo; diz aqui no prospecto, que nem um lápis ou coisa parecida se pode meter...

O assinante

— O quê, não há outra forma de ligar?

O empregado

— Não pode ser doutra forma, só com o dedo indicador...

O assinante *(que tem estado sempre com as mãos nos bolsos)*

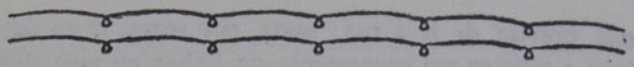
— Ora! Ora! Nesse caso tenho de mandar retirar o aparelho, que já não me serve para nada. Eu sou aquele pintor sem dedos que tem trabalhado no Coliseu...

O empregado *(caindo desfalecido num fauteuil)*

— Ora abobora, meu caro senhor!!! Ora por aí é que devíamos ter começado!

3.ª PARTE

3.ª PARTE



VARIEDADES

(UM POUCO DE TEATRO DE TRAZER POR CASA)

Na era calamitosa de tremenda crise que todo o mundo atravessa, tudo o que possa alegrar-nos ou distrair-nos econòmicamente e mesmo sendo possível, sem dar um passo fora de casa, deve constituir a nossa suprema aspiração.

Os teatros estão caros e os transportes estão caríssimos.

Um pobre chefe de família, que tenha a desdita de ter sob a sua dependência uma numerosa tríbu familiar, nunca mais consegue a sua independência se fizer grandes tentativas para a distrair fora do lar.

O mais pequeno raid exterior que tente fazer, deixa-lhe logo as finanças numa lástima, os orçamentos num perigoso e fatal desiquilíbrio e está dentro em pouco a ver navios, o que é ainda das poucas coisas que êle pode ver de graça, pelo menos aparentemente.

Ora quem tenha um telefone e queira teatro variado,

não precisa de ir à rua; basta, por vezes, ir ao telefone e esperar um cruzamento de linhas ou uma ligação mal feita.

E pode ter assim de tudo: o drama, a comédia, a farça.

Algumas amostras sem valor:

O TEATRO INFANTIL

«ATRIBULAÇÕES DUM IMPEDIDO»

. . . . . .

— Mas então o que mais há?

— Saberá Vossa *Inselência* que não há mais nada do que a Senhora quere.

— Mas que mais trapalhadas fez Vossê? Estou a ver que as compras que já trouxe vêm afinal tôdas trocadas. Vossê é parvo de todo. Não percebo nada disto.

— Saberá Vossa *inselência*...

— Que Vossê afinal não sabe nada, não percebe nada, não serve para nada. Mas onde está Vossê agora?

— Saberá Vossa *inselência* que vim aqui a um *telifone*...

— Obrigada, isso já eu percebi. Até me admira como teve êsse expediente. Onde é que está a falar, nalgum locutório público?

— Oh! não minha senhora, estou numa *lêtaria*...

— Pois é, uma cabine, uma estação...

— Não é estação, é uma *loje*...

— Claro, uma estação de chamadas...

— Não é preciso chamar, não minha senhora. É só botar uma corôa num migalheiro, depois *dá-se-le* uns socos e a gente bota-se a falar; foi o caixeiro da *loje* que m'ensinou...

— Mas afinal o que é que Vossê quere?

— É que não há na tenda as mercas que a senhora queria...

— Ó homem, é lá possível. Então não há margarina, nem sabão macaco!

— Saberá Vossa *Inselência* que o sabão havia, agora a Margarida dizem êles que foi à fonte e macacos diz que só no *jardim do lógico*...

— Isto é que é um alarve. Já nestas compras da drogaria não trouxe a maior parte das coisas que eu lhe encomendei e outras vêm trocadas. Nem a loção para o cabelo nem nada. Trouxe-me um frasco com petróleo. O que eu pedi foi petróleo Han para o cabelo.

— Saberá Vossa *inselência* que eu pedi o *pitrólio pó* cabelo.

— Mas pediu petróleo Han?

— Saberá Vossa *inselência* que pedi o *pitrólio.*

— Mas disse petróleo Han?

— Eu disse *pitrólio* p'ro cabelo, o caixeiro é que disse An? Vai daí eu tornei *arrepetir* e êle disse «An?» *traumente* muito admirado de ser *pó* cabelo e vai daí mediu êsse.

— Ó senhores, mas o empregado já sabe muito bem o que eu uso. Mas que empregado é que o atendeu?

— O empregado que m'entendeu?

— Que não o entendeu pelo visto. É aquele baixinho, gordo?

— Saberá Vossa *inselência* que êle não *tá* lá muito gordo...

— Bom, tem de se trocar. E «rouge»?

— Não ruge, não minha senhora, fala *cum'á* gente...

— Falo do «rouge» que lhe encomendei. Você não percebe nada! E também não tinha barbas de milho?

— Saberá Vossa *inselência* que não tinha, tinha a cara rapada *cum'á* gente...

— O quê!

— Tinha só bigode à *amaricana*... dêstes de *piassá*.

— Não é isso que eu lhe pregunto, seu idiota. Falo das barbas de milho para fazer o chá. E também não tinha pés de cereja?

— Saberá Vossa *inselência* que não; *tamen* tinha pés *cum'a* mim.

— Então tinha quatro com certeza...

— Isso é que não *arreparei*.

— Abóbora.

— Abóbora não *préguntei*.

— Cebo!...

— Cebo *tamen* não *m'alembrou*...

— Isto é de perder a paciência. E para os olhos o «Rimel» também não tinha?

— Saberá Vossa *inselência* que *tamen* não tinha *rimela* nos olhos; a modos que já tinha lavado a cara...

— Apre que isto é demais! É o cúmulo! Quer dizer, não fez nada com geito. Afinal para que me serve um impedido assim? Só para me impedir de fazer compras. Se calhar também não trouxe o perfume de Nally..

— Diz que *tamen* não há ali, não minha senhora.

— Valha-me Deus que já me vai faltando a paciência. E afinal nem foi ao Grandela por causa da «mousseline»...

— Saberá Vossa *inselência* que fui sim minha senhora, mas disse-me um senhor oficial que está de sentinela à porta cheio de medalhas, que a Marcelina não tinha lá ido hoje.

— Ai que tapado...

— Vai daí eu *fis-le* a continência e *arretirei-me*.

— Ó homem, a mousseline é um tecido, é uma fazenda, percebe. Eu logo vi que saía asneira. E as gazes também não trouxe? Não foi ao senhor Lopes, da Rua dos Fanqueiros?

— Saberá Vossa *inselência* que fui, mas disseram-me que estavam melhor dos gazes e que *agardeciam* com cuidado...

— O quê! Que agradeciam o cuidado. Mas que trapalhada! Mas o que foi V. fazer? E na retrozaria do Sr. Palha, na Rua de S. Julião também não preguntou...

— No Sr. Julião da Rua da Palha, disseram-me que não usam gazes que é tudo a *inletrecidade*...

— Ai que isto já não me está cheirando nada bem!

— Saberá Vossa *inselência* que deve ser do queijo. O tal *Comamér* não cheira nada bem!

— O quê! O «Camembert»! Mas o que foi V. comprar! Mas eu mandei vir Rockfort...

— Saberá Vossa *inselência* que eu *trouve* êsse, porque não cheirava tão mal. *Mêmo* porque o tal *Roscoffe* já *tava* cheio de bichos.

— Isto é demais! Não contente com as asneiras que

faz, Sua Ex.ª permite-se alterar as minhas ordens, comprar o que muito bem lhe apetece.

— Saberá Vossa *inselência* que êsse *tamen* não me apetece lá muito por *môr* do cheiro...

— Ó Senhores, isto contado nem se acredita. Querem ver que também não foi levar aquela encomenda à Rua Joaquim Bonifácio...

— Saberá Vossa *inselência* que *précurei* mas ninguém sabia onde ficava a Rua *Jóquim Bonifrates* e vai daí...

— Claro e vai daí também não foi. Em conclusão... não fez nada do que lhe disse, não comprou nada do que lhe encomendei. É demais! Sim, porque mesmo aqui não encontro a maior parte das compras. O «soutien-gorge» por exemplo, a sêda para a combinação, nada; afinal não trouxe nada!!

— Saberá Vossa *inselência* que *précurei* mas...

— Mas o quê? Então não lhe recomendei tanto que fôsse à loja do Sr. Conceição na rua da Betesga e que lhe perguntasse pelo «soutien-gorge»?

— Pois saberá Vossa *inselência* que fui à *loje* do *Sôr Bitesga* na Rua da Conceição e *disse-le* assim: A Senhora *pregunta-le* se tem gosma, mas êle ficou todo afinado...

— Ora! Ora! mas que disparate!!!

— *Ospois cando le* disse se queria fazer uma combinação, já não *m'arrespondeu*...

. . . . . .

— Acabou a chamada, quere continuar?

— Não acabei não menina, *tava* a falar.

— Número?

— 25 da 4.ª.

— Número? Número?

— 25 da 4.ª menina, tá lá? tá lá? Ó menina tá-lá? ...tá-lá... Se calhar tá lá e não *m'arresponde*. Malcriadona!...

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

A COMÉDIA

ALTA COMÉDIA
ou
A COMÉDIA DA ALTA

ALTA RODA

(DIÁLOGO ARISTOCRÁTICO)

. . . . . .

— Você é danada ó Luísa!

— Então não acha que fiz bem? O tipo estava num atiranço descarado, apanhou com a janela nas ventas, está claro.

— Ficou achatado...

— Nem mais. Meteu o rabinho entre as pernas e pôz-se logo a cavar.

— O tipo ia pior que um urso, com certeza.

— É p'ra que saiba; p'ra cá vem êle de carrinho. Ai, comigo não brinca. Eu não sou da fôrça da Micas que não tem coragem para o sacudir.

— Sabe, êle anda a ver se pegam as bichas, por qualquer dos lados. O tipo está muito entalado, está têso de todo...

— Ó filho não é lá por êle estar de tanga, por estar na estica, que eu não lhe ligo meia; já tenho dado tréla a muitos que estão ainda mais enrascados do que êle; mas é pelo desplante, pelo atrevimento do

sujeito, que a-pesar-de ver que eu não dou sorte, teima sempre; acaba por ser ingramável.

— Isso é verdade. A gente quando vê que a coisa não pega, deve largar; assim é uma estopada...

— É uma chatice, não se pode gramar um tipo dêsses.

— Claro; eu quando percebo que não me dão corda não avanço mais; ponho-me logo na alheta. Ainda no domingo, lembra-se, no Casino, quando comecei a atirar-me à Júlia, você toscou...

— É verdade, ela não esteve também com mais aquelas; à primeira avançada madrigalesca chapou-lhe logo com aquela frase terna:

«Ó filho vá-se encher de moscas».

— Eu confesso que fiquei à rasca, não esperava uma daquelas.

— Ai que piadão! Ó Chico, você estava mesmo à brocha. E eu a cocar tudo e a dizer comigo: Ai, mas que azelha que o Chico me saíu também.

— Azelha, não. O que é que você queria que eu dissesse! Olha que canudo!

— Ó filho não seja troucha. Aquilo é lá menina para ir assim atrás de madrigais...

— Não sei porquê! Então ela no sábado não andou tôda feita com o Luís que é um tipo todo aliteratado, todo onça, todo pieguismos amaricados...

— É que êle nesse dia estava com leiteira...

— Ora aí está e eu no domingo estava com galinha, não calhou. Mas foi uma gaita, porque na verdade não esperava uma daquelas. Mas não m'as perde; agora há-de vir à bebida, mas há-de ser doutra maneira.

— Estás pior menino! Assim não consegues nada.

— Qual história, eu bem sei como a hei-de caçar.

— Ó menino, já te disse que com falinhas mansas, não consegues nada.

— Isso é o que vamos ver. Aposto dois quilos em como p'rá semana ela está «Knok-out»; valeu?

— Nem cem palhaços, nem duas corôas. Daí a baixo é que eu não caio.

— Eu conheço-lhe bem a corda sensível.

— À corda tem você andado; quási a reboque mesmo; como um lúlú de trazer por casa.

— Ora vai ver.

— Ó filho vai-te matar. Nem pareces do século XX. Ainda o melhor é não lhe ligar meia, fingir que a não grama nem por um decreto e você verá como ela acaba por lh'a ligar tôda. Eu falo por experiência própria. Não há nada melhor para nos aguçar o apetite.

— Essas experiências são perigosas, podem dar bota.

— Não diga isso. Veja por exemplo qual foi a tática do Carlos com a Zeca. Êsse sim, êsse tem lábia, sabe-a tôda, êsse é que é dos fixes. Não esteve com meias medidas, foi à bruta, assim é que é...

— Não; eu sei muito bem o que hei-de fazer. Agora vou falar-lhe mais uma vez, mas muito a sério.

— Ó homem, não seja tanso. Vai sujeitar-se a levar com a tampa mais uma vez. Mas que trouchice! Não homem, não se atire mais à Júlia por enquanto, atire-se às outras...

— Não, isso também não, que depois podia julgar que era verdade e...

— Ora abóbora, meu amigo. E eu aqui a gastar cêra com você. Então adeus; a trouchas da sua fôrça nem vale a pena dar conselhos.

— Ó filha, é que eu lá para certas coisas não tenho lata, não tenho a gagice do Carlos, confesso...

— Ora, ora, meu amigo. Você afinal também não tem planta nenhuma, adeus, adeus...

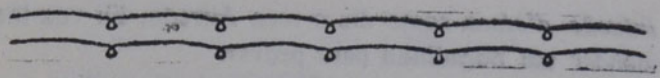
A BAIXA COMÉDIA

OU

A COMÉDIA DOS QUE VÊM DE BAIXO

E

QUEREM FINGIR QUE VÊM DE CIMA



PLEBE ENDINHEIRADA

(DIÁLOGO COM PRETENSÕES)

— Ai não D. Rosa, não consinto...

— Ah! isso é que tem de ser D. *Estrudes*; vou-lhe mandar um pratinho para ver se gosta; as *filhózes* são feitas cá em casa e os pastéis com creme de *enchatili*, trouxe o meu marido ontem da *encharcotaria* do Chiado...

— Não mande D. Rosa, não mande. Não posso comer dôces, estou proïbida dos médicos...

— Ora, ora, não faça caso. Ao menos ha-de provar um pudim que eu comprei ontem.

— Sim, aonde comprou?

— Foi numa casa ali perto do Govêrno Civil.

— Sim?

— Comprei-o na rua *Ácheta*.

— Ah! mas que barato!...

— Barato! Eu não lhe disse quanto custou!

— Ah! julguei que tinha dito o preço...

— Não, que idea; isso foi *inlusão*, D. *Estrudes*...

inlusão d'oteca como diz o meu Alfredo. Eu vou-lhe mandar um bocadinho para provar.

— Isso sim, não *ateime* D. Rosa, ia ficar pior.

— Coitada, mas *afinalmente* o que é que tem D. *Estrudes?*

— Nem êles sabem, tenho consultado um rôr de médicos e nenhum atina com isto. Uns dizem que é do *isófrago*, outros dizem que é uma *minhocardite*...

— Ai filha, minhocas que êles nos metem na cabeça.

— Pois é D. Rosa; até já estou *descarçoada*. Alguns até calculam que é um cálculo.

— Ora, ora se calhar são gazes.

— Isso sim, filha, cá em casa é tudo a *inletrecidade*.

— Não; falo de gazes no interior.

— Eu sei lá. O que sei é que ando já com uma *nôrastenia* que nem me posso ter nas pernas.

— E tem *adiéta* já se vê...

— Pois. Qualquer coisa que coma assim mais fora do *travial*, pronto, são logo umas dôres nas cruzes...

— Cruzes canhoto...

— Mas quem será o *ingraçado* que se está a *intrometer*.

— Sempre há gente muito malcriada!

— Por isso já vê D. Rosa que não posso saír disto. Ainda ontem o meu marido *ateimou*, comi um bocadinho de *miónéze* e pronto...

— Então e o médico...

— O médico não comeu...

— Não, o médico o que diz?

— Ah! Êle até já andou desconfiado que eu tinha uma *ursa* no estômago.

— Oh! coitada!

— É caso para dizer, cala a bôca ursa...

— Mas que *ingraçado!*

— Que gentinha; nem ao telefone uma pessoa pode estar livre dêstes malcriadões.

— Gente ordinária D. *Estrudes;* o melhor é não se fazer caso. E então o que lhe receitou o médico?

— Primeiro deu-me umas gôtas e agora estou a tomar uns *compromissos;* mas estou numa tal fraqueza. O médico já chegou mesmo a fazer uma *analse* para ver se eu tinha o bacilo de *cócoras*...

— Pobre bacilo, que posição tão incómoda!

— Isto é demais! Que ordinarão. Parece-me que ainda digo ao meu Alfredo p'ra fazer uma parte p'ra Companhia...

— Não faça caso D. Rosa, é gente sem *inducação* que se ha-de fazer...

— O sujeito é que não tem nada que fazer com certeza; senão não estava aqui a meter-se com cada um.

— Pois se eu fôsse à senhora já tinha chamado outro médico...

— Ora faz lá idea; tem sido um rôr dêles e dos melhores, dos mais caros; temos gasto um dinheirão;... também tem sido tudo do melhor que há, quási tudo *inspecialistas*...

— Ora isso às vezes ainda é pior. Porque não vai uma vez à *Pelintrinica*...

— Isso é bom p'rá pelintragem.

— Ora, mas que atrevido! E não há forma de nos deixar.

— Não faça caso, D. Rosa; êle ha-de acabar por se aborrecer.

— Ah! Mas é que me faz faltar a paciência. É demais.

— Pois o que eu acho D. Rosa, é que ainda o melhor é *destraír-se, advertir-se,* ir ao teatro, ao cinema...

— Ai, vamos muito. Ainda a semana passada fomos ao D. Maria. Ai muito gostei da Amélia. E o *Robes!* Ai o *Robes* que bem.

— Os robes da D. Amélia?

— Malcriadão!

— Deixe-o falar D. Rosa. Ainda é o melhor. Então gostou?

— Ai, muito, não imagina; que bem que iam todos; a Palmira, a Adelina ..

— Eu também gosto muito da *Aurea...*

— E a *Inclementina?*

— Oh! que inclemências.

— Nunca mais desliga o tal ordinarão.

— Faça de conta que não ouve, é o melhor. E era drama?

— Quási tudo. Eu gostei muito.

— Hei-de dizer ao meu Alfredo p'ra me levar.

— Vá, vá que vale a pena. É uma linda peça.

— Como se chamava?

— Quem?

— A peça.

— Ah! Chamava-se Prémière; parece que é estrangeira; mas percebe-se tudo muito bem.

— Eu também gosto muito do cinema.

— Ai eu não. Destas fitas agora faladas não gosto nada. São tôdas em línguas de fora que a gente não entende.

— Mas tem os letreiros...

— Mas faz uma grande confusão; enquanto se está a ler o que vem escrito em cima dos actores, nem a gente chega a ver o que se passa.

— É que a senhora leva muito tempo a soletrar.

— Mas que atrevido!!

— Deixe-o falar, deixe-o falar. Mas sabe é que êles fazem isso de propósito para a gente perceber.

— Mas foi como se costuma dizer, pior a amêndoa que o sarmento...

— Olhe que o Sarmento não é mau rapaz...

— Ora mas que atrevido que é o tal sugeito!...

— Deixe-o lá D. *Estrudes*, assim é pior.

— Pois eu vou pouco ao cinema. A última fita que vi foi os *Três Mosquiteiros*!...

— Devia haver mosquitos por cordas.

— Olhe que isto é demais. O cavalheiro faz favor de não se intrometer.

— Pois não cavalheira, não se exalte.

— Ó D. *Estrudes*, o melhor é não lhe dar trôco.

— Isto é que o homem é teimoso. Antigamente parece que não havia tantas ligações mal feitas, agora com êstes telefones novos...

— O seu já é dos novos?

— É; é *altomático*.

— É de alto lá com êle...

— Outra vez! Ai que se estivesse aqui o meu marido já lhe dava uma lição.

— Deixe-o lá. Mas como estava dizendo D. *Estrudes*, eu gosto do cinema, mas também aprecio muito o teatro. Ainda ontem fomos à Trindade. Eu gosto muito da *Lucila* e do *Orico*. Ai o *Orico* que engraçado!

— E que simpático; sempre muito bem arranjado, muito bem penteado. O meu Alfredo nem gosta nada que eu diga isto.

— O meu também não. É por isso que nunca quere ficar ao pé da *orquesta*, vai sempre p'ro balcão.

— É para ter a impressão de que ainda está na loja.

— Atrevido! Ordinarão!

— Pois eu D. *Estrades* no balcão não vejo nada, vou sempre para a 1.ª fila dos *flautelhes*.

— Fica mais ao pé das flautas...

— Deixe-o falar, deixe-o falar.

— Mas sabe, o que a senhora precisa é *destrair-se* mesmo em casa. Porque nem tôdas as noites sai e mesmo no verão não apetecem os teatros e os cinêmas.

— Ah! Mas eu distraio-me muito. Temos uma telefonia, um aparelho muito bom...

— Nós também temos um aparelho muito bom; é um *Felipes*.

— Ai o nosso é melhor, é um *Walter Quente*.

— Isso é bom para o inverno.

— E o senhor que lhe importa. Bem se vê que não tem nada que fazer.

— Não faça caso D. Rosa. Pois efectivamente dizem que essas telefonias, *Walter Quentes* são muito boas...

— São quentes e boas.

— Apre que o sujeito é teimoso.

— Teimoso e mal educado. O que êle quere é ver se a gente desliga, mas não há-de levar a sua ávante. E foi caro o seu aparelho?

— Foi o mais caro que havia. Ah! lá nisso o meu marido é assim. Êle há outros mais baratos mas não prestam...

— Pois é; e são êsses que *desacarditam* os outros. É por isso que muita gente não gosta.

— É sempre assim; é como o outro que diz paga o justo pelo *picador*...

— É o que acontece com os cavalos nas touradas.

— Malcriadão. E nunca mais se vai embora. Também *has-de-te* ralar, deixa lá. Mas sabe D. Rosa, nós distraímo-nos muito, mesmo em casa. Ah! fazemos uma vida muito chic, recebemos muito...

— Se calhar gastam mais do que recebem.

— E o Senhor que tem que ver com isso!

— Ó D. *Estrudes* não lhe dê corda; em que dia é que recebe?

— Olhe ainda ontem tivemos visitas, demos *fava-ó--cloque*...

— Isso não se faz! Mandar as visitas à fava!

— Isso devia ir Você seu malcriado.

— Então D. Rosa, agora também a Senhora lhe dá corda; então, deixe-o falar... Pois é verdade; e no verão vamos sempre para fora. O meu marido precisava de fazer uma operação à *graganta* e fômos ao estrangeiro.

— Isso é que é garganta...

— Pois sim, arranha-te.

— O sujeito está, é com inveja.

— Sabe e fiz lá uma ondulação *Marcela* como cá não são capazes.

— Ah! pois não; a de cá estraga-se logo.

— É que se calhar é só Marcelina...

— Ai mas isto é demais; não se podem dizer duas coisas, que êste malcriadão não se *intrometa* logo!...

— E o que tinha afinal o seu marido? Alguma coisa de cuidado?

— Parece que não; o médico julgava que era uma... uma *larangite*...

— Isso é de ficar, a pão e laranjas...

— Mas que *ingraçado*...

— E depois não era?

— Sim, julgou que era uma *larangite pirulenta*...

— Com pírulas?

— Ó Senhor, ao menos deixe-nos falar. Já me vai faltando a paciência.

— Não se irrite, não lhe faça a vontade D. Rosa. Isso é o que êle quere. Mas olhe, porque não *exprimenta* o seu marido, aquele tratamento pelas ondas...

— Ai êle não pode tomar banhos de mar...

— Não; falo daqueles colares brancos...

— Mas o meu Alfredo gosta só do tinto...

— Não é isso; aqueles colares de pôr ao pescoço, colares La costa...

— Talvez la Costa de Caparica... lhe faça bem.

— Era melhor que fôsse tratar da sua vida seu malcriado. Apre que é teimoso.

— Mas eu ainda sou mais, deixe-o lá. Sabe D. Rosa, há-de vir ver uma mobília que comprámos ontem. Tínhamos aquela em estilo *Henrique de quarto*, mas trocámos por uma destas em estilo como êles dizem, *D. João tinto*.

— Eu gosto mais do branco.

— Logo vi que gostava da pinga, seu ordinarão.

— Essa foi boa D. Rosa.

— Pois pudera, apanha para vêr se gostas. E comprámos para pôr em cima da cama um lindo *ebredon*...

— Dom João tinto também?

— Não, êste é do branco, como o Senhor gosta. Ora toma.

— Pois nós o que vamos agora comprar é um carro novo, desta marca *Apanhard.*

— Quem mo dera apanhar.

— Não é para gulosos. Ainda vimos um pequenino que era muito bonito, muito bem pintado, mas o meu marido que estava encantado com êle, disse-me: «olha que Morris!» E eu filha, que não sabia que era o nome da marca, fiquei com uma tal impressão, que já não quiz.

— E não compram já?

— Não; mesmo era muito pequeno e o meu marido está pesado e não ia à vontade; está com 90 quilos e precisa de um carro maior.

— É melhor um camion.

— Já cá faltava a piadinha. Já estava admirada que não desse sinal de si.

— E já tem algum em vistas?

— Sim, temos já *sôbre* palavra um carro grande, um *Hurson* dos maiores...

— Pois, para um *Hurson* de 90 quilos tem que ser.

— Ai eu parece-me que ainda perco a cabeça com êste malcriadão!

— Não faça caso; vai ver que êle não leva a melhor. Ha-de acabar por se aborrecer. As pessoas na nossa situação não se baixam a discutir com gentinha desta. Pois um carro dêsses deve ser bom para viagens grandes, e então para quem é doente.

— É uma boa marca...

— Mas eu gosto mais dum *Cristér*.

— Já tenho dado...

— Não, D. *Estrudes*, um *Cristér* de 6 *cilíndricos*...

— Eu dou sempre de meio litro...

— Falo do meu carro D. *Estrudes*...

— Ah! Desculpe, como estivemos há bocado a falar de doenças, julguei outra coisa. Mesmo já estou desnorteada com os ápartes dêsse malcriadão que se mete na nossa conversa...

— Mas afinal ainda não me disse onde foram o ano passado.

— Ah! Fomos a *Biarrites*, a S. Sebastião...

— Da Pedreira?

— O sr. faz favor de se meter lá na sua vida. Já vai saindo fora das marcas o cavalheiro. É demais...

— Então, D. *Estrudes*.

— É que não posso mais...

— Deixe-o lá falar. Mas e depois onde foram?

— Depois fomos a Lourdes, fomos a *Pau*...

— E corda?

— Ó seu grandecíssimo malcriadão, seu ordinário, olhe que se eu perco a cabeça...

— E põe a giga no chão...

— E já a devia ter posto há muito tempo, fique sabendo, seu atrevido, seu malcriado, seu...

— Então, D. *Estrudes*, então...

— Ai não posso mais D. Rosa, não posso, com esta gente ordinária... até me pode dar alguma coisa... Adeus... adeus...

A FARÇA POPULAR

MOTIVO IMPREVISTO

Pessoas: Eugénio do Ó Junior
D. Carlota do Ó.

(A cena representa uma saleta, em estilo botas de elástico ao natural.)

CENA I

Eugénio *(ao telefone)*

Sim, filhinha, vou com certeza. Até já fiz a mala; tenho tudo preparado... Ó filha, hei-de arranjar uma desculpa qualquer... Ainda não sei bem; mas já cá tenho uma idea. Invento qualquer coisa, uma emprêsa, um negócio... Sim, filhinha, há de ser hoje por fôrça... Pois já se vê. Não a posso aturar, não me larga. Preciso dum mês de férias pelo menos... Pois vamos logo à noite... Qual motivo imprevisto, podes comprar os bilhetes... Qual adiamento, não há nada. Isto tem de ser hoje. Ora vais ver... Olha, eu vou já

pôr-me a cavar... O quê! No quintal! Não, quero dizer que me vou raspar, vou sair já, para não dar nas vistas. O que não convém é estar aqui muito tempo, porque ela pode aparecer. Anda sempre à coca... Não, não é cocaína. A cóca, à espreita. Ainda não percebes bem a nossa língua. Mas olha que uma artista como tu, precisa saber línguas de fora... O quê? Não, não é deitar a língua de fora; saber línguas de fora, línguas estranhas (*num sobressalto*). Olha, parece-me que sinto passos. É melhor desligar... Digo que sinto passos... De quem? Ó filha, agora não convém dizer o nome... Sim..., a consorte... da consorte...

CENA II *(e que cena!)*

(aparece à porta muito desconfiada D. Carlota)

Eugénio *(vendo-a e disfarçando, atrapalhado)*

Da consorte... ora eu não disse; sim, com sorte... com sorte grande... a taluda... saíu a taluda.

D. Carlota *(inquisitorial)*

— Com quem estás tu a falar?

Eugénio *(atarantado, desligando)*

Estava a falar p'ro coiso, p'ro Campião...

D. Carlota

— Do box?

Eugénio

— Não das loterias... afinal já não havia jôgo.

D. Carlota

— Qual jôgo? O futebol?

Eugénio

— Não, o da Santa Casa. Mas já não tinha nem um bilhete; nem ao menos um quarto...

D. Carlota

— Um quarto! P'ra que querias tu um quarto?

Eugénio

— Não, menina, que trapalhada. Um quarto de bilhete, uns décimos, umas cautelas; não tinham jôgo nenhum...

D. Carlota

— Eu é que preciso de ter cautela, porque te estou percebendo o jôgo *(sai)*.

CENA III

Eugénio *(arreliado)*

— Irra que não me larga *(vai espreitar à porta)*. E se calhar a pequena ficou à espera *(pegando no tele-*

fone) Está lá? Está lá?... Está?... Está?... *(impaciente)* Então está ou não está? Ah! olhe ó menina... Então?... está? Está lá? E foi-se embora outra vez. Se calhar julga que isto já é automático, e pronto; não liga nenhuma. A gente que se ligue sòsinho. E está aqui um desgraçado com pressa e nada; fala, ninguém lhe responde, olha, e não vê... Ah! olhe ó menina... Pst, ó menina... espere aí, faz favor... ligue para norte três mil trezentos e trinta e três; não, não tem seis, três, é três;... o quê! Não carreguei nos rr! Ó menina foi sem querer. É o trrrês mil trrrezentos e trrrinta e trrrês do Norrrte; era antigamente da Trrrindade. Não menina, não é isso. Trrrinta e trrrês. Repita! Ó menina, eu já não tenho mais rr. P'rá outra vez mando chamar a preta do mexilhão. Sim, menina, a prreta do mexilhão. Não perrcebe nada. Mas olhe que eu tenho prrressa. Ora até que enfim. Está lá? Quem fala é a Concha? És tu filhinha? O quê! Leitaria! N.º 3336! Ora, ora; *(desligando)* Só por causa dum três, tudo estragado. E agora onde é que eu vou arranjar mais rr. *(Tornando a pegar no auscultador).* Ó menina eu quero Norte trrrês, trrrês, trrrês, trrrês, trrrês, trrrês... não há! mau, já contei a mais. *(Contando pelos dedos.)* Trrrês, trrrês, trrrês, trrrês... aprrre! Sim menina. Vamos a ver se vai desta. Está? É a Concha? És tu!... Ora até que enfim... O quê? Pois desliguei, era preciso... Pois demorei, estive na leitaria, quer dizer, ligaram p'ra leitaria; não percebes?... depois explico. Não convém agora demorar... Vamos combinar isto deprressa, porque as paredes tem ouvidos. ...O quê? disse deprressa? Era algum r que estava ainda entalado na garganta... De-

pois explico. Sim, as paredes têm ouvidos; aqui tudo tem ouvidos. É um perigo. Menos o Telefone. Êsse é que faz ouvidos de mercador. ...Onde vamos? Ó filha, onde quizeres. Junto de ti, em tôda a parte estou bem, meu amorrzinho... O quê? Disse amorrsinho? Ó, filha, desculpa; fiquei com os rr todos desarrumados para ligar p'ra tua casa. Mas olha, podemos ir para Sintra... Sim, para Sintra, não conheces? Para Sintra com S... não gostas? Então com c cedilhado... Ah! Julguei que não gostavas por ser com S. Então, diz lá tu... Praia das Maçãs! Ó filha, mas eu não gosto de maçãs... Colares? Gosto sim. Gosto mais do tinto, do Burjacas... O quê? Mas olha, então para onde quizeres; não te zangues, filhinha... Está? Está? Ó menina estava a falar com o três mil... com o trrrês mil trrrezentos... Como? Mas quem é o Sr.? Mas que trapalhada!... Sim, daqui fala de casa do Ógenio... Não Sr., não é o Ógenio do Ó pai, é o Ógenio do Ó Junior, do Ó filho... O quê! Que bem que falas! Mas então, o Sr. está a brincar! Olhe que eu... O quê? Ah! é a Concha... és tu outra vez Conchinha? Mas que confusão!... Não filha, não era contigo. Estava a dizer a um sujeito que apareceu por aqui, e que julgava que eu era o meu pai, que estava enganado, que eu era o Ógenio do Ó filho, sim filhinha; ...mas olha o melhor é desligar, porque se aparece outra vez a tal, a bicha, passo a ser o Ógenio do Ó... da guarda com certeza...

(*aparece novamente D. Carlota*)

Eugénio (*disfarçando*)

Ora! eu não disse! Do Ó da guarda, sim, da guarda republicana. Bem; então está combinado, pode comprar os bilhetes... sim como quiser (*desliga*).

D. Carlota (*muito desconfiada*)

— E agora com quem era?

Eugénio

— Agora estava a falar p'ró Gama...

D. Carlota

— O Vasco?

Eugénio

— Qual Vasco? O Vasco Santana?

D. Carlota

— Não, o Vasco da Gama.

Eugénio

— Não; era o Gama sem Vasco, o Gama das Massas...

D. Carlota

— O gama Pintos?

Eugénio

— Não, o Gama escudos; mas que trapalhada; o Gama das sortes...

D. Carlota

— Das sortes, bem te percebo, das sortes com as pequenas...

Eugénio

— Não, das sortes grandes; mas que confusão, menina; o das loterias; estava a marcar o jôgo, as cautelas, eu precisava de cautelas...

D. Carlota

— Também acho. Precisas de muita cautela. Olha que eu não t'as perdôo... (*reparando na mala que êle pôs sôbre uma cadeira*). Mas onde vais tu com esta bagagem tôda?!...

Eugénio (*hesitante*)

— Ah! é verdade. Sabes que vou fazer uma viagem.

D. Carlota

— Uma viagem!!!

Eugénio (*muito a medo, tateando o terreno*)

Sim, uma grande viagem. É um negócio importante; um negócio grande, uma grande emprêsa...

D. Carlota

— Acho tudo isso muito grande!!...

Eugénio

— Pois é. É tudo em ponto grande. É um negócio em ponto grande.

D. Carlota

— Em tamanho natural...

Eugénio

— Naturalíssimo. É uma coisa interessante. Negócio em grande escala. Uma coisa de futuro. Vamos montar uma fábrica...

D. Carlota

— Mas tu não sabes montar!

Eugénio

— Isso é cavalos. Agora fábricas, é muito mais fácil; pouco perigoso; mais simples, menos...

D. Carlota

— Percebo. Um negócio de pouco mais ou menos...

Eugénio

— Ó filha, vais ver o que isto vai dar...

D. Carlota

— Vai dar que falar?...

Eugénio

— Pois vai, nos jornais, no Parlamento...

D. Carlota

— Então o Parlamento não está fechado!

Eugénio

— Mas abre-se.

D. Carlota

— Hum! aí há coisa:

Eugénio

— Por enquanto não há coisa nenhuma. Mas vai haver, vai haver...

D. Carlota

— Mas uma fábrica de quê?

Eugénio *(aflicto)*

Ora de que há de ser... uma fábrica de coiso.. uma fábrica de gás...

D. Carlota

— De gás!!!

Eugénio *(engasgado)*

De gás... já se vê... de gás... asfixiante...

D. Carlota

Mas isso vai fazer-te mal; e tu sempre embirraste com o gás.

Eugénio

— Isso sim! Sempre gostei de gases, filhinha. Até gosto imenso de gasosas. De tudo quanto tem gases. Quantas vezes tenho ido ver o gasómetro de Belém *(procurando tornar-se persuasivo)*. Sim filhinha. Há quem goste de ir ao Jardim Zoológico, vêr o hipópotamo. Eu não; eu quando posso, vou ver o gasómetro...

D. Carlota

— Nunca dei por isso!!

Eugénio

— É que não te lembras. Quantas vezes eu estava com dores de estômago e tu dizias que deviam ser gases. Pois aí está, era do gasómetro.

D. Carlota

— Não me cheira a coisa boa.

Eugénio

— Sim, o cheiro não é lá muito agradável.

D. Carlota

— Não falo do gasómetro. Mas repito, não me cheira a coisa boa...

Eugénio *(cheirando para todos os lados)*

— Então deve ser dos canos... a mim não me cheira a nada...

D. Carlota

— E demoras-te?

Eugénio

— Sim, um mês, um mês e picos...

D. Carlota

— Um mês! E picos!...

Eugénio

— Ó filha, então só na viagem são uns poucos de dias; e depois uma fábrica não se monta assim dum dia para o outro; tem que se comprar coisas, encomendar coisas, construir várias coisas...

D. Carlota

— Uns poucos de dias! Mas então para que lados vais tu fabricar os gases?

Eugénio

P'ra longe. P'ra muito longe. Lá p'rós lados do coiso... do canal da Mancha...

D. Carlota

— Mas vais ficar todo manchado!

Eugénio

— Não faz mal, levo aqui benzina.

D. Carlota

— Mas para que lado fica isso? É lá p'rá outra banda?

Eugénio

— Não; é para outra banda muito diferente; fica lá p'rós lados do coiso... do mar Negro...

D. Carlota

— Que escuridão. É melhor levares a lanterna de algibeira...

Eugénio

— Levo aqui um pavio, é bastante, não tenhas receio.

D. Carlota

— Era o que estava na dispensa? Mas êsse não estava arranjado, deixa ver.

Eugénio

Ó filha, eu depois arranjo na viagem, tenho muito tempo.

D. Carlota *(indo à mala)*

— É melhor ir já pronto. Deixa ver...

Eugénio

— Mas para quê? Deixa lá o pavio, filhinha ; não é pressa. Roma e Pavia também não se fizeram num dia ; depois tenho tempo no vapor...

D. Carlota

— Mas tu vais de barco! Tu vais enjoar, Ógenio.

Eugénio

— Isso sim! Quando eu não enjoei até agora, já não enjôo fàcilmente.

D. Carlota

— Mas com o balanço, com certeza que enjoas, agonias-te.

Eugénio

— Levo também aqui um quarto de Vidago. Vou prevenido p'ra tudo. Está tudo previsto, não te apoquentes, minha querida.

D. Carlota *(já meio convencida)*

— Mas que viagem! E assim resolvida de repente.

Eugénio *(vendo que a coisa pega; já mais senhor de si)*

— Ó filha, coisas dos negócios. Quando a gente menos espera, zás, resolve-se constituir uma emprêsa, montar uma fábrica, e pronto; aí temos uma viagem, uma espiga como esta. E depois, uma viagem grande. Calcula que temos de atravessar o Mediterrâneo, vamos direitos á ilha de Malta, seguimos pelo mar Morto...

D. Carlota

— Credo que impressão!

Eugénio

— Depois, vamos direitinhos ao Egito, p'ra ver se conseguimos atravessar o Sahará...

D. Carlota

— *Sará* possível! Vê lá onde te vais meter; demais a mais lá com essa malta...

Eugénio

— Não, menina, a Malta é uma ilha...

D. Carlota

— Seja lá quem fôr, tem cuidado com as companhias.

Eugénio

— Depois de passarmos o deserto, já não há perigo.

D. Carlota

— Mas vê lá se te vais perder nesse deserto.

Eugénio

— Qual história, vou preguntando sempre o caminho. E depois, é tudo bom caminho. É tudo areia, é macio.

D. Carlota

Ó filho, mas que estafa, tudo isso a pé.

Eugénio

— Não, que idea. Alugamos uns camelos.

D. Carlota

— Ó menino, mas que coisa tão incómoda. Vais dar algum geito; êsses bichos são todos aos altos e baixos, tem aquelas marrecas; vais ficar derreado.

Eugénio

— Não, filha. Qual história, está tudo preparado. São camelos lisinhos, sem altos e baixos, todos passados a ferro. Já mandámos arranjar. Está tudo prevenido. E agora, adeus, filhinha, são horas; temos que atravessar primeiro o estreito de Gibraltar.

D. Carlota

— O estreito! Vê lá se podes passar.

Eugénio

— Eu sou magro, não tenhas receio.

D. Carlota

— Vê lá se vais ficar entalado.

Eugénio

— Eu passo com geitinho, não fiques em cuidado. E agora, adeus, filha, não tenho um minuto a perder. *(julgando-se salvo e dirigindo-se para a porta sem se lembrar da mala).* Adeus, filhinha, tenho ainda umas voltas a dar.

D. Carlota

— E sempre vai a mala?

Eugénio (*distraído e arrebatado*)

— Pois vou amá-la, está claro.

D. Carlota

— O quê!!?!

Eugénio *(caindo em si atrapalhado)*

— Quero a mala sim... levo a mala, pois já se vê, dá cá a mala...

D. Carlota *(novamente desconfiada)*

— Hum! Aqui há coisa.

Eugénio *(procurando despachar-se)*

— Adeus minha querida, até à volta *(fazendo-se comovido)*. Depois talvez te escreva...

D. Carlota

— Hein! Talvez! Mas tu vais muito perfumado!

Eugénio

Ó filha é... é por causa dos gazes; é para disfarçar; assim não dou tanto pelo cheiro.

D. Carlota *(pondo-se defronte da porta a tapar a saída)*

— Hum! aqui há história.

Eugénio

— Olha que assim não posso passar.

D. Carlota *(enérgica)*

— Nem é preciso.

Eugénio

— Mau. Olha que estão todos à minha espera, os directores, os engenheiros...

D. Carlota *(irónica)*

— Os camelos...

Eugénio

— É claro. E o barco deve estar a partir...

D. Carlota

— Pois sim, mas eu é que não vou nesse bote.

Eugénio

— Pois não, pois eu é que vou. Já tenho a passagem...

D. Carlota

— Mas aqui é que tu não tens passagem.

Eugénio

— Pois para aqui não comprei, já se vê...

D. Carlota (*cada vez peor*)

— Nada; não te deixo saír para uma emprêsa tão... asfixiante... tão arriscada...

Eugénio (*fazendo-se meigo*)

— Ó filhinha, não tenhas receio. O teu maridinho não há-de sofrer nada. Vá lá, deixe passar o seu Géninho.

D. Carlota (*enérgica*)

— Já te disse. Aqui, não tens tu passagem. Só se passares por cima do meu cadáver.

Eugénio (*numa careta*)

— Que disparate. Até me faz impressão pensar numa coisa dessas. Eu uunca gostei de pisar ninguém; que idea.

D. Carlota

— Nada, a mim não me iludes tu, com as tuas invenções. Aí há saias...

Eugénio (*olhando o fato*)

— Ó filha, são calças; são largas, mas são calças...

D. Carlota

— Ógenio, Ógenio, tu enganas-me.

Eugénio

— Ó génio terrível que tu tens!!

D. Carlota

— Toma cuidado!!

Eugénio

— Ó filha, agora não tomo nada, deixa-me passar que já é tarde.

D. Carlota

— Tu enganas-me, bem o percebo.

Eugénio (*distraído*)

— Ó filhinha, só agora é que tu descobres uma coisa dessas! (*caindo em si, emendando*). Quere dizer, só agora é que tu me falas dessa maneira; (*armando ao sentimento*) só agora ao fim de 25 anos, 28 dias e meio de casados é que tu duvidas de mim, do meu amor, do meu afecto, do meu carinho... (*levando a mão ao pescoço*) espera... parece-me que o colarinho rebentou; tira-me o colarinho, anda minha pombinha; e dá cá outro, tira ali da gaveta da cómoda; sim filhinha, faz êsse favorzinho ao teu Géninho, não sejas má. (*enquanto ela se esforça por abrir a gaveta duma cómoda*). O quê, não abre a cómoda? Eu sempre tenho dito; isso não é uma cómoda, é uma incomoda. — (*ela traz o colarinho*) vá lá, sua ingrata, sua má-sona... agora ponha o colarinho ao seu Géninho, ao

seu queridinho; (*enquanto ela executa*) pois como ia dizendo e muito bem, só agora é que a minha pombinha duvida do meu amor... do meu afecto... do meu colarinho; ai que disparate, do meu carinho é que eu queria dizer; mas está certo; dêsses é que tu deves duvidar porque rebentam todos; agora, no seu maridinho, no seu Géninho, (*solene*) deve ter uma confiança cega, absoluta, pessoal, intransmissível... quero dizer, eterna.

D. Carlota

— Interna?

Eugénio

—Sim, e também interna, cá de dentro, do coração...

D. Carlota (*sensibilizada*)

— Nunca me tinhas dito isso!

Eugénio

— Pois tu nunca me dás a deixa.

D. Carlota

— Nunca me tinhas falado assim!

Eugénio (*vendo que a coisa pega outra vez*)

— Mas falo agora que vou partir para esta grande viagem; falo agora, sim, digo o que sinto e que é cá de dentro; sim, cá de dentro do coração que bate, que bate...

D. Carlota

— Ógénio, isso parece a cantiga do pirolito!!

Eugénio *(solene)*

Mas nem só os pirolitos batem, meu amor; também o meu coração já bateu e bate já se vê, bate por ti, meu amor, minha vida, Carlota dos meus sonhos...

D. Carlota *(perturbada)*

— Sonhas comigo! Nunca me tinhas dito!

Eugénio

— Ainda esta noite tive um pesadelo *(muito terno, D. Juanesco)*. Sim, porque tu és para mim tôda a minha vida e eu sou para mim... espera... aqui houve trapalhada; isto era bonito; tu és para mim tôda a tua vida e eu sou... mau... não era assim; porque tu és para tôda a vida... e mais seis mêses... mau também não é isto... agora já não sei por onde é que tinha começado; mas não faz mal; as palavras nunca podem dizer bem, tudo o que a gente quere Mas não faças caso. O que te digo é que nunca existiu no mundo um amor como o do teu Géninho. Só penso em ti, só te vejo a ti por todos os lados; não posso fazer nada sem ti, nunca me largas...

D. Carlota

— Ógénio!

Eugénio *(emendando)*

Sim, quero dizer que nunca me larga a tua imagem, que estás sempre no meu pensamento. Não vejo outra coisa; quem é que sentiu um amor como êste? Ninguém. Quem é que houve...

D. Carlota

— Couve?

Eugénio

— Tens razão, qu'houve não sôa bem. Quem é que acha...

D. Carlota

— Caixa?

Eugénio

— É verdade, qu'acha também não fecha bem a frase... Espera. Quem é que ama.

D. Carlota

— Cama?

Eugénio

— Abóbora, menina, não é cama, é que ama; quem é que ama, como o teu géninho! Não vês que as palavras nunca podem dar com exactidão tôda a intensidade, do meu afecto *(mais terno)*. Lembras-te do nosso primeiro encontro? Foi numa noite de luar; os passarinhos chilreavam nos seus ninhos... as flôres embalsamadas...

D. Carlota

— Ógénio, as flôres embalsamadas!

Eugénio

— É verdade, os passarinhos é que estavam embalsamados; espera, não me atrapalhes, não era isso. As flôres embalsamavam o ambiente; era uma noite linda, serena, resplandecente; tu estavas sentada junto da janela; como estavas linda! O luar punha nos teus cabelos um brilho estranho, um brilho enorme, e nisto a Aurora...

D. Carlota

— Mas era de noite, Ógénio!

Eugénio

— A Aurora, a filha da porteira,—não te lembras,— entrou e disse não sei o quê, qualquer coisa linda que eu não posso precisar...

D. Carlota

— Preguntou se nós queríamos bacalhau para o almôço...

Eugénio *(enjoado)*

— Mau. Não interrompas. Tu voltaste-te, olhaste-me, viste-me e ficaste embalsamada...

D. Carlota

— Embalsamada!!!

Eugénio

— Embriagada...

D. Carlota

— Ógénio!!

Eugénio

— Pronto; já me atrapalhas-te outra vez. Não era isso, o que eu queria dizer. Tenho o vocábulo aqui debaixo da língua...

D. Carlota

— Ó filho, mas como é que tu metes-te na bôca uma coisa dessas

Eugénio

— Enebriada, ora aí está; ficaste enebriada com a minha formosura.

D. Carlota

— Ó filho, mas que vaidade!

Eugénio

— Enebriada com o meu garbo, com o meu porte... como se diz, com o meu porte...

D. Carlota

— Porte d'arma?

Eugénio

— Não, menina, com o meu porte... varonil. Ora aí está. E naquele encanto mudo, ali ficámos os trrrês...

D. Carlota

— O quê?

Eugénio

— Mau, ainda cá tinha um r entalado. Caíu agora. Depois a Aurora saíu, eu fiquei, tu ficaste...

D. Carlota

— Ela não ficou?

Eugénio

— Não, ela não ficou, nós é que ficámos... vos ficás-tes... êles ficaram... mau... lá me atrapalhaste outra vez. É a tal coisa, não me deixas seguir o meu pensamento... Depois foi um longo beijo... um beijo todo fotogénico...

D. Carlota

— Ógénio, que termos são êsses!!

Eugénio

— Um beijo muito comprido, daqueles muito grandes, do tamanho das fitas...

D. Carlota

— Ógénio, fazes-me mal...

Eugénio

— Ainda bem.

D. Carlota

— O quê?

Eugénio

— Ainda bem que te recordas dêsses momentos, dêsses momentos felizes que já não voltam e que sabe bem recordar *(tocam ao telefone; distraído).* Deve ser a Concha...

D. Carlota

— O quê!!!

Eugénio

— Quer dizer, é da Mancha; deve ser da Mancha...

D. Carlota

— Disseste Concha!

Eugénio *(aflito)*

— Disse Concha? Olha que cabeça a minha! Estava a pensar nas conchinhas que te vou apanhar, quando atravessar a Mancha.

D. Carlota

— A nado?

— Nada; nessa não caio eu. Apanho-as ali numa praia qualquer do Mediterrâneo. Mas eu vou ao telefone; é um instante, minha querida, eu volto já *(de pé, ao telefone)*. Quem fala!... Ah! é o sr. engenheiro! Como passou?... Não percebe! É muito fácil... É, que está outra vez com sorte... Sim, sim eu vou já. Isto está quási... Estou a acabar de arranjar a mala... Sim a mala. Falta pouco... Pois tem demorado, então que quere, a mala é muito grande;... pode acreditar Sr. Engenheiro. Eu vou já... Não falto... Não acredita? Não vê que tive muitas voltas a dar. Tenho dado por aqui muitas voltas:... sim, pode crêr... Ora essa, Sr. Engenheiro, não falto não Sr. isso sim, um instante... Sim, sim... Está bem, está bem,... não esqueço não, Sr. Engenheiro... levo tudo, sim... sim... ora que idea... não esqueço... *(distraindo-se)* não esqueço o pó d'arroz, nem o baton...

D. Carlota *(deixando cair a mala, o chapeu, o sobretudo, em que já tinha pegado para lhe dar)*

— O quê!!! Oh! grande intrujão!!!

Eugénio *(caíndo em si e caíndo desanimado sôbre uma cadeira)*

— Pronto, ora aí está, gato escondido... com o baton de fóra.

(Pano rápido, fulminante)

O DRAMA

O DRAMA

NEM TUDO QUE LUZ É OIRO

— Está? Dê-me: Norte, três, quatro, oi...

— Está? Donde fala?

— Perdão, minha senhora, estava a ligar...

— Ah! é que se enganaram na ligação...

— Mas já agora não desligue...

— Essa agora... para quê?

— Já que o acaso nos ligou...

— Mas que interêsse pode ter uma ligação de acaso...

— Quem sabe lá! Do acaso nasce tudo afinal...

— Mas, neste caso... nem foi o acaso... foi uma menina da Companhia...

— Que me deu assim, por acaso, o prazer de ouvir a sua voz; o timbre tão harmonioso da sua linda voz...

— Mas que extraordinário, que inesperado, que repentino entusiasmo! É sempre assim ao telefone?

— Nem sempre.

— Sim; naturalmente só quando é voz masculina, é que permanece indeferente. Perante uma voz feminina fica logo arrebatado nessa fúria madrigalesca.

— Nem sempre, nem sempre. Só quando ouço uma

voz como a sua, tão melodiosa e dôce, que nos dá logo o retrato vivo do lindo rôsto que a possúe.

— Mas olhe que as vozes, como as aparências, iludem muito...

— Há coisas que não enganam: uma voz pura, cristalina, nasce sempre nuns lábios rosados, frescos, juvenis...

— Olhe que nem sempre. Quanta água puríssima brota de nascentes bravas e pedregosas, de rugosos montes, de medonhas e ásperas cavernas...

— Não tente iludir-me.

— Quero apenas desiludí-lo, creia; evitar-lhe futuras decepções...

— Não queira quebrar o encanto que a sua voz me dá...

— Ah! não tenho nisso prazer algum, pode acreditar; mas não gosto de iludir ninguém, de alimentar fantasias sem fundamento: prefiro a sinceridade...

— São mais dotes excelentes que me revela, que a valorizam e mais avolumam o meu entusiasmo por si...

— Olhe que faz mal. Nunca devemos na vida arrebatar-nos assim tão repentinamente; devemos refrear os nossos entusiasmos, principalmente em casos como êste, em que tão pouco se justificam, em que por quási nada êles despertaram. Olhe que lhe fala alguém de grande experiência...

— Supõe-me talvez um ingénno e um impulsivo?...

— Não suponho, tenho a certeza. É a mocidade que o faz falar...

— Que idea! A mocidade! Isso era bom, era! Já vou quási nos trinta...

— Aí está. Uma criança portanto. Tanto mais que os homens têm sempre no pensar, muito maior juventude que na idade. Tem trinta, pensa como se tivesse dezoito...

— Compreendo, quere pôr á prova o meu entusiasmo; mas pode crêr que com tudo isso, cada vez me consegue atraír mais...

— Tanto pior para si... e para mim afinal...

— Não sei porquê?

— Porque não tenho a idade e os encantos, com que decerto me está fantasiando. Deve moderar os seus ímpetos juvenís; não deve nunca entusiasmar-se assim, perante uma mulher, mesmo que a tenha visto passar na rua junto de si; nunca devemos precipitar-nos para não semearmos por nossas próprias mãos, graves e dolorosas desilusões pela vida fóra... O mundo é todo feito de tristes desencantos, de enganadoras aparências...

— Não consegue convencer-me; cada vez mais se radica em mim, a certeza que a sua voz me deu. Depois eu sou muito supersticioso e tenho a convicção de que a nossa felicidade na vida, depende sempre do acaso, dos elementos que o acaso nos traz ou coloca em nossa frente. Se o acaso nos ligou, juntou as nossas vozes, porque havemos de passar indiferentes um pelo outro, sem respeitar, sem atender os seus desígnios?...

— Era talvez melhor...

— Não. Tanto mais que tudo em si me vai pouco a pouco atraindo. Até as suas palavras sensatas, até a sua maneira de ser tão diferente das outras. Qualquer senhora, neste caso, por menos coquete que fôsse,

não falaria assim; deixava-se logo arrebatar pelo entusiasmo desta aventura que o acaso proporcionou...

— É porque entendo que não devo, que não posso fazê-lo. Tenho as minhas razões, bem poderosas, infelizmente...

— Não diga isso. Não há nada que possa impedi-lo. Vai-me dizer talvez que é casada, que está noiva, mas...

— Nem uma coisa, nem outra...

— Vê, mais razão me dá. Nada há portanto que impeça ou que se oponha ao meu afecto, ao nosso amor...

— Mas que depressa que vai! Bem se vê que estamos na era das grandes velocidades.

— Sim, deixe dizer o nosso amor. Porque não havemos de amar-nos, se nada se opõe a êsse sentimento, que é, afinal, a mola real de tôda a existência; se é a única coisa que a vida tem de bom, de perfeito. Se está só nele, afinal, a nossa felicidade.

— Mas que loucura, mas se me não conhece...

— Pois por isso mesmo; nada há que mais possa aumentar o encanto dêsse sentimento, do que um pouco de mistério...

— Mas, é que maior se torna o sofrimento depois; maior é o desencanto, a desilusão. Olhe que lhe estou falando com a maior sinceridade, para lhe evitar uma grande decepção...

— Não, não tente demover-me.

— É que... deixe-me confessar-lhe... que a sua insistência, a-pesar-de sentir que não devo de forma alguma entusiasmá-lo ou dar-lhe esperanças, me vai já perturbando um pouco também... Estou já tão pouco habituada a essas coisas...

— Não sei porquê.

— Porque já não estou em idade de paixões. Em idade sequer para ouvir galanteios, madrigais...

— Não posso acreditar. Exagera decerto. Pertence ao escasso número de senhoras que pretendem fazer-se mais idosas do que são. Neste caso, apenas no propósito de me afastar, de se ver livre de mim, da minha teimosia. Pois isso, para mim, representa mais uma grande qualidade, que por ser tão rara, é bem mais apreciável. É curioso, que ainda no domingo passado tive sôbre isso uma engraçada discussão com alguém que encontrei num baile...

— Ah! Tem graça foi no baile em casa dos Amoêdos...

— Exactamente! Estava lá?

— Estava, e o que é mais curioso, é que ouvi durante a ceia essa conversa com a Aninhas...

— É verdade, com a Aninhas, pois conhece?

— Perfeitamente; Você é que parece que a não conhecia muito bem...

— Não, fui-lhe apresentado nessa noite...

— Então deve lembrar-se de uma cena que se deu, e em que ninguém mais reparou senão você.

— Não me recordo...

— Não reparou numa senhora de idade que estava perto de si, também de pé junto da mesa...

— Sim, sim, recordo perfeitamente, uma senhora de cabelo todo branco...

— Bastante idosa já...

— Sim devia ter mais de sessenta...

— Sim uns 65 anos. Pois essa senhora é ainda prima da Aninhas...

— Tem graça não sabia... mas qual foi então a cena?

— Não se lembra que a certa altura a senhora, talvez distraída ou entusiasmada, com a vossa conversa, quebrou sem querer a taça que caíu no chão; e ficou muito perturbada...

— Perfeitamente; eu até para a sossegar, como ninguém tinha reparado, empurrei com o pé os vidros para debaixo da mesa...

— E fez isso tão amàvelmente, tão ràpidamente, que nem a própria Aninhas deu por isso...

— Parece que não; e julguei que mais ninguém o tinha visto. V. Ex.ª estava também perto, nesse caso?...

— Muito perto...

— Há sempre alguém que quando menos esperamos, sem que a gente o suspeite, por maior cuidado que se tenha, descobre os nossos actos...

— Não, neste caso Você foi perfeito na rapidez com que ocultou o incidente; ninguém mais deu por êle...

— Mas nesse caso...

— É que fui eu que parti a taça. Era eu a senhora de 65 anos, a prima da Aninhas. E aproveito agora a ocasião para lhe agradecer, já que naquele momento a minha perturbação não mo permitiu, como era meu dever. Creio que me desculpa não é verdade?... Está lá? Está? Não me responde? Está lá? Coitado, desmaiou com certeza, com os meus 65 anos. Nem disfarçou; nem ao menos foi amável. Eu logo vi que um amor tão repentino, não resistia afinal a uma simples certidão de idade.

ÍNDICE

Aviso prévio 7
Manual do bom assinante 17

1.ª parte

Os ossos de ofício de boateiro 31
O perigo das precipitações 45
Como começa 49
Como acaba 57
Sosismo telefónico 63
Um namoro original 67
Sonho desfeito (por um fio) 73
Ligação... que desliga! 81
Surprêsas telefónicas 89
Uma aspiração natural 95
S. O. S. telefónico 101
Cuidado com as imitações 111
Os crimes da quadrilha negra 119
Ao ouvido de madame X... P... T... O... . . . 125
Salada telefónica 131
Cenas dos nossos dias 139

2.ª parte

Em tempos que já lá vão :
Drama telefónico 147
Uma tragédia digital 163

3.ª parte

Variedades :
O teatro infantil (atribulações de um impedido). . . . 183
A comédia :
Alta roda (diálogo aristocrático) 193
Plebe endinheirada (diálogo com pretensões). 199
A farça popular:
Motivo imprevisto 211
O drama :
Nem tudo o que luz é oiro. 241

«UM LIVRO
NUNCA SE DEVIA OFERECER»

Parece-me que li ou ouvi isto em qualquer parte. Se não li nem ouvi, devia ter lido ou ouvido, porque já decerto alguém o disse ou o escreveu. E se ninguém o disse ou pensou, devia ter dito, porque de facto é bem pensado.

Efectivamente um autor é duma grande imodéstia dando à sua própria obra a categoria de presente, de coisa capaz de ofertar-se como prenda, de coisa digna de ler-se. É mostrar claramente a pretensão de que os outros o leiam; é quási obrigar os outros a lerem o que escreveu. É como dizer-lhes: dei-te o livro, agora tens de me dizer se gostaste, o que não poderás fazer sem o teres lido.

Eu bem sei que o facto de o pôr à venda, implica também a pretensão de que lho comprem e lho leiam. Mas já não é tão flagrante a pretensão, não é tão directa a imposição, não visa nin-

guém em especial; o livro é assim para o público anónimo, é para quem não o conhecer e que lho compre.

É por isso um costume péssimo porque, além de tudo, é muito dispendioso para o autor. Porque se os amigos são muitos a despesa é grande; e como, para evitar melindres, dando a um tem de se dar a todos, há sempre a temer que se esgote gratuìtamente a edição.

Há porém um inconveniente maior: é que os amigos ficam sempre à espera de que o autor lhes ofereça o livro e como o autor muitas vezes espera também que os amigos lho comprem — porque com os inimigos nesse caso não pode contar — dá-se muitas vezes o facto lamentável de ficarem à espera uns dos outros e de os livros não terem saída nem duma maneira nem doutra.

Mas emfim, a-pesar-de tudo, não quero desde já romper com velhos hábitos e abrirei por isso ainda, desta vez, algumas excepções.

Não quero porém deixar de te lembrar, caro leitor, o que me parece que deves fazer conforme êste livro te chegou às mãos.

Se o compraste, dize dêle o que te aprouver; mas se te foi oferecido, lembra-te que para ofertas os amigos são sempre numerosos e que os inimigos não o comprarão e por isso, faze tu ao menos propaganda entre os teus amigos e conhecidos, para ver se alguém o compra.

Composto e impresso na
SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE TIPOGRAFIA
L I M I T A D A
R. Almirante Pessanha, 3 e 5
L I S B O A